

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
MESTRADO EM PATRIMÔNIO CULTURAL, PAISAGENS E
CIDADANIA**

**A IDENTIDADE DO ESAVIANO: PRÁTICAS EDUCATIVAS E CONTROLES
INSTITUCIONAIS EM UMA ESCOLA AGRÍCOLA MINEIRA. (1926 a 1948)**

Ernani Barbosa Paes

**VIÇOSA
MINAS GERAIS – BRASIL
2017**

Ficha catalográfica preparada pela Biblioteca Central da Universidade Federal de
Viçosa - Campus Viçosa

T

P126i
2017
Paes, Ernani Barbosa, 1981-
A identidade do esaviano : práticas educativas e controles
institucionais em uma escola agrícola mineira.(1926 a 1948) / Ernani
Barbosa Paes. - Viçosa, MG, 2017.
ix, 151f. : il. ; 29 cm.

Orientador: Denilson Santos de Azevedo.
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Viçosa.
Referências bibliográficas: f.102-104.

1. Universidades e faculdades - História. 2. Internatos.
3. Educação - Estudo e ensino. 4. Conduta. 5. Educação moral e cívica
(Segundo grau). I. Universidade Federal de Viçosa. Departamento de
História. Programa de Pós-graduação em Patrimônio Cultural,
Paisagens e Cidadania. II. Título.

CDD 22 ed. 378.15

ERNANI BARBOSA PAES

**A IDENTIDADE DO ESAVIANO: PRÁTICAS EDUCATIVAS E CONTROLES
INSTITUCIONAIS EM UMA ESCOLA AGRÍCOLA MINEIRA. (1926 a 1948)**

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Viçosa, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Patrimônio Cultural, Paisagens e Cidadania, para obtenção do título de *Magister Scientae*.

VIÇOSA
MINAS GERAIS – BRASIL
2017

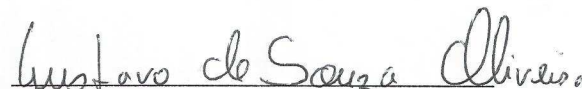
ERNANI BARBOSA PAES

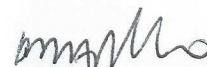
**A IDENTIDADE DO ESAVIANO: PRÁTICAS EDUCATIVAS E CONTROLES
INSTITUCIONAIS EM UMA ESCOLA AGRÍCOLA MINEIRA. (1926 a 1948)**

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Viçosa, como parte das exigências do Programa de Pós Graduação em Patrimônio Cultural, Paisagens e Cidadania, para a obtenção do título de *Magister Scientae*.

APROVADA: 03 de julho de 2017.


Priscila Ribeiro Dorella


Gustavo de Souza Oliveira


Denilson Santos de Azevedo
(Orientador)

*À minha saudosa mãe, Dona Neide
e à minha filha Lavínia.*

Agradecimentos

Agradeço primeiramente a Deus, força maior sem a qual nada em minha vida seria possível.

À Universidade Federal de Viçosa, pelo incentivo à capacitação de seus servidores.

Ao Departamento de História da UFV, o qual comporta o Programa de Pós Graduação em Patrimônio Cultural, Paisagens e Cidadania.

Ao meu orientador, Professor Denílson Santos de Azevedo por ter acompanhado, participado e contribuído para a execução da pesquisa.

Agradeço a Professora Priscila Dorella, pelo incentivo e apoio desde o início do processo de seleção até a participação na banca de avaliação, sempre disposta a colaborar.

Agradeço especialmente à Professora France Maria Gontijo Coelho, pessoa especial, de enorme competência, sem a qual esse trabalho não seria executado.

Aos servidores e estagiários do Arquivo Central e Histórico da UFV, principalmente seu chefe, Eduardo Luiz dos Santos, pelo grande auxílio na pesquisa e na busca pelas fontes utilizadas na investigação.

Aos meus colegas de trabalho do Serviço de Comunicação – SECOM/UFV, pelo apoio em todos os momentos em que estive ausente das minhas funções devido aos estudos.

À toda a minha família, que sempre estiveram comigo nos momentos bons e ruins da vida pessoal, profissional e acadêmica.

Agradeço especialmente à minha esposa Karla, que cuidou de tudo por mim quando precisei me dedicar exclusivamente ao mestrado.

Sumário

Lista de Quadros	vii
Resumo	viii
Abstract	ix

Parte I

	Apresentação	1
	O tema problema da pesquisa.	1
	Uma Escola para uma agricultura científica e técnica.	3
	Memória institucional, identidade e valores.	6
	Questões de método e de fontes.	9
	Uma revisão da historiografia sobre ESAV.	13
	Estrutura do trabalho.	17
Capítulo 1	A ESAV: Uma Escola Superior Agrícola e Pública no estado de Minas Gerais	19
1.1	As Precondições da criação.	19
1.2	A ESAV: Uma Escola diferente.	24
1.3	Um discurso que orienta a prática.	29
Capítulo 2	O processo de formação do técnico esaviano: as aulas de sala e as práticas de campo.	38
2.1	Uma identidade forjada numa escola agrícola.	38
2.2	Ensino prático para modernizar o técnico e a técnica.	39
2.3	Por que aprender a fazer, fazendo?	43
	A experimentação na vida acadêmica do esaviano.	58
Capítulo 3	Internato e Reuniões Gerais: a ação extraclasse e a modelagem do homem esaviano.	69
3.1	A formação integral do esaviano.	69
3.2	O Regime de Internato: O esaviano sendo forjado pela ESAV.	81
3.3	Reuniões Gerais: Espaço pedagógico de formação técnica e moral.	88
	Considerações Finais.	98
	Fontes Pesquisadas.	101
	Referências Bibliográficas.	102

Parte II

	Memória Fotográfica das Práticas Pedagógicas de uma Escola Agrícola da Primeira Metade do Século XX: ESAV, Viçosa MG.	106
	Trabalhando com fontes fotográficas.	113
	Trabalhando com o acervo fotográfico da ESAV.	116

	A Congregação da ESAV	118
11108a	Imagem 1: Reunião da Congregação da ESAV - 1928	118
	Aulas Teóricas	120
04.01.06.01-08	Imagem 2: Aula teórica de português com o Professor Manoel da Costa Lanna – Década de 1920.	121
04.01.06.01-04	Imagem 3: Prof. Lourenço Menicucci em aula teórica sobre Química do Solo – Década de 1930.	121
04.01.06.01-06	Imagem 4: Aula teórica na ESAV – Década de 1930.	122
04.01.07.02-81	Imagem 5: Aula teórica na Semana do Fazendeiro – Década de 1930.	123
11118a	Imagem 6: Aula noturna para operários analfabetos - 1928.	124
04.01.06.01-07	Imagem 7: Prova teórica na ESAV – Década de 1940.	125
	Aulas Práticas	126
04.01.06.03-10	Imagem 8: Aula de pulverização agrícola em plantações da ESAV – Década de 1930.	127
04.01.06.02-46	Imagem 9: Aula prática de pulverização agrícola – s/d.	127
04.01.06.02-51	Imagem 10: Aula prática – abertura de cova em campo experimental para estudos. – s/d.	128
04.01.06.02-35	Imagem 11: Alunos em aula prática de enxertia de mudas de citrus – 1929.	129
04.01.06.02-31	Imagem 12: Aula prática de mudas de citrus – Década de 1920.	129
04.01.06.02-30	Imagem 13: Aula prática de acondicionamento de mudas de citrus – 1929.	130
04.01.06.02-01	Imagem 14: Aula prática no laboratório de bacteriologia e parasitologia – 1939.	131
04.01.06.02-12	Imagem 15: Aula prática de parasitologia – Década de 1930.	132
04.01.06.02-04	Imagem 16: Aula prática de Veterinária – Década de 1930.	133
04.01.06.02-03	Imagem 17: Aula prática de veterinária – 19/03/1937.	133
04.01.06.02-02	Imagem 18: Aula prática de veterinária na ESAV – s/d.	134
04.01.06.02-40	Imagem 19: Aula prática com bovinos em campo – s/d.	135
04.01.06.02-47	Imagem 20: Aula prática de preparo do solo – Década de 1930.	136
04.01.06.02-02	Imagem 21: Aula prática de máquinas agrícolas – Década de 1930.	136
04.01.06.02-19	Imagem 22: Aula prática de desenho – Década de 1930.	137
04.01.06.02-13	Imagem 23: Aula prática de desenho – Década de 1930.	138
	O Sistema de Internato	139
11103a	Imagem 24: Alunos em frente ao Alojamento-Dormitório - 1928.	140
04.01.02.03-06	Imagem 25: Vista Parcial do Alojamento-Dormitório ESAV - 1928.	140
04.01.09.01-54	Imagem 26: Exibição ciclística em frente ao Prédio do Alojamento – s/d.	141
04.01.02.03-25	Imagem 27: Vista Parcial do Alojamento-Dormitório. ESAV - 1928.	142
04.01.02.03-24	Imagem 28: Vista Parcial do Alojamento-Dormitório ESAV - 1928.	143

	As Reuniões Gerais	144
04.01.09.01-59	Imagem 29: Possível Reunião Geral no Salão Nobre - s/d	144
04.01.07.01-25	Imagem 30: Conferência do Dr. P.H Rolfs na Semana do Fazendeiro – 1931.	145
04.01.09.01-09	Imagem 31: Reunião no Salão Nobre da ESAV - Década de 1930.	147
	Considerações Finais	148
	Referências bibliográficas	150
	Fontes Pesquisadas	151

Lista de Quadros

Quadro 1 - Horário da ESAV apresentado na Congregação de 7 de março de 1928

Quadro 2 - Texto do professor Antônio Secundino de São José.

Quadro 3 - Alguns registros de indisciplina encontrados nas Atas da Congregação.

Quadro 3 - Alguns registros de indisciplina encontrados nas Atas da Congregação.

Quadro 4 - Regimento interno da ESAV na versão de 1941.

Quadro 5 - Lista de preleções feitas por docentes em Reuniões Gerais entre os anos de 1930 e 1947, encontradas na documentação.

Quadro 6 - Sistematização da frequência de abordagens das Reuniões Gerais.

Quadro 7 - Distribuição de temas das preleções por professores

Quadro 8 - Número de Reuniões Gerais por ano.

Resumo

PAES, Ernani Barbosa, M.Sc., Universidade Federal de Viçosa, julho de 2017. **A identidade do esaviano: práticas educativas e controles institucionais em uma escola agrícola mineira. (1926-1948)**. Orientador: Denilson Santos de Azevedo.

A presente pesquisa foi produzida no âmbito do Mestrado Profissional em Patrimônio Cultural, Paisagens e Cidadania da Universidade Federal de Viçosa. O estudo trata da análise das práticas pedagógicas e de controle de condutas, além da inculcação de valores morais, cívicos e de higiene, impostos pela direção central da Escola Superior de Agricultura e Veterinária do Estado de Minas Gerais – ESAV, aos seus alunos. O período estudado inicia no ano de 1926, data da inauguração oficial da Instituição, até o ano de 1948, quando o Estabelecimento passou a fazer parte da Universidade Rural do Estado de Minas Gerais – UREMG. As fontes utilizadas estão todas armazenadas no Arquivo Central e Histórico da UFV. A ESAV era uma Escola Superior de Agricultura isolada, criada pelo Presidente Arthur Bernardes, que era viçosense, e dirigida inicialmente pelo estadunidense Peter Henry Rolf. No Estabelecimento eram ministrados cursos elementares, médio e os cursos superiores a partir de 1928. Porém, a formação ministrada pela Instituição aos seus alunos era pensada pela sua administração como algo mais que apenas mera formação para o trabalho. O discurso de criação de um técnico diferenciado dos que já atuavam no país naquela época e as práticas pedagógicas de valorização do ensino mais prático que teórico, onde o aluno aprende a fazer fazendo, além da disciplina constante durante as aulas foram ferramentas indispensáveis pela direção central para a formação de seus técnicos. Ao mesmo tempo, o controle das posturas mediante regras de conduta, dentro e fora do Perímetro da Escola, juntamente à orientação imposta nas Reuniões Gerais, eram as formas de a Escola Superior de Viçosa modelar a atuação social do homem. Assim, agindo de maneira consciente nas duas esferas a diretoria e o corpo docente da ESAV forjavam em seus alunos os padrões os quais eles acreditavam ser o ideal para, nas palavras dos professores e diretores da Escola, atuar na modernização da produção agrícola e na sociedade mineira e brasileira.

Abstract

PAES, Ernani Barbosa, M.Sc., Universidade Federal de Viçosa, July, 2017. **The identity of the esaviano: educational practices and institutional controls in a mining agricultural school. (1926-1948).** Advisor: Denilson Santos de Azevedo.

The present research was produced within the scope of the Professional Masters in Cultural Heritage, Landscapes and Citizenship of the Federal University of Viçosa. The study deals with the analysis of pedagogical practices and conduct control, as well as the inculcation of moral, civic and hygiene values imposed by the central management of the Higher School of Agriculture and Veterinary of the State of Minas Gerais - ESAV, to its students. The period studied began in 1926, when the Institution was officially inaugurated until 1948, when it became part of the Rural University of the State of Minas Gerais - UREMG. The sources used are all stored in the Central Archive and History of the UFV. ESAV was an isolated Higher School of Agriculture, created by President Arthur Bernardes, who was a pioneer, and was initially led by the American Peter Henry Rolf. Elementary, secondary and higher education courses were given in the Institution in 1928. However, the training provided by the Institution to its students was considered by its administration to be more than just training for work. The discourse of creating a technician differentiated from those who already worked in the country at that time and the pedagogical practices of valuing the teaching more practical than theoretical, where the student learns to do doing, besides the constant discipline during the classes were indispensable tools by the central direction For the training of its technicians. At the same time, the control of the postures by rules of conduct, inside and outside the School Perimeter, along with the orientation imposed at the General Meetings, were the ways for the Superior School of Viçosa to model the social performance of man. Thus, acting in a conscious way in both spheres, the ESAV board and faculty forged in their students the standards which they believed to be the ideal for, in the words of the School's teachers and principals, to act in the modernization of agricultural production and society Mining and Brazilian.

Parte I

Apresentação

O tema problema da pesquisa

Esse trabalho trata basicamente do estudo das práticas educacionais empregadas na Escola Superior de Agricultura e Veterinária do Estado de Minas Gerais (ESAV), fundada no município de Viçosa-MG, em 1926. A pesquisa abrange o período que vai do ano de 1926 ao ano de 1948. A opção por este recorte temporal justifica-se por ser a fase inicial da Instituição até o momento no qual houve a transformação da Escola Superior na Universidade Rural do Estado de Minas Gerais – UREMG. Esse período inicial configurou formas de ser e propósitos de ensino, como rotinas e disciplinamentos, que marcaram, de alguma forma, a atual Universidade Federal de Viçosa (UFV).

A partir de uma análise documental dos registros institucionais que resistiram ao tempo, os quais serão descritos no decorrer do texto, foi possível identificar um tipo de identidade pretendida como marcante em seus alunos. Tudo indicou que os chamados esavianos vão surgindo em meio a uma dinâmica pedagógica que pode ser lida como uma espécie de processo civilizatório, como diria Norbert Elias que se dava por meio do controle de condutas sociais e dos valores que deveriam orientar a ação de seus estudantes. Assim, na definição de Elias, civilizar significa que:

... com essa palavra, a sociedade ocidental procura descrever o que lhe constitui o caráter especial e aquilo de que se orgulha: o nível de sua tecnologia, a natureza de suas maneiras, o desenvolvimento de sua cultura científica ou visão do mundo, e muito mais.¹

Ou seja, a sociedade vê como civilizado, aquilo que lhe dá talvez um sentimento de desenvolvimento, segundo alguns padrões estipulados pelos grupos que o cercam. Civilizado é aquele que segue os padrões que melhor se encaixam nas determinações que as regras sociais ditam. Em nosso tema, poderíamos pensar num exemplo: civilizado seria o Engenheiro Agrônomo e o Médico Veterinário, frente aos trabalhadores agrários que se utilizavam das formas “não científicas” para produzir.

Assim, a pesquisa se desenvolveu a partir de bibliografia teórico-histórica e historiografia institucional antecedente, além de análise documental original, como atas,

¹ ELIAS, Norbert. **O processo civilizador**. Tradução Ruy Jungman; Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994. p. 23.

jornais e relatórios institucionais. Além disso, para melhor compreensão do contexto da época, de uma seleção de imagens fotográficas também foi realizada, como se poderá ver ao longo da dissertação.

Cabe esclarecer que esta Escola Agrícola comportava não apenas o ensino superior, mesmo que a justificativa de criação tenha sido o propósito de formação de Engenheiros Agrônomos e Médicos Veterinários, principalmente. Segundo Coelho, nos anos iniciais, o ensino agrícola em Viçosa acontecia em três níveis: o elementar, que formava o lavrador ou capataz, peças chave para o trabalho agrícola; o médio, que formava o técnico agrícola, que cumpriria a função de administrador das propriedades das oligarquias rurais e, finalmente, o nível superior, que formava o agrônomo e o veterinário.²

Assim, o problema que orientou esse trabalho ficou definido como sendo: Qual a dinâmica cotidiana dos trabalhos realizados para ou com os estudantes da ESAV e que viabilizou a institucionalização de um modo de ser próprio de uma escola agrícola Minas Gerais, entre os anos 1920 e final dos anos 1940? Quais as estratégias de ação implementadas pela Escola Superior de Viçosa para formação de um tipo social convencionado como esaviano? Afinal, o que era ser ou tornar-se esaviano, segundo os parâmetros da diretoria e do corpo docente da Instituição?

O processo pelo qual os alunos passavam durante sua vida na Escola era marcado pela fixação de padrões de trabalho e de conduta social pensados na pesquisa como a institucionalização do modelo esaviano. A forma de transmissão dos saberes e as regras impostas atuavam na construção permanente de um processo de modelagem que criariam, concomitantemente, o técnico, e o cidadão.

Por institucionalização, entendemos que é um processo onde as rotinas desenhadas pelas atividades do Estabelecimento passam a ser parte do modo de agir do aluno. Esse processo cria uma espécie de hábito que se torna parte da vida do esaviano que o leva para sua vida, mesmo depois de formado. Segundo Berger e Luckmann:

Toda atividade humana está sujeita ao hábito. Qualquer ação frequentemente repetida torna-se moldada em um padrão, que pode em seguida ser reproduzido com economia de esforço e que, ipso facto, é apreendido pelo executante como tal padrão. O hábito implica além disso que a ação em questão pode ser novamente executada no futuro da mesma maneira e com o mesmo esforço econômico.³

² COELHO, France M. Gontijo. **A produção científico-tecnológica para a agropecuária: da ESAV à UREMG, conteúdos e significados**. Viçosa: UFV, 1992. P. 1-2

³ BERGER, Peter L. LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento**. Trad. Floriano de Souza Fernandes. Petrópolis: Editora Vozes, 1985. p. 77.

Logo, quando pensamos em um processo de institucionalização dos costumes podemos entender o processo como:

A institucionalização ocorre sempre que há uma tipificação recíproca de ações habituais por tipos de atores. Dito de maneira diferente, qualquer uma dessas tipificações é uma instituição. O que deve ser acentuado é a reciprocidade das tipificações institucionais e o caráter típico não somente das ações mas também dos atores nas instituições. As tipificações das ações habituais que constituem as instituições são sempre partilhadas.⁴

A ideia de que a construção de uma identidade se dá no cotidiano institucional e de que é possível captar como essa construção se deu a partir da memória institucional é a hipótese desse trabalho e será o eixo norteador da análise. A maior parte das memórias utilizadas são fontes oficiais da ESAV, preservadas hoje pela Universidade, um fator que aparentemente aponta para a importância dessa fase para se pensar em como a Universidade se vê ou quer ser vista. A primeira fase da Instituição que é aqui analisada, parece delinear um período de consolidação do processo de construção da atual Universidade Federal de Viçosa. Ao evocar seu passado é possível perceber semelhança e ou diferenças com o presente.

Assim, o objetivo geral dessa pesquisa foi construir uma narrativa que explicitasse a forma pela qual se deu a construção desse tipo social chamado de ex-aluno da ESAV, ou seja, o esaviano. Especificamente, propôs-se identificar registros documentais e bibliográficos que esclarecessem estratégias pedagógicas e de controle, que compuseram um projeto político-pedagógico que modelou um perfil técnico, político e de conduta social dos alunos da ESAV.

Uma Escola para uma agricultura científica e técnica

A Escola Superior de Viçosa foi criada a partir da lei nº 761 de 6 de setembro de 1920 para ser uma escola de educação agrícola no estado de Minas Gerais. O texto da lei que deu origem à Escola Superior, diferentemente de instituições de ensino agrícola congêneres da época, apontava atividades complementares ao ensino e que seriam também funções institucionais como, por exemplo, a pesquisa, chamada então de “estudos experimentaes”:

⁴ Ibid. p. 79.

Art. 4º - Esta escola terá por objetivo ministrar o ensino prático e theorico de Agricultura e Veterinária e bem assim realizar estudos experimentaes que concorram para o desenvolvimento de taes sciencias no Estado de Minas Geraes.⁵

A historiografia sobre a ESAV e, por conseguinte, da UFV, trazem olhares diferenciados na análise histórica desta instituição. Denílson Santos de Azevedo, por exemplo, analisou o projeto político pedagógico da ESAV como o intuito de, entre outras coisas, discutir a utilização de uma metodologia peculiar para a formação de um “ethos” específico nos seus alunos.⁶ Já France Maria Gontijo Coelho descreveu a pesquisa agrícola executada na ESAV e em um período inicial de quando de sua transformação em Universidade Rural do Estado de Minas Gerais (UREMG)⁷ Em outro trabalho, a mesma pesquisadora analisou a formação e o desenvolvimento das profissões agrárias no Brasil. Deste trabalho algumas observações sobre a ESAV esclarecem que o processo de formação coloca em indivíduos algo em comum, “a distinção que a instituição escola consagrou. Eles são a ‘classe cultivada’, ‘educada’, condição definida por um processo de socialização metódica e formal.”⁸

Uiara Maria da Silva, por sua vez, analisou uma atividade de extensão universitária, a Semana do Fazendeiro, evento que teve início já em 1929 e que ainda faz parte do calendário de atividades da UFV. Seu trabalho buscou analisar a relação entre os professores e os participantes do evento.⁹ Já Rose Mary Ferreira Diniz Queiroz analisou a evolução da Instituição até se transformar em uma Universidade Federal e sua relação social com o desenvolvimento da estrutura agrária brasileira.¹⁰ Eurípedes Malavolta¹¹, ao fazer um diagnóstico do ensino agrícola brasileiro considerando as práticas de ensino, pesquisa e extensão, cita dados históricos de instituições como a Universidade Federal de Viçosa – UFV,

⁵ LEI nº 761 de de Setembro de 1920 IN: BORGES, José M. SABIONI, Gustavo. **Legislação de importância histórica: Escola Superior de Agricultura e Veterinária – ESAV – 1926-1948, Universidade Rural do Estado de Minas Gerais – UREMG – 1948-1969, Universidade Federal de Viçosa – UFV – 1969-**. Viçosa MG: Editora UFV, 2010. p. 14.

⁶ AZEVEDO, Denílson Santos. **Melhoramento do Homem, do Animal e da Semente. O Projeto Político Pedagógico da Escola Superior de Agricultura e Veterinária do Estado de Minas Gerais (1920-1948): Organização e funcionamento.** São Paulo: USP. 2005. P. 12

⁷ COELHO, France M. Gontijo. Op. cit. 1992. p. 3

⁸ COELHO, France M. Gontijo. **A construção das profissões agrárias.** Brasília: UNB, 1999. p. 2

⁹ SILVA Uiara Maria da. **Extensão Universitária: A interação do conhecimento na Semana do Fazendeiro – UFV.** Viçosa: UFV, 1995.

¹⁰ QUEIROZ, Rose Mary F.D. **A evolução do ensino superior agrícola no Brasil e sua contribuição para o desenvolvimento: o caso de Viçosa – MG.** Brasília: UnB, 1980.

¹¹ MALAVOLTA, Eurípedes. As ciências agrícolas no Brasil. IN: **História das Ciências no Brasil.** São Paulo: EDUSP, 1981. p. 108.

mas tem seu foco, principalmente, na Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz – ESALQ.

Dois outros trabalhos que nos foram úteis são dos autores José Marcondes Borges e Gustavo Sabioni: “A Universidade Federal de Viçosa no Século XX”¹² e “Legislação de Importância Histórica.”¹³ Ambos trazem uma forma oficial da memória institucional da UFV, desde a sua gênese e fornecem uma gama de fatos e dados os quais permitem complementar a análise. A coletânea de datas, nomes, fatos e leis, entre outras observações, configuram uma informação muito rica sobre como as administrações anteriores da Universidade acreditavam ser a melhor forma dela ser vista quanto à sua trajetória, estrutura e razão de existência.

Todos esses trabalhos podem indiciar que essa investigação não se faz sobre uma instituição totalmente desconhecida. No entanto, a proposta deste trabalho é participar deste debate trazendo aspectos estratégicos para a história/memória da Instituição em questão. Cada trabalho discute um determinado problema e demonstra uma visão sobre a Escola Superior de Viçosa. Para enriquecer a discussão, as análises aqui apresentadas tem a pretensão de revelar nuances do cotidiano de formação dos estudantes, o que pode apontar a necessidade de problematização de novos questionamentos sobre que formação oferecer, de que forma e sob quais valores nortear o ensino agrícola.

Analisar a intencionalidade da formação do esaviano nesse caso se torna mais um caminho e mais um ponto dessa discussão. Se pensarmos que todas essas pesquisas, de certo modo abordam traços da formação dos alunos, ou atividades que de certo modo influenciaram na formação ofertada, todas as obras se colocaram como importantes fontes para a delimitação dos traços do que aqui chamaremos de “aluno esaviano”.

A partir desses estudos foi possível indagar sobre como a Escola Superior de Viçosa atuou o sentido de modelar seus alunos de acordo com padrões estabelecidos, tanto pela sua direção central quanto pelos poderes estatais constituídos e pelas expectativas sociais dos grupos sociais que eles representavam. Se concordarmos que “o poder modelador da escola vem de sua sistematicidade e artificialidade, poder que é reforçado por processos tácitos de aprendizagem de normas e valores.”¹⁴, a Escola configura-se como uma instituição social conformadora, que participa, com outras instituições sociais de poder, da construção de

¹² BORGES, José Marcondes. **A Universidade Federal de Viçosa no Século XX**. Viçosa-MG: Imprensa Universitária, 1991. 651p...

¹³ BORGES, José M. SABIONI, Gustavo. **Legislação de importância histórica: Escola Superior de Agricultura e Veterinária – ESAV – 1926-1948, Universidade Rural do Estado de Minas Gerais – UREMIG – 1948-1969, Universidade Federal de Viçosa – UFV – 1969-**. Viçosa MG: Editora UFV, 2010. 407p.

¹⁴ COELHO, France M. Gontijo. Op. cit. 1999. p. 2

formas sociais de existência, reproduzindo ou modificando padrões. Tudo indica que a ESAV, no seu tempo, teve motivação mais transformadora que conservadora do padrão escolar convencional da época.

Memória Institucional, Identidade e Valores.

O fato de estarmos próximos dos 90 anos do início do curso superior da UFV, contando o início das aulas do curso Superior de Agricultura da ESAV em 1º de março de 1928¹⁵ o estímulo à pesquisa foi ainda maior. Quando se alcança uma longevidade dessas parece ser uma tendência, segundo Andreas Huyssen, olhar para trás:

Esse fenômeno caracteriza uma volta ao passado que contrasta totalmente com o privilégio dado que tanto caracterizou as primeiras décadas da modernidade do século XX... No entanto, a partir da década de 1980 o foco parece ter se deslocado dos futuros presentes para os passados presentes;...¹⁶

Essa seria uma tendência dos atuais estudos sobre memória, como apontada pelo autor. A ideia de que as sociedades modernas olham para o passado procurando uma memória que vem se perdendo, é o que se percebe muitas vezes nas instituições que deslocam seu foco, principalmente durante algumas comemorações.

O presente encontra-se evidenciado nas ações de seu passado. Um passado muitas vezes glorificado, que apresenta seus vestígios na forma de uma memória, a qual muitas vezes passa despercebida, ou até mesmo, abandonada na maior parte do tempo, num dito comum. A memória institucional aqui apresenta-se como mais uma interpretação sobre a relação entre a direção da ESAV e seus alunos, o que pode contribuir para melhor compreender a UFV de hoje.¹⁷

Este trabalho sobre a memória na UFV caracteriza-se como um tipo específico de memória, uma memória institucional. Esse conceito abrange, entre outras coisas, a relação entre memória e identidade pois a ação da instituição em estudo permitiu criar identidades que

¹⁵ BORGES, José M. e SABIONI, Gustavo. **A Universidade Federal de Viçosa no século XX**. Viçosa: Editora UFV.

¹⁶ HUYSSSEN, Andreas. **Seduzidos pela memória: arquitetura, monumento e mídia**. Trad. Sérgio Alcides. Rio de Janeiro: Aeroplano. 2000. Cap. 1.

¹⁷ De acordo com o site oficial da UFV, ela é considerada a segunda melhor universidade de Minas Gerais e a 16ª melhor da América Latina segundo a publicação britânica de educação superior Times Higher Education (THE), divulgado no dia 7 de julho de 2016. Disponível em www.ufv.br. Acesso em 02 de Setembro de 2016.

diferem determinado grupo social dos demais membros de uma sociedade. Segundo Marilda Aparecida Soares:

Memória é fonte de conhecimento que abarca as reminiscências individuais ou coletivas, os documentos em diferentes suportes e os monumentos. Enfim, tudo o que os grupos humanos elegeram para ser mantido e deixado para as gerações futuras, o que pressupõe processos de escolha dos valores mais significativos, sejam materiais ou imateriais, e que devem ser lembrados, memorados em grupo, ou comemorados pelas sociedades, como parte de uma herança comum, um legado a ser preservado. Mas a preservação das produções humanas depende da valorização dos legados culturais, da identidade individual e coletiva, do patrimônio, do pertencimento.¹⁸

A memória da ESAV vai sendo assim, construída por indícios deixados em documentos ou monumentos que revelam práticas pedagógicas e de controle social, impostas aos alunos da Instituição. Os diversos ritos herdados, os quais são descritos na documentação arquivada, no acervo fotográfico e na historiografia, traz lugares de uma memória institucional que revelam um perfil de aluno desejado à época e que, talvez, reflita em expectativas de muitas pessoas, entre docentes e técnicos, no presente.

Essa memória se vê impregnada no espaço e em sua dinâmica de funcionamento: nas comemorações da Universidade, na presença de uma Associação dos Ex-alunos (AEA), em eventos como a Semana do Fazendeiro. Essas marcas foram preservadas e ressignificadas através dos tempos, desde a fase de escola superior isolada e fazem parte dos legados da ESAV para a UFV.¹⁹

Nesse sentido, retoma-se Michael Pollak quando ele diz que:

É perfeitamente possível que, por meio da socialização política, ou da socialização histórica, ocorram um fenômeno de projeção ou de identificação com determinado passado, tão forte que podemos falar numa memória quase que herdada. De fato - e eu gostaria de remeter aí ao livro de Philippe Joutard sobre os camisards -, podem existir acontecimentos regionais que traumatizaram tanto, marcaram tanto uma região ou um grupo, que sua memória pode ser transmitida ao longo dos séculos com altíssimo grau de identificação.²⁰

¹⁸ SOARES, Marilda Aparecida. Memória, Patrimônio e Diversidade: Perspectivas para a Construção da Identidade Individual e Coletiva. In: **Percursos Históricos**, Ano II, vol. Jan., série 02/02 2013.

¹⁹ AZEVEDO, Denílson Santos de. Op. cit. p. 6.

²⁰ POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. In: **Revista Estudos Históricos**. Rio de Janeiro: vol. 5, nº 10, 1992, p. 206.

No caso a memória é vista como sendo um processo construído coletivamente onde essa memória marca além dos indivíduos diretamente envolvidos, a própria região na qual o fato ocorreu, gerando grande identificação entre ambos. Ela é capaz de criar nos grupos ou nos indivíduos um sentimento de unidade, de continuidade e de coerência.

Ao estudarmos o legado deixado a partir da formação de um perfil de profissional, estamos contribuindo para tentar compreender o significado de características importantes presentes na história da Universidade, sem falar que conhecendo mais sobre fases anteriores da UFV, podemos efetuar um diálogo cada vez mais intenso e complexo entre passado e presente da Instituição, como frisou Marilda Aparecida Soares no trecho a seguir:

O termo “herança cultural” passou, contemporaneamente, a ser utilizado para definir o patrimônio cultural, referindo-se a todas as produções culturais, materiais ou imateriais, preservadas pelas gerações passadas e transmitidas às novas gerações em diferentes suportes: construções, artefatos, arte, filosofia e ciência. E, nas últimas décadas, a tradição, os ritos, as técnicas, os costumes, os padrões comportamentais e outras formas de expressão cultural também passaram a ser valorizados como parte da herança cultural.²¹

Dessa forma, o estudo da memória se torna válido uma vez que é ele que permite manter conhecidos valores, saberes e técnicas que contribuíram para a criação e transmissão da identidade de um grupo, uma vez que “a temática da Memória envolve a ideia de manutenção das produções humanas, dos saberes, valores e dos feitos produzidos ao longo do tempo pelos diferentes sujeitos sociais.”²².

Estudar a atuação da direção e do corpo docente da ESAV na formação dos estudantes ajuda a entender como essa instituição pretendeu ser vista, por si mesma e pelos externos, pela sociedade. Além disso, permite identificar as mudanças pelas quais passava a própria sociedade ou suas demandas.

Há, também, a expectativa de que este estudo auxilie a indiciar a permanência de valores que a UFV herdou de sua fase primordial. Uma identidade que, segundo Boaventura de Souza Santos, é um conceito moderno que se dá ao se demarcar um perfil, uma característica que diferencia determinados indivíduos de um grupo em relação ao padrão da época. Um padrão moderno para a época que, em nosso caso, era o aluno formado na ESAV.

21 SOARES, Marilda Aparecida. Op. Cit.

22 Ibid.

Sabemos hoje que as identidades culturais não são rígidas nem, muito menos, imutáveis. São resultados sempre transitórios e fugazes de processos de identificação. Mesmo as identidades aparentemente mais sólidas, como a de mulher, homem, país africano, país latino-americano ou país europeu, escondem negociações de sentido, jogos de polissemia, choques de temporalidades em constante processo de transformação, responsáveis em última instância pela sucessão de configurações hermenêuticas que de época para época dão corpo e vida a tais identidades. Identidades são, pois, identificações em curso.²³

Portanto, buscou-se na pesquisa algo que marcasse o perfil de profissional/homem idealizado pela ESAV. Consequentemente, perguntou-se quais seriam as influências recebidas por meio de ações de modelagem social e que eram orientadas para a formação do que chamaremos aqui de identidade esaviana, cujos resquícios foram decodificados dos registros que formam a memória da instituição.

Stuart Hall, ao classificar/definir diferentes tipos de identidade em períodos definidos em sua obra sobre o Iluminismo, a modernidade e a pós-modernidade, aponta que esses tipos não são estruturas engessadas.

O próprio conceito com o qual estamos lidando “identidade” é demasiadamente complexo, muito pouco desenvolvido e muito pouco compreendido na ciência social contemporânea para ser definitivamente posto a prova. Como ocorre com muitos outros fenômenos sociais, é impossível oferecer afirmações conclusivas ou fazer julgamentos seguros sobre as alegações e proposições teóricas que estão sendo apresentadas.²⁴

A partir dessa ideia, buscou-se encontrar na ESAV uma possível relação entre as identidades construídas dentro do Estabelecimento e os períodos de mudança e sua relação com as mudanças sociais que aconteciam fora da Instituição.

Questões de método e das fontes

Para desenvolver um trabalho científico sobre a memória e a identidade de um estabelecimento de ensino é importante também explicitar como foi o processo de produção e execução do trabalho. Peter Burke esclarece sobre a utilização de um método para a produção

23 SANTOS, Boaventura de Souza. Identidade, Modernidade e Cultura de Fronteira. In: **Tempo Social**. Revista de Sociologia da USP. São Paulo: USP, vol. 5 (1-2): 1994, p. 9.

24 HALL, Stuart. **A identidade Cultural na Pós-Modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2004. p. 10-12.

do conhecimento acerca da história, seja ela cultural, econômica ou qualquer outra. A forma como as informações chegam até a sociedade são um problema, não sendo permitidas distorções intencionais e anacronismos por parte do pesquisador. A relação entre passado e presente deve ocorrer de maneira a mais equilibrada possível, pois:

Se quisermos evitar a atribuição anacrônica de nossas intenções, interesses e valores aos mortos, não podemos escrever a história contínua de nada. De um lado, enfrentamos o perigo da "intencionalidade presente" e do outro corremos o risco de ficar de todo impossibilitados de escrever. Talvez haja um meio-termo, uma abordagem do passado que faça perguntas motivadas pelo presente, mas que se recuse a dar respostas motivadas pelo presente; que se relacione ao presente, mas permita sua contínua reinterpretação; e que observe a importância das consequências involuntárias tanto na história da literatura histórica como na história dos acontecimentos políticos.²⁵

Esses questionamentos devem respeitar os limites e restrições do passado para que com isso, não corramos o risco de dar às informações levantadas um teor que as mesmas não têm.

Assim, esta pesquisa pode ser definida como sendo qualitativa de caráter exploratório onde as fontes elencadas para análise foram lidas, criticadas e analisadas à luz da historiografia e bibliografia relacionada ao tema, mais especificamente à memória da ESAV.

Para alcançar os objetivos pretendidos foi feito um levantamento da bibliografia referente à ESAV, composta em sua maioria de trabalhos científicos como dissertações e teses. A leitura dessas referências se deu de forma a entender determinados parâmetros da instituição, como sua formação, sua organização e seus membros. A forma como a administração trabalhava e suas intencionalidades aparecem presentes nesses trabalhos, o que permitiu esclarecer muito aspectos do chamado "ethos esaviano", ou seja, um conjunto de ações baseadas em um discurso o qual, em teoria, tipificavam o aluno e o ex-aluno da ESAV.

A partir desse levantamento foi possível ver que essas publicações científicas seriam importantes fontes secundárias, na medida em que muitos desses trabalhos eram pesquisas históricas sobre a Instituição. A esses trabalhos científicos juntamos as fontes primárias citadas.

Juntamente a essa bibliografia específica outra pesquisa bibliográfica foi feita em obras que explicitavam outros conceitos que se fizeram necessários para a condução dessa

25 BURKE, Peter. **O que é História Cultural?** Trad. Sérgio Goes de Paula. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005. p 11-12.

investigação, quais sejam, os conceitos de memória e identidade. Conceitos como o de instituição e institucionalização também foram postos como necessários para a análise e sistematização dos registros dos documentos e fotografias que deram corpo à estrutura que foi delineada para o processo educacional presente na Escola. A consulta do acervo fotográfico e documental completou a investigação sobre o tema da formação esaviana.

A leitura crítica da bibliografia e das fontes se fez com o intuito de cruzar as informações obtidas na busca por uma análise e compreensão. Em outras palavras, o trabalho é um resultado direto das análises das informações contidas tanto nas referências bibliográficas quanto nas fontes relativas à ESAV, que de forma crítica permitiu uma interpretação sobre a questão proposta.

Essa leitura exigiu necessária interpretação não se permitindo que o que está escrito nas fontes seja visto como uma verdade inquestionável. O ideal é interpretar não somente o que a fonte diz, mas o que ela quer dizer, tentar inferir se possível, o que ela não quis dizer e o que ela disse sem dizer explicitamente. As fontes devem ser analisadas além do seu conteúdo escrito, ou seja, devemos ampliar o conceito de documento como demonstra Jacques Le Goff no trecho a seguir.

Toda uma parte, e sem dúvida a mais apaixonante do nosso trabalho de historiadores, não consistirá num esforço constante para fazer falar as coisas mudas, para fazê-las dizer o que elas por si próprias não dizem sobre os homens, sobre as sociedades que as produziram, e para constituir, finalmente, entre elas, aquela vasta rede de solidariedade e de entajuda que supre a ausência do documento escrito? ²⁶

Para tentarmos atingir tal feito utilizamos como fontes de informações acerca da ESAV, as Atas das Reuniões da Congregação, grupo deliberativo formado por professores e a direção central da escola, que tinha como objetivo discutir os rumos pedagógicos e administrativos da escola. Era um grupo que definia várias ações como punições por infrações, calendário de avaliações conteúdos e disciplinas ministradas entre outros. Funcionava assim com funções semelhantes a um Conselho Escolar.

Outro conjunto de documentos foram os anuários enviados pela direção central ao governo do estado de Minas Gerais e os relatórios que os professores enviavam à direção numa espécie de prestação de contas de seus trabalhos durante o ano. Eram documentos onde,

26 FEBVRE, L. Apud. LE GOFF, Jacques. Documento – Monumento In: LE GOFF, Jaques. **História e Memória**. 4ª edição. Campinas: Unicamp, 1996. p. 5

tanto professores à direção central, quanto o diretor ao secretário de agricultura, prestavam contas das atividades desenvolvidas durante o ano.

Além desses, também foram consultados os diversos registros sobre as Reuniões Gerais, evento que ocorriam no campus e contava com a presença de professores, alunos e funcionários onde o diretor da Instituição passava ordens, avisos e indicava as normas e códigos de posturas a ser seguidos por todos. Também se teve acesso a regimentos e estatutos, correspondências enviadas e recebidas pela Instituição, tanto em formato de cartas quanto de ofícios, além do acervo fotográfico da ESAV, onde estão registrados em imagens vários eventos como as aulas práticas, feiras, eventos esportivos e outras situações cotidianas da Escola Superior, cartas, ofícios e outras formas de comunicação que a ESAV utilizava.

Além dessas fontes construídas pela Instituição, utilização cartas enviadas ao Estabelecimento, ofícios enviados e recebidos de órgãos governamentais e instituições de ensino. Regimentos Internos e textos publicados por membros da direção e professores em diversos formatos. Também utilizamos o acervo fotográfico da ESAV para construir nosso catálogo selecionado e a partir daí criamos um diálogo entre esse texto e o citado acervo.

As Atas das reuniões da Congregação estão organizadas em encadernações e estão sob a guarda do Arquivo Central e Histórico (ACH) da UFV. Por ser um documento nobre da história da UFV recebem um cuidado maior. Estão organizadas em livros de acordo com as datas das reuniões. Nelas é possível perceber o teor das decisões tomadas pela administração central da ESAV dos pontos de vista, econômico, de obras. Entretanto, a análise foi feita sobre a parte educacional, que é o ponto de enfoque.

As demais fontes também se encontram no ACH, porém ainda em caixas e em processo de descrição. Existem no Arquivo aproximadamente 1500 caixas já descritas e lançadas em uma ferramenta de pesquisa que permite acesso a toda essa massa documental. São documentos produzidos a partir dos vários setores da Escola que enviavam informações à direção central em uma espécie de balanço de atividades. Os diretores então utilizavam essas informações para elaborar seus relatórios de prestação de contas ao governo do Estado. Devido ao volume de documentação presente no arquivo, ainda não sofreram um processo de organização definitiva nem tampouco divulgação, tendo sido publicada em sua versão fac-símile, somente a primeira edição do anuário de 1927 que fora enviado à Secretaria de Agricultura do Estado de Minas Gerais.²⁷

Já as fotografias estão em estágio final de digitalização e armazenagem por parte do Arquivo Central e Histórico. Estão sendo divulgadas para pesquisa via internet no site do

²⁷ **Boletim Tempo e Memória**. Volume 1. Número 1. Jan/jun, 1996. Viçosa: Editora UFV.

Repositório Institucional da UFV www.locus.ufv.br o qual se encontra em fase de implantação. Elas existem em bom número no fundo ESAV e retratam muitos momentos interessantes como aulas de campo, além de outras situações que nos permitem analisar as práticas diárias dos estudantes da Escola Superior. Também é possível visualizar fotografias de cursos da Semana do Fazendeiro e outros eventos, como o Mês Feminino, evento ocorrido em apenas três edições para esposas dos fazendeiros da região.

Ressaltamos que todas as citações diretas das fontes feitas no decorrer do texto seguem a grafia original dos documentos, respeitando assim o formato como foram produzidos. Já as imagens utilizadas no catálogo foram recolhidas em formato digital criado pelo ACH/UFV, também respeitando as marcas que adquiriram com o tempo.

Uma revisão da historiografia sobre a ESAV

Outro tipo de fonte utilizada na pesquisa foram algumas pesquisas acadêmicas produzidas a partir do tema ESAV/UFV. Trabalhos de mestrado e doutorado arquivados na Biblioteca Central da Universidade os quais abordam vários temas e vários ângulos da Instituição desde a década de 1920 até os dias atuais. Essas pesquisas nos são de grande ajuda, pois, mesmo não tratando exclusivamente do nosso tema, que é a construção da identidade esaviana presente na memória institucional, os mesmos nos dão informações relevantes, nos indicam fontes e nos apontam nuances da vida cotidiana da Escola os quais nos permitem incorporar às nossas interpretações.

Com relação à essas publicações relacionadas, são trabalhos publicados que já discutem de certa forma aspectos do perfil do aluno do curso superior da ESAV e que nos serão de grande ajuda no fornecimento de informações relevantes sobre a memória da Instituição, além de análises pertinentes. Esses trabalhos nos serão úteis nos fornecendo informações obtidas através de suas pesquisas acerca de variadas situações as quais os alunos eram expostos além de demonstrarem elementos sobre o perfil do esaviano que nos permitirão o aprofundamento da discussão.

O primeiro a ser citado é dissertação de mestrado de 1992, da pesquisadora France Maria Gontijo Coelho intitulada “A Produção Científico-Tecnológica Para a Agropecuária: Da ESAV À UREMG, Conteúdos e Significados” trata do desenvolvimento da pesquisa agrícola na ESAV como ferramenta de progresso educacional e social a partir de um conceito de saber pragmático e seu sentido utilitário de formação social para a comunidade da região.

No trecho a seguir, a autora define qual a abrangência do conceito de pesquisa utilizado em seu trabalho:

... admite-se que a pesquisa agrícola mereça um enfoque que não se dá somente sobre as transformações das potencialidades de aumento da produção agrícola, mas deve-se, na medida do possível, analisa-la dentro do desenvolvimento da sociedade como um todo e, ao mesmo tempo, considerar as especificidades de uma produção que se faz diretamente na natureza.²⁸

Em seu trabalho a pesquisadora enfatiza a importância do desenvolvimento da pesquisa agrícola no *Land Grant College* de Minas Gerais e seus possíveis desdobramentos para a modernização da produção e da sociedade agrária mineira e brasileira. Também define as diversas áreas de atuação científica da ESAV e como elas influenciavam no tocante ao crescimento da produção e da sociedade rural.

Sobre a formação científica diferenciada, a pesquisadora France Maria Gontijo Coelho afirma que a Escola Superior de Agricultura e Veterinária do Estado de Minas Gerais iniciou seus trabalhos na década de 1920 com um objetivo bem definido: criar condições para o aperfeiçoamento da produção agrícola mineira a partir da especialização da mão de obra e da pesquisa em ciência agrícola. Nesse trabalho a autora define o que seria a pesquisa agrícola na ESAV como sendo:

“Pesquisa era todo o trabalho de observação meticulosa, experiência, estudo e construção de proposições. Em vários momentos, os textos seguintes trazem “pesquisa” e “experiência” entre aspas, dadas as características do conceito de pesquisa agrícola para os investigadores atuais.”²⁹

Em sua tese de doutorado, em 1999, Coelho descreve a formação e a atuação das profissões agrárias, a hierarquização social das mesmas frente às demais atuações profissionais no Império e início da República e as pressões sofridas dos pontos de vista político e social. A partir de uma análise histórica a pesquisa aborda a importância que esse processo de consolidação do saber agrícola, formador do profissional agrário se deu no cenário sócio-político de do Brasil durante o período analisado na pesquisa. De acordo com a autora “o papel desse conhecimento foi estratégico na constituição e no reconhecimento do

²⁸ COELHO, France M. Gontijo. Op. cit. p. 5

²⁹ Ibid. p. 24

grupo, mas as razões que explicam a constituição e transformação foram, além de econômicas, também políticas e de demandas sociais.”³⁰

A dissertação de mestrado da pesquisadora Uiara Maria da Silva, de nome “Extensão Universitária: A Interação do Conhecimento na Semana do Fazendeiro – UFV” também nos oferece contribuições ao discutir a Semana do Fazendeiro, evento de extensão mais importante do calendário da Instituição e sua relação com o produtor da região e que foi criado ainda na ESAV.

A relação entre teoria e prática, entre o saber popular e o conhecimento científico é traço marcante nesse trabalho. Segundo a autora, a Semana do Fazendeiro, evento extensionista iniciado em 1929, trouxe o produtor para o campus e criou um nível de diálogo entre ele, com seu saber baseado no senso comum e passado entre as gerações e o conhecimento científico ministrado pelos pesquisadores na ESAV. Esse contato dialético pode ter sido muito importante para a consolidação da presença da ESAV no dia-a-dia da sociedade da nossa região, forjando nela um pouco do perfil de homem do campo pensado na instituição.³¹

O texto aborda a troca de informações entre a instituição, que divulga seus saberes científicos, e a sociedade o seu conhecimento popular, sendo tratado no texto como um diálogo de “mão dupla”³². Segundo o mesmo, esse diálogo se dava de maneira desigual já que o professor se colocava na posição de disseminador da modernidade enquanto o produtor era o detentor do saber arcaico. Desse modo a Instituição civilizava o agricultor, tanto por meio desses eventos quanto através da metodologia de ensino.

Segundo esse trabalho, a Semana do Fazendeiro, assim como o ideal da extensão universitária, servia como forma de o produtor da região, participante do evento, entrar em contato com o conhecimento produzido pelos professores em suas experiências, ao mesmo tempo em que este trazia seus conhecimentos baseados na vivência e na prática diária para o curso. Assim, havia uma espécie de entrecruzamento de saberes numa interação que era motivadora para ambos.³³

No trabalho de Rose Mary Queiroz intitulado “A evolução do ensino superior agrícola no Brasil e sua contribuição para o desenvolvimento: o caso de Viçosa”, a discussão sobre o espaço ocupado pela UFV no desenvolvimento agrário brasileiro nos é importante quando o mesmo situa a ESAV historicamente. Ao traçar um quadro evolutivo da sociedade brasileira

³⁰ COELHO, France M. Gontijo. 1999. Op. cit.

³¹ SILVA, Uiara M. Op. cit.

³² Ibid. p. 8-10.

³³ Ibid. p.

na primeira metade do século XX, a autora discute as relações de poder entre as classes sociais dominantes, industrial e agrária, apontando para uma interdependência entre as mesmas. A necessidade de formação de quadros técnicos vem do aparecimento para gerir a herança deixada pelo Império a essas classes, aliado às inquietações sociais e a busca pela manutenção do controle das classes subalternas a educação, e por consequência a o ensino agrícola, são utilizados como ferramentas baseadas:

... na crença de que a multiplicação de instituições escolares, da disseminação da educação escolar será possível incorporar grandes camadas da população na senda do progresso nacional e colocar o Brasil no caminho das grandes nações do mundo.³⁴

Assim, a formação desses profissionais era vista como uma forma importante de se chegar ao progresso, por meio do aumento da produção. Ao preparar a mão-de-obra para novas formas de execução das funções agrárias se estaria ocorrendo um processo de inclusão de camadas sociais excluídas por conta das novas formas de cultivo que viriam com esse progresso.

A tese de doutorado do pesquisador Denílson Santos Azevedo, de título “Melhoramento do Homem, do Animal e da Semente. O Projeto Político Pedagógico da Escola Superior de Agricultura e Veterinária do Estado de Minas Gerais (1920-1948): Organização e funcionamento”. Nela o autor aborda o projeto político pedagógico da ESAV apontando e analisando características como a valorização do saber obtido a partir da prática e do “aprender fazendo”, expressão usada na ESAV pela direção para definir sua metodologia padrão e inculcação de valores morais e higienistas nas práticas de Instituição.

O emprego dessa metodologia de ensino calcada no aprender fazendo, no aprendizado prático, foi se estabelecendo como um importante postulado para a geração de conhecimentos sistematizados e empíricos, constituindo-se também num outro vetor para a determinação do ethos dos esavianos, no que concerne ao modo de atuação profissional, independentemente do grau ou nível de formação, do capataz rural, do técnico agrícola ou do engenheiro agrônomo, cuja destinação social e profissional vão sendo instituídas a partir da década de 1930.³⁵

³⁴ QUEIROZ, Rose Mary F.D. Op. cit. p. 22

³⁵ AZEVEDO, Denílson Santos de. Op. cit. p. 126.

Este trabalho permitiu pensar que talvez houvesse mais do que apenas ensinar o aluno técnico. Aparentemente havia também o ensinar o homem, através da imposição de disciplina rígida e da inculcação de valores morais pelos professores. Quando a Escola Superior de Viçosa criava regras de conduta ou imprimia punições ela moldava seus alunos de acordo com padrões por ela definidos. Parecia ser a prática do discurso da modernização o qual parecia ser identificado e que será utilizado em nossa discussão.

O trabalho de Eurípedes Malavolta faz um esboço do desenvolvimento do ensino das ciências agrícolas a partir das bases ensino pesquisa e extensão. A principal instituição por ele estudada é a Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz, a ESALQ, localizada em Piracicaba, São Paulo. No entanto ele cita em vários momentos a UFV e sua trajetória histórica nesses três pontos. Com relação ao ensino, o autor analisa os currículos e suas influências, europeia e estadunidense, citando a ESAV, como exemplo de exceção à influência europeia, livresca e de formação de bacharéis: “possível exceção era o de Viçosa, que foi implementado sob a égide de modelos norte-americanos.”³⁶ O autor também cita a Instituição como pioneira na pós-graduação, já como UREMG. O mesmo ainda faz um relato histórico da Escola e suas três fases.³⁷

Estrutura do trabalho

A discussão foi estruturada no texto final da seguinte maneira. A Parte I do trabalho traz os capítulos da narrativa histórica constituída partir da pesquisa bibliográfica e documental. Na Parte II o produto final conforme exigência do Programa do Mestrado, o qual foi pensado no formato de um catálogo selecionado de imagens e análises do acervo fotográfico da ESAV, buscando uma relação entre o acervo e a discussão presente na pesquisa.

Assim, os capítulos da Parte I estão organizados conforme descrição a seguir:

De início temos a apresentação, onde o trabalho de pesquisa é explicado. Aqui podemos ver explicitado o tema, problema da pesquisa e sua justificativa, os objetivos, as fontes e a metodologia que direcionaram toda a investigação e produção do texto.

O primeiro capítulo é composto pela contextualização que deu origem à ESAV. Nele o objetivo é possibilitar ao leitor entender como surgiram as ideias e como elas resultaram em ações para a criação da instituição.

³⁶ MALAVOLTA, Op. cit. p. 108.

³⁷ Ibid. 127-128.

O segundo capítulo narra as práticas pedagógicas instituídas e regulamentadas pela direção da ESAV e seus objetivos para a formação de uma espécie de código de conduta do “técnico esaviano”. Nesse capítulo é possível ver a valorização das aulas práticas e da disciplina em sala de aula, além da relação dessas aulas com as práticas de experimentação e as expectativas de influenciar na sociedade para sua transformação. Esse conjunto de estratégias foi uma forma de modelar o “esaviano”, futuro profissional agrícola.

O terceiro capítulo aborda as normas implementadas para regular a vida dos alunos fora dos momentos de aulas, outras estratégia pedagógica para forjar o perfil esaviano”. O regime de internato e as normas de conduta no campus – e muitas vezes fora dele, no sistema chamado *full time* – serviram pra algo mais que apenas manter a ordem entre os alunos.

Por fim, as considerações finais, os resultados das discussões de todos os capítulos se aproximam com o intuito de apontar a possível relação existente entre essas práticas e a criação de identidade esaviana que configuram um profissional graduado, com conhecimento prático construído a partir do aprender fazendo e que foi moldado em vários espaços numa ação de imposição de posturas que criaram o que chamamos de memória institucional.

.Na parte II, que corresponde ao produto final do estudo, está apresentado um catálogo intitulado: “Memória Fotográfica das Práticas Pedagógicas de uma Escola Agrícola da Primeira Metade do Século XX: A ESAV, Viçosa-MG.” Nele estão as imagens selecionadas do acervo fotográfico do ACH em uma organização e análise voltadas a dialogar com a pesquisa documental presente na dissertação. Essas fotografias foram selecionadas para representar os diversos momentos do cotidiano da Escola Superior de Viçosa e também para divulgar um acervo de grande porte arquivado na Universidade.

Capítulo 1

A ESAV: Uma Escola Superior Agrícola e Pública no estado de Minas Gerais

1.1 As Precondições da criação

O início do século XX, tanto o Brasil como o mundo foram marcados por intensas mudanças. Essas já se operavam no mundo desde o século XVIII com as revoluções, industrial e política, do período moderno, quais sejam, a Revolução industrial e a Revolução Francesa. Especificamente no Brasil, a recém-formada república de 1889, acabava de libertar seus cativos e agora vivia a expectativa do surgimento de novas instituições, organizações econômicas e sociais.

A mão-de-obra, agora livre, já começava a se amontoar nas cidades, e no campo, a chegada dos imigrantes europeus para o colonato cafeicultor e as colônias e charqueados na região sul, iam delineando uma cara nova para o país. O capital oriundo do campo começava a ser investido nas nascentes indústrias paulistas. Enfim, novas paisagens começavam a configurar o cenário nacional. A agricultura, mesmo que ainda basicamente monocultora e latifundiária, reconfigurava as relações sociais de produção, ao mesmo tempo em que as cidades passam a receber pessoas procurando melhores condições de vida e trabalho.³⁸

Nesse contexto de modernização, dois estados passam a controlar as ações políticas no país. Em primeiro lugar, São Paulo, que respondia por vultosa parcela da produção econômica do país desde o início do período republicano.³⁹ E, em segundo lugar, disputando sempre com o Rio Grande do Sul, colocava-se o estado de Minas Gerais, marcado por sua postura tradicionalmente conservadora de apoio a governos das elites, desde o período imperial, mas ainda dominado pelo coronéis.⁴⁰ A sociedade paulista, além de importante participação política nacional, se encaminhava para o desenvolvimento de uma estrutura urbano-industrial, com índice de alfabetização maior que os demais estados. Essa primazia compunha o arranjo político da época:

³⁸ QUEIROZ, Rose Mary, F.D.. Op. cit. p.

³⁹ LOVE, Joseph. Autonomia e interdependência: São Paulo e federação brasileira (1889-1937). IN: FAUSTO, Boris. **História Geral de Civilização Brasileira. Tomo III – O Brasil Republicano**. 8ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006. p. 58-59.

⁴⁰ WIRTH, John. Minas e a nação. Um estudo de poder e dependência regional. (1889-1937). IN: FAUSTO, Boris. **História Geral de Civilização Brasileira. Tomo III – O Brasil Republicano**. 8ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006. p. 84-85.

Uma população grande e relativamente alfabetizada representava um ingrediente necessário à produção de grandes eleitorados estaduais. O número de eleitores em cada Estado era essencial ao processo político, visto que o Presidente se elegia pelo voto popular direto e, em muitos sentidos, o poder Executivo controlava os outros dois poderes do Governo, podendo até intervir militarmente nos Estados mais fracos.⁴¹

Já a sociedade mineira ainda aparentava viver sob os parâmetros herdados do século XIX e anteriores. Com uma população e com uma camada de eleitores, até maior que São Paulo, o estado se mostrava sempre próximo a regimes que mantivessem o que parecia ser a normalidade para as elites mineiras. As relações sociais ainda giravam em torno do poder dos coronéis e as elites estaduais comportavam-se apoiando aqueles que garantissem a manutenção do sistema vigente. A propalada identidade mineira era marcada a partir de um círculo social de classes bem definidas: aristocracia rural, trabalhadores rurais, negros. Os poucos colonos imigrantes e os indígenas ficavam ausentes dessas referências oficiais a autoimagem mineira herdada das histórias construídas, como se pode depreender do exemplo do trecho abaixo:

Fiel ao governo bem comportado, Minas era um pilar da democracia limitada e do sistema presidencial, como fora outrora, sustentáculo da Monarquia. Na década de 1880, por exemplo, denominavam-se os escravocratas de Minas, “a última e melhor esperança do Império.”⁴²

Nessa identidade conservadora e elitista, o trabalhador agrário não parecia ter o mesmo valor social que outros estratos sociais. Esta situação social era agravada pelo fato deste não ter acessos a nenhuma formação escolar que a ele viabilizasse alguma ascensão social. Se pensarmos no fato de que as primeiras escolas agrícolas do Brasil surgiram em finais do século XIX, podemos perceber que essa era uma área de estudo ainda jovem no país e carente de grandes incentivos⁴³.

Ao se analisar essa situação, pode-se melhor compreender a importância adquirida pela região de Viçosa, quando o então presidente do estado, Arthur Bernardes, em seu final de mandato na província e em vias de uma candidatura à presidência da república, instituiu a criação de uma escola superior, estadual e agrícola, nos moldes das modernas escolas americanas, por meio de contatos do governo da província com a embaixada americana.

⁴¹ LOVE, Joseph. Op. cit. p. 61

⁴² WIRTH, John. Op. cit. p. 85.

⁴³ AZEVEDO, Denilson Santos de. Op. cit. p. 17-22.

Esses contatos aconteceram em razão de alguns fatos. Por volta de 1917, utilizando-se da mesma forma de difusão de inovações agrícolas utilizada nos Estados Unidos da América⁴⁴ aportaram na Zona da Mata, mais especificamente no município de Ubá, um grupo de americanos com suas máquinas maravilhosas, que encantaram e causaram espécie entre os que os puderam ver em suas demonstrações, utilizando-se dos vagões da estrada de ferro Leopoldina. Em Ubá eles realizaram demonstrações sobre os novos equipamentos que poderiam ser utilizados pela agricultura (arados e grades com tração animal, colheitadeira e beneficiadora de arroz, e outros implementos). Nesses eventos estava presente Arthur Bernardes.

As demonstrações impressionaram sobremaneira, o então presidente de província e os demais presentes, pois que eles puderam ver, nesses implementos, a solução do problema da mão de obra, que vinha se arrastando desde a abolição e para o qual, o governo da província, apenas tinha tomado algumas pequenas iniciativas, como a instalação de colônia uma de emigrantes⁴⁵, mas que não supriam as demandas dos coronéis.

O Presidente, então, informou-se melhor sobre como a agricultura acontecia nos EUA, país que no final de Primeira Grande Guerra tendia a assumir a liderança mundial do ponto de vista econômico e político no mundo. Nesse momento, soube-se que lá existiam colégios agrícolas, os “*land-grant colleges*”, escolas cujos terrenos foram doados pelo Estado, onde eram realizadas experimentações, como o manejo e aclimação de plantas e animais, além de testes dos implementos industriais, para ver sua eficácia e eficiência.

Além disso, nesses colégios acontecia o ensino dos filhos dos chamados *farmers* (fazendeiros) americanos, que eram capacitados para essa agricultura “científica e técnica” americana e onde também aconteciam eventos, iguais àquele, para divulgar, entre os *farmers*, as inovações que fossem consideradas mais acertadas.

Dessa motivação, logo depois do evento de Ubá, Arthur Bernardes, ainda como presidente da província, tomou iniciativa para estabelecer contatos com a embaixada dos EUA, na cidade do Rio de Janeiro, então capital federal, para conseguir uma pessoa, um professor, que viesse orientar a implantação e que dirigisse uma escola agrícola em Minas Gerais, nos moldes daqueles colégios agrícolas americanos.

O telegrama exposto a seguir com o pedido de indicação de um profissional qualificado para liderar o projeto evidencia os rumos que o projeto tomaria a partir de então:

⁴⁴ Ver a descrição desse processo em QUEDA, Oriovaldo. **A Extensão Rural no Brasil: da anunciação ao milagre da modernização agrícola**. Piracicaba SP: ESALQ, 1987. 201 p. (Tese de Livre Docência)

⁴⁵ Nesse sentido, pode-se citar a criação da Colônia Vaz de Mello, que hoje dá nome a um bairro rural no município de Viçosa.

O Departamento do Interior está informado que o Estado de Minas Geraes, no Brasil, votou verba para a fundação dum importante estabelecimento agrícola. O presidente daquelle estado pediu, por intermédio do Embaixador Americano no Rio de Janeiro, que o Ministério da Agricultura recomenda um especialista capaz de determinar a locação de tal instituto, superintender sua organização, esboçar os seus trabalhos, e, finalmente, ser seu diretor, com um corpo de professores Americanos à sua disposição.⁴⁶

Foi assim que, em 1920, tem início a construção, na Zona da Mata mineira, da Escola Superior de Agricultura e Veterinária do Estado de Minas Gerais – ESAV. Uma instituição de ensino profissional agrícola voltada para a formação de jovens das elites agrárias. Entretanto, cabe destacar que a formação técnica exclusivamente não pareceu ser o único objetivo da Escola. A expectativa de Bernardes com essa iniciativa possivelmente era formar um tipo social qualificado, com um saber técnico e científico de forma que eles pudessem influir nas mudanças necessárias da realidade técnico-produtiva das Minas Gerais. Dessa forma, esperava-se que esses filhos das elites agrárias fossem bem vistos pela sociedade.

Até aquele momento, no Brasil, as experiências de ensino agrícola, que vinham do século XIX, foram caracterizadas pela criação de Instituições estaduais de impactos locais ou estaduais. Assim, foram criados os Institutos Imperiais de Agricultura, como foi o caso da Bahia e do Rio de Janeiro. Especificamente a esses institutos eram destinados à formação de mão de obra, trabalhadores da agricultura, denominados na época de “órfãos e desvalidos da sorte”, isso porque a orfandade era percebida pelas autoridades da época como um problema social de dimensões impressionantes, pois a expectativa de vida da época, não ultrapassava os 40 anos, segundo dados do IBGE⁴⁷. Como afirmavam os coronéis e as elites políticas do país (nos legislativos ou nos seus Congressos Agrícolas, Industriais e Comerciais, quando problemas do país eram debatidos e soluções eram apresentadas), a orfandade precoce fazia com que famílias inteiras, de onze a doze filhos, ficassem à deriva sem quem os preparasse para o trabalho. A solução do ensino agrícola surgiu, originalmente, para domesticação dos pobres para o trabalho na lavoura, ou seja, uma “escola de menino problema”. No entanto, essa característica não era bem aceita pelos diretores da ESAV que sempre tentaram converter esse estigma de escolas desse padrão no Brasil como é possível ver a seguir:

⁴⁶ REUNIÃO DA CONGREGAÇÃO DA ESAV. 1928, Ata. Escola Superior de Agricultura e Veterinária de Minas Gerais, 15 de Fevereiro de 1928. Viçosa MG: UFV. ACH. Caixa 63.

⁴⁷ Disponível em: www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/29092003estatisticasecexhtml.shtml. Acesso em 20 de julho de 2017.

Relativamente a qualidade dos alunos, sente esta Directoria não poder realçar-a por meio de um diagrama, mas, afirma que annualmente muito melhoram elles, quanto a qualidade firmando-se o principio, cada vez mais de ser o Estabelecimento de Instrucção Profissional e na correcional.⁴⁸

Além do mais, cabe destacar que existia entre as elites letradas do país e que tinham recebido formação na conservadora Universidade Coimbra, a ideia de que o contato com a natureza promoveria a “a correção moral dos homens”, como expressão de José Bonifácio, tutor até a maioridade de D. Pedro II. Segundo Guy Capdeville, ainda durante o Império, D. João VI promove a criação dos chamados hortos reais, mais tarde chamados de Jardins Botânicos, os quais:

... destinavam-se a ser um centro de estudos (escolas de agricultura); um centro de pesquisas (melhoramento de plantas nativas e aclimação de plantas exóticas); e um centro de divulgação de inovações e de técnicas agrícolas (divulgação dos resultados das pesquisas e distribuição de mudas e sementes dos espécimes melhorados ou aclimatados).⁴⁹

Também não foi a primeira escola agrícola, título conferido à Escola Agrícola de São Bento das Lages, na Bahia, em 1876. Essa instituição foi pensada ainda em 1859 a partir da criação do Imperial Instituto Baiano de Agricultura, órgão com a função de “fundar escolas agrícolas” no estado.⁵⁰

Outro modelo institucional que antecedeu a ESAV colocou-se, no Brasil, com a criação da Escola de Agricultura criada por Luis de Queiroz, em Piracicaba. Esta escola foi pensada como uma escola destinada aos filhos das elites e seguia o modelo francês, bacharelesco e intelectualista, de instituição de ensino. Entretanto, cabe destacar, que, contam os registros, que até os anos iniciais do século XX, esta escola não conseguia um número significativo de alunos, pois, nem todos os filhos das elites direcionavam-se mais para as escolas de medicina e engenharia, e não para escolas agrícolas, conhecidas, desde muito, como “escolas de meninos problemas”.⁵¹

A ESAV não foi a primeira escola agrícola de Minas Gerais. Essa posição é ocupada pela Escola Superior de Agricultura de Lavras, criada naquela cidade em 1910, como um

⁴⁸ Relatório anual apresentado pelo diretor da ESAV, João Carlos Bello Lisboa, ao Secretário de Agricultura do Estado de Minas Gerais referente às atividades de 1929. Viçosa-MG: UFV. ACH. Caixa 63. p. 8.

⁴⁹ CAPDEVILLE, Guy. **O ensino superior agrícola no Brasil**. Viçosa MG: Editora UFV. 1991. P. 40.

⁵⁰ Ibid. p. 42.

⁵¹ Mais detalhes sobre estas instituições ver em COELHO, France M. Gontijo. Op cit.1999. (Tese de Doutorado)

desenvolvimento do Instituto Evangélico de Lavras, uma escola particular fundada por missionários presbiterianos em 1893, então dirigida pela estadunidense Harris Hunnicutt da Escola Agrícola do Mississippi.⁵²

Outra experiência com escola agrícola implantada no estado de Minas e que antecedeu a ESAV foi uma escola particular implantada na capital mineira, numa construção que ficou conhecida como “Coleginho”, instalada na área onde depois foi construída a antiga Faculdade de Filosofia (FAFICH) da UFMG, na rua Carangola, no bairro Santo Antônio. Esta Escola funcionou por pouco tempo e não teve continuidade diante do investimento público feito por Bernardes na escola de Viçosa. Essa escola do “Coleginho” tinha sido articulada pelas elites agrárias do triângulo mineiro, dos produtores do ZEBU como nos mostra o trecho a seguir.

Finalmente, moveu-me o interesse em verificar possíveis intrincamentos entre a fala das elites empresariais, notadamente da fração ligada mais de perto à Sociedade Mineira de Agricultura e a elaboração e execução desse projeto de ensino que no meu ver, pode ter sido um agente modernizador do estado.⁵³

1.2 A ESAV: Uma Escola diferente

Assim, a partir de contextos diferentes, com aportes diferentes, como elites políticas regionais diferentes e expectativas diferentes, A ESAV foi construída como uma escola agrícola, também, intimamente conectada com os interesses e os desejos das elites agrárias e políticas da zona da Mata das Minas Gerais da época. Dessa forma, essa deveria ser uma escola diferente das que se conhecia no Brasil. Para tanto, a pretensão foi copiar dos EUA, formas de funcionamento e conteúdos de ensino, funções, atividades e didáticas até então desconhecidas no país. Um projeto civilizatório para as Minas Gerais e que, no futuro, poderia ser, para todo o Brasil. Até então as formações escolares agrícolas eram amplamente teóricas, como vistas em outras instituições de ensino agrícola no Brasil, as quais os alunos tinham mais contato com os livros que com a produção real em si, típicas dos moldes europeus da época.

Assim, a ESAV surge através do Decreto nº 5806 de 30 de novembro de 1921 e confirmada pelo Decreto nº 6053 de 30 de março de 1922 é instalada no mesmo ano em

⁵² Ibid. p. 57.

⁵³ Esta escola particular foi pesquisada pela professora do Departamento de História da UFMG, Maria Auxiliadora Faria cujo trabalho mimeografado se teve acesso e pode ser aqui citado da seguinte forma. FARIA, Maria Auxiliadora. Escola Mineira de Agronomia e Veterinária. São Paulo: USP. 1989. p. 3

Viçosa, cidade natal do agora presidente do Brasil, com aqueles objetivos já citados anteriormente no artigo 4º da lei nº 761/1920.⁵⁴

Para que essa estrutura fosse efetivamente incorporada fez necessário colocar seu funcionamento de forma que se permitisse a inculcação de valores, um rígido controle dentro e fora da escola, da sala de aula. Os princípios de valorização da prática como ferramenta de ensino se colocava com a tradução local da necessidade da manutenção de costumes de uma sociedade hierárquica e desigual, na qual as ordens e a autoridade deveriam ser respeitadas. Além disso, para que a escola promovesse as mudanças sociais desejadas, dever-se-ia manter, de alguma forma, a relação entre egressos e a escola. Essas foram algumas das formas institucionais e estruturas assumidas para que fossem obtidos os objetivos almejados.

Assim, esperava-se que o ex-aluno de Viçosa conseguisse dar melhores orientações aos trabalhadores empregados, ser um líder melhor preparado e por consequência, que esse ex-aluno elevasse o valor da categoria de profissionais com formação agrícola.

No mesmo ano, a pedido do Presidente do Estado de Minas Gerais, o governo norte-americano indicou o Dr. Peter Henry Rolfs para assessorar o governo de Minas Gerais na fundação de sua escola de Agricultura e Veterinária.⁵⁵

Como o modelo pretendido para a Escola Superior de Viçosa foi o mesmo das escolas agrícolas dos Estados Unidos, os chamados *Land-Grant Colleges*, sua estrutura de funcionamento e a metodologia de ensino foram seguidas à risca pelo profissional que aceitou o convite para a execução do projeto em Minas, um local inospitadamente distante, do interior de um estado do interior, que só se conseguia chegar depois de vários dias de viagem e empoeirado de fuligem de trem.

Como terceiro convidado, o doutor Peter Henry Rolfs, diretor do *Florida Agricultural College* aceitou o desafio e trouxe contigo, além dos conhecimentos pedagógicos, técnicos e organizacionais, uma biblioteca que deixou de herança ao que hoje compõe parte do acervo de obras raras na Biblioteca Central da UFV. Além disso, a tiracolo, veio também, com colaborador fundamental para facilitar sua comunicação com os nativos, o professor Diogo Alves de Mello, um brasileiro, filho de fazendeiros do estado do Rio de Janeiro que estava num *college* americano, a mais de quinze anos.

⁵⁴ BORGES, José M. e SABIONI, Gustavo. 2010, Op. cit. p.16.

⁵⁵ CAPDEVILLE, Guy. Op.cit. p. 85.

O Prof^o Rolfs chega ao Brasil em 1921 e participa diretamente de todo o processo de construção, instalação e início de funcionamento da ESAV. Ele permanece como diretor até o ano de 1929, quando deixa a Instituição, para se tornar consultor técnico do governo do estado em Belo Horizonte.⁵⁶ Nota-se que o professor teve papel não apenas técnico, mas também político, na configuração da instituição bem como de políticas governamentais na época.

A metodologia de ensino pela prática, baseada no conceito do “aprender fazendo”, foi posta como ação pedagógica predominante na Instituição e tornou-se recorrente desde o início da sua trajetória, na década de 1920.

Para a construção das infraestruturas, ruas, avenidas e prédios, ele contou com o Dr. Belo Lisboa como engenheiro chefe que atribuiu uma forma disciplinar bastante política de controle dos trabalhadores da construção. Essa intenção de controle fica explicitada num documento sobre a participação dos trabalhadores nas comemorações do 1º de Maio como se viu em registro em atas da congregação:

O Sr. Presidente tratou desenvolvidamente o problema das classes trabalhadoras e as não trabalhadoras, sendo preciso que se evite o domínio da classe operária – Deverá existir união entre ambas, procurando-se instruir o operário, elevando-o no conceito social,...⁵⁷

Entretanto, desde as primeiras atividades de construção da escola, o Prof^o Rolfs deparou-se com um grupo de trabalhadores sem a menor habilidade para algumas atividades que julgava indispensáveis para os trabalhos de campo, como a construção dos terraços em nível e uso de tração animal.

Suas observações deixavam, também evidente que havia falta de animais adequados aos trabalhos que deveriam ser executados para uma nova agricultura como a que propunha. Quanto aos animais, conta o folclore institucional que, já desde a construção, o Diretor percebeu que não havia animal adestrado de forma que pudesse puxar um arado. Daí porque ele mesmo adestrou a famosa mula Ruanda, dizendo: “Não é possível que os burros desse país sejam mais burros que os burros de meu país.”⁵⁸

Quanto aos trabalhadores empregados na construção dos prédios, eles eram disciplinados pelo engenheiro chefe. Contudo, contudo quando os trabalhadores eram

⁵⁶ AZEVEDO, Denílson S. de. Op. cit. p. 63-65.

⁵⁷ REUNIÃO DA CONGREGAÇÃO DA ESAV, 1929, Ata. Escola Superior de Agricultura e Veterinária de Minas Gerais, 15 de fevereiro de 1929. Viçosa MG: UFV. ACH. Livro 1. Fl. 2.

⁵⁸ BORGES, José M. e SABIONI, Gustavo. 2010, Op. cit. p.21.

demandados para outros trabalhos, a mão de obra mostrava-se completamente desqualificada para quaisquer atividades para além do uso da foice e da enxada.

Diante disso, ficava evidente que, para acontecerem as mudanças na agricultura do estado, a sociedade necessitava não só dos Agrônomos ou Veterinários que iriam coordenar os trabalhos de mudança, mas também era preciso atuar na formação da mão de obra da produção dessas mudanças produtivas e técnicas. Assim surgiu a proposta de um curso para capatazes e de um curso técnico agrícola, além do curso superior para Agrônomos e Veterinários.

Assim, a Escola passou a atuar na formação em três níveis de ensino o que permite analisar uma questão sociopolítica conectada a esses níveis de ensino. Como esclarece France Coelho:

Esse ensino, adjetivado e diferenciado como profissional e agrícola, seria para quem? À escola agrícola foram atribuídas duas funções em princípio distintas, e que atenderiam a setores sociais diferentes. O ensino agrícola serviria tanto para o adestramento de mão-de-obra, como para formação de representantes instruídos dos grandes proprietários. Essas duas funções criaram uma dupla representação em torno da Escola Agrícola.”⁵⁹

A ESAV incorpora em sua dinâmica origens sociais distintas. Esses jovens distintos passam a conviver no mesmo espaço, inclusive, várias disciplinas eram oferecidas em conjunto, variando apenas a forma de avaliação: para os capatazes, provas eminentemente práticas; para os técnicos, um pouco de teoria e provas práticas e para os do curso superior, mais teoria, mas sempre um pouco de prática. Nesse sentido, cabe destacar registros nos relatórios dos docentes da ESAV que afirmavam que os do curso superior deveriam também saber executar, pois como iriam comandar os trabalhadores se não soubessem também fazer.

Esses três níveis de ensino foram inspirados e estavam conforme Resolução que regulamentou o chamado ensino Agrícola no Brasil, de 1910. Estudos mostram que essa resolução era marcada pelo que poderia dizer como uma “concepção ruralista”,⁶⁰ que hierarquizava e escalonava diferenças sociais, o que as transformava em diferenças naturais. Assim, frequentariam um curso chamado elementar, para formação de capatazes, aqueles trabalhadores rurais ou mestres de ofício. O nível técnico seria para os filhos de lavradores de pequena gleba, que poderiam dispor dessa mão de obra por um determinado período, não muito longo (dois anos no máximo). Já para os cursos superiores, mais adequadamente, iam

⁵⁹ COELHO, France M. G. Op cit. p.86

⁶⁰ Ibid. p.86-87.

os filhos das elites agrárias que poderiam dispor de seus filhos por um longo período de cinco a seis anos, ou aqueles que já tivessem vivenciado a ascensão social dada pelo credenciamento como egressos dos cursos técnicos agrícolas de nível médio.

Nessa composição social de seus alunos, a escola ia definindo suas atividades de ensino, ao mesmo tempo em que iam funcionando seus campos de experiências, instalados antes mesmo do início das aulas. Esses campos não eram detalhes da estruturação da escola, mas parte constitutiva importante de seus modos de ser como escola agrícola. Tanto assim, que quando iniciadas as aulas, já haviam sido realizadas experiências agrícolas (ao que hoje se poderia chamar de pesquisa) e vários espaços já podiam ser utilizados pelos docentes, tanto para formação de seus estudantes quanto para divulgação entre “fazendeiros”, como dizia Prof. Rolfs, nos moldes do colleges americanos.

Como parte das atividades da instituição, cabe esclarecer que, na época, as publicações realizadas pela instituição (chamados de Boletins de Imprensa) pretendiam divulgar aspectos exitosos das experimentações realizadas na ESAV e pretendiam ampla disseminação social. Tudo indica que, muitas vezes o que essas publicações traziam estava em contraste com a forma de pensar ou de produção predominante na região ou no estado. France Coelho informa que essas publicações foram estratégicas para justificar a existência ou necessidade da instituição. Por exemplo, pode-se citar uma publicação sobre a citricultura, uma das especialidades do Diretor, cujo convencimento da necessidade de mudanças aparece nas estratégias discursivas:

Dentre as orientações, está a preocupação e o uso de uma linguagem que destacasse as vantagens econômicas da citricultura, além da orientação enquanto à escolha de mudas, afirmando que “as mais caras são as melhores” e que, na escolha [das espécies], devia-se orientar pelas preferências do mercado, e não pelas preferências individuais, evidenciando o sentido empresarial [voltado para o comércio] de sua proposta.⁶¹

O trecho acima aponta o interesse da Escola em criar um padrão moderno para a produção agrícola do estado. É possível perceber que havia um tipo de exigência onde o agricultor é quem deveria se adaptar ao mercado. Esse direcionamento (sentido) é, dentre outros fatores, fruto de um discurso e de uma ação pedagógica, voltados para a criação de um perfil de cidadão/profissional a ser alcançado, seja no nível elementar, médio ou superior, quando se pretendia moldar uma identidade para seus egressos. Um modelo de instituição

61 Ibid. p. 53

formou e valorizou um tipo específico de profissional para o campo com uma ideologia e habilidades bastante singulares, o que aqui será chamado de “esaviano”.

1.3 Um discurso que orienta a prática

O discurso que busca a modernização dos saberes e fazeres da agricultura era exposto ao aluno da Escola Agrícola, transformando-o num personagem (trabalhador ou gerente) que carrega consigo o conhecimento científico e técnico acerca da produção agropecuária. Quaisquer ex-alunos deveriam, assim, estar diretamente em contato com os meios de produção mais modernos. Mais que instrumentos, esses são valores institucionais. Essa concepção pode ser notada em diversas fontes documentais produzidas pela Instituição. Nas Atas da Congregação, por exemplo, há inúmeros trechos que mostram que a direção central da ESAV exaltava a importância das aulas práticas. O então diretor na época, João Carlos Bello Lisboa já deixava isso claro quando afirmava:

Em seguida expõe seu modo de encarar as aulas practicas, de accordo com os princípios da escola activa: “aprender a fazer fazendo”. Constituem ellas um objectivo de alto alcance, não se desprezando as aulas theoreticas: umas são complemento as outras.⁶²

Um tipo social foi sendo gestado de forma que, após ter se formado, deveria ostentar uma posição de respeito (ou autoridade) entre os demais trabalhadores rurais não escolarizados. Esse lugar de destaque entre os demais trabalhadores também deveria ser à frente de outros profissionais de mesmo nível na sociedade. Nesse sentido, os responsáveis pelo ensino da época acreditavam que a aplicação de certas normas de conduta pelos alunos, ajudaria nesse posicionamento na sociedade. Para tanto, eram citadas as regras que previam a proibição do hábito do fumo em diversos locais como o Prédio principal ou em situações como aulas e trabalho escolares. Da mesma forma, proibição das brincadeiras grosseiras revelam o interesse dos docentes em controlar posturas dos alunos na Instituição, quiçá fora dela.

⁶² REUNIÃO DA CONGREGAÇÃO DA ESAV. 1929. Ata, Escola Superior de Agricultura e Veterinária de Minas Gerais, 2 de Março de 1929. Viçosa MG: UFV. ACH. Livro 1. Fl. 6.

Tratou-se da permanência ou não dos alunos que em 1928, se mostraram fracos e das brincadeiras. São de mau gosto as brincadeiras de caráter grosseiro. As brincadeiras devem ser de tal sorte a não produzirem inimizades ou injúrias físicas.⁶³

As inovações trazidas pelo estabelecimento eram grandes. Por exemplo, o envolvimento dos estudantes nos processos de trabalho produtivo causava estranhamento na sociedade da época, pois, tratava-se de uma sociedade que se desenvolveu a partir de vários conceitos trazidos por Portugal. Um desses conceitos era de que o trabalho manual dotava inferioridade a quem o executasse, por ser uma atividade que remetia ao trabalho escravo. Aquilo que Sérgio Buarque de Holanda chamou de “ética de fidalgos”, caracterizava essa aversão ao trabalho manual, foi herdada pela sociedade brasileira e que colocou as atividades agrícolas como atividades inferiores.⁶⁴

Num tempo em que o trabalho rural era visto como atividade inferior e tido pela sociedade como uma atividade voltada para pessoas sem formação e sem estudo, a ESAV vinha como uma forma de se retirar essa má fama através da formação de seus alunos graduados com um perfil diferente do que até então era visto no país. Um aluno formado em um curso superior ou não, com saber técnico, conhecedor da ciência da época, era um outro ser social moldado para viver e atuar em uma sociedade que se modernizava. Para isso há que se mudar não só seus conhecimentos, mas suas regras de conduta.

Arthur Bernardes sempre apostou nessa capacidade da ESAV em promover mudanças nos jovens, como se pode depreender de um discurso seu pronunciado em 1929 já como senador da república.

Tendo-me cabido a fortuna de criá-la como Presidente de Minas e tendo tido a satisfação de assistir, como Presidente da República, à sua inauguração oficial, regozijo-me ao vê-la, hoje em pleno funcionamento e já despertando novos estímulos nas gerações moças, empenhadas, agora, numa atividade racional e científica que há de conduzi-las a maior e mais fácil prosperidade.⁶⁵

Alcançar a prosperidade mediante uma formação profissional agrícola era algo até então algo de resistência para muitas pessoas, devido ao preconceito existente na sociedade brasileira quanto ao trabalho no campo, atividade inicialmente executada por escravos e

⁶³ REUNIÃO DA CONGREGAÇÃO DA ESAV. 1929, Ata. Escola Superior de Agricultura e Veterinária de Minas Gerais. 15 de fevereiro de 1929, Viçosa MG: UFV. ACH. Livro 1 Fl. 2.

⁶⁴ HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. 26ª edição. São Paulo: Cia. das Letras, 1996.

⁶⁵ AZEVEDO, Denílson Santos de. Op. cit. 2005 p. 62

depois destinada a pessoas sem instrução. Assim, para mudar esse conceito e valorizar esse ex-aluno como um profissional para o campo, por meio da formação sistemática, científico e técnica, de nível elementar, técnico ou superior, a ideia foi consolidar como característica do projeto da Escola, o uso intensivo da metodologia onde o estudante aprende principalmente por meio da prática.

Quando a ESAV, em seus estatutos iniciais, se coloca a obrigação de ministrar cursos básicos aos trabalhadores, ainda que seu alvo principal e inicial fosse o curso superior, nota-se que seus dirigentes tinham clareza de onde estavam e porque deveriam agir nesse sentido. Também quando nas Reuniões Gerais eram debatidos temas sobre vários assuntos, que versavam inclusive sobre medidas de controle da disciplina e das condutas pedagógicas. Assim, aparecem nos registros os debates sobre regras de higiene a serem impostas pela Instituição aos alunos. Essas deliberações são postas no mesmo patamar de controle metodológico e didático dos conteúdos técnicos a serem apreendidos, quando aulas práticas de técnicas de plantio são veementemente propostas, como meio pelo qual o estudante irá se habilitar para futuramente poder passar esses conhecimentos para os agricultores. Essas medidas de contenção e mudanças de hábitos aparecem geral para todos, inclusive como obrigação para um simples lavrador frequentar cursos calçado, quando seu costume era viver descalço. Esse processo modernizador e civilizador perpassa não só mudanças técnicas, mas mudanças de valores, de formas de ser e se colocar no mundo, mudanças de condutas, enfim.

Esses registros remetem às ideias de Norbert Elias que chamou de “adestramento” que se dá por meio da “civilização dos costumes”⁶⁶. Por meio da inculcação de modos de agir, a Instituição criava uma identidade entre seus membros a partir da forma de trabalho com seus alunos, inculcando um “modus operandi” que se verá refletido nos futuros técnicos agrícolas, agrônomos ou veterinários.

Sobre essa outra forma de ser do campo, implementada de forma sistemática na ESAV, Denílson Santos de Azevedo esclarece que:

O conhecimento sobre outros espaços, procedimentos e ritos não muito comuns em outras Instituições de Ensino Superior (IES) marcam a identidade dessa universidade, sendo indicadores de memória, da presença do passado no presente, da tradição cultivada desde os primórdios de sua fundação.⁶⁷

66 ELIAS, Norbert. Op. cit. p. 14.

67 AZEVEDO, Denílson Santos de. Op. cit. p. 5.

Essa assertiva permite pensar que os responsáveis pela direção da ESAV pretendiam atuar muito além das salas de aula na formação de seus alunos. Espaços como o alojamento, o refeitório e os locais de prática esportiva eram usados para forjar os parâmetros do esaviano que a Instituição intencionava formar. Além desses espaços havia os rituais como os encontros quinquenais promovidos pela Associação dos Ex Alunos, órgão presente até hoje na UFV. Mesmo tendo a predominância das aulas teóricas, o princípio metodológico do aprender fazendo, presente nas aulas práticas, marca a memória institucional. A repetição desse princípio ao longo do tempo cria uma identidade do profissional para o esaviano. Nos dias de hoje a permanência desse princípio, como suas adequações ao contexto de novas áreas e novos cursos, evidencia uma forma de inventar uma tradição.⁶⁸

Como se pode ver no trecho a seguir, o sentido das ações realizadas na escola era justificado como uma necessidade social daquela época:

Temos evitado igualmente que a Escola se degenerere em um estabelecimento de instrução theorica, pois devemos em tudo servir o mais possível aos agricultores e no estado actual elles necessitam de instrução pratica ligada a instrução theorica apropriada.⁶⁹

A passagem indica dois pontos sobre os quais é necessário destacar. Em primeiro lugar, aparece a valorização de uma forma de trabalho voltada para a prática e para a formação de técnicos aptos ao trabalho. Evitar a “degeneração” da “instrução teórica” significa um valor pedagógico, um sentido, uma razão de significado ao ensino: ser fundamentalmente ligado aos problemas da vida prática. Em segundo lugar, à justificativa de uma razão prática, soma-se o interesse declarado por uma formação diferenciada: uma “instrução prática ligada a uma instrução teórica apropriada.”. Então haveria uma medida de instrução apropriada, um tipo e uma quantidade a ser dosada.

No mesmo documento, o diretor PH Rolfs continua exaltando a presença esaviana como necessidade para o estado de Minas Gerais, como no trecho a seguir:

68 HOBBSAWM, Eric & RANGER, Terence. **A Invenção das tradições**. Tradução de Celina Cardim Cavalcante. 3ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

69 Relatório anual do diretor da ESAV ao Secretário de Agricultura de Minas Gerais. Viçosa – MG: 1928. UFV. ACH. Caixa 125.

Conforme o numero de candidatos para matricula que estão se apresentando, bem assim como pelas opiniões dos fazendeiros que conhecem a Escola, julgamos que ella está rapidamente conquistando um logar de estima geral entre os agricultores e fazendeiros do Estado.⁷⁰

A modernização da produção e da sociedade, concepção apregoada como discurso de justificativa para a utilização da metodologia utilizada foi passada entre gerações de alunos desde a fundação.⁷¹ Os discursos e as ações de controle por parte dos responsáveis pela ESAV tinham por objetivo chegar a um padrão de homem “civilizado” para a sociedade mineira da época. A economia mineira em crise, com parte da elite agrária perdendo poder político e o êxodo rural elevado pelo crescimento das cidades, colocou a possibilidade para a escola de elaboração de uma proposta de diversificação da produção agrícola que até então era eminentemente cafeicultora. Essa diversificação das possibilidades de produção e sua disseminação entre elites e trabalhadores do meio agrícola significou a proposição de novos valores econômicos, sociais e morais. Esses novos valores foram importantes como motivação para a mobilização em torno do ideal de mudança nesse cenário. Uma escola que reinventou o campo, parafraseando France Coelho, reinventou também uma forma para aquele ensino adjetivado como agrícola.

A fórmula institucional que traria resultados efetivos para o investimento feito na educação agrícola e que visava modernizar a produção e otimizar os resultados das colheitas, foi encontrada na ESAV, que copiou a experiência dos Estados Unidos com as devidas adaptações ante as limitações da realidade mineira de então. Se lá o higienismo não se fez necessário aos propósitos de mudança técnica e produtiva, aqui esse tema teve de ser pautado. Aqui, a disciplina, ou melhor, a autodisciplina para o trabalho manual, teve de superar a ética de fidalgos e moldar condutas para que o moderno superasse o aristocrático. ESAV encheu os olhos das elites agrárias mineiras, interessadas na sua manutenção no poder por meio do aumento ou diversificação de sua produção agrícola no estado.⁷²

Assim, a crise da monocultura cafeeira, o fim do escravismo no Brasil, o advento da República e o poder político nacional concentrado nas mãos de setores agrários interessados em desenvolver suas atividades impulsionaram a institucionalização do projeto educacional da ESAV.

⁷⁰ Ibid.

⁷¹ BORGES, José M. e SABIONI, Gustavo. Op. cit. p. 15.

⁷² COELHO, France M. Gontijo. 1992, Op. cit. p. 38.

Pode se dizer que tais condições, associadas ao contingente populacional disponível internamente demarcaram as possibilidades e a busca de alternativas, tanto para o trabalho livre como para a policultura.⁷³

A intenção de atuar além das práticas agrícolas, em estruturas da sociedade agrária da região, motivaram e justificaram os estudos sobre a Sociologia Rural na instituição. Um trabalho do professor da ESAV, Edgard de Vasconcelos, descreve algumas das preocupações da área de estudo como:

... o aproveitamento racional do homem (nacional e estrangeiro), sobre os problemas do reajustamento social nos meios rurais, compreendendo assuntos de higiene, de educação e de preparação profissional do homem do campo, e, finalmente, sobre o controle da produção agropecuária no Estado de Minas Gerais.⁷⁴

Mas, para que os docentes e seus alunos pudessem realmente promover essas mudanças, era preciso entrelaçar as vidas dos alunos com a forma assumida pela Instituição, criando um “vínculo vitalício” e, por conseguinte, uma memória identificadora. Os alunos eram estimulados a conviverem com os professores. A direção orientava os docentes a levarem, quando possível, os alunos ao seu convívio, como podemos ver a seguir:

A seguir o Sr. Presidente solicitou aos Srs. Professores seu concurso para:
1º Muito aperto aos alumnos nos trabalhos;
2º Convites aos rapazes para virem aos seus lares;
3º Aumento do convívio social no Estabelecimento.⁷⁵

Em outro momento, a direção se mostra preocupada com o trato entre professores e alunos, talvez de forma a não se criarem uma relação baseada em medo, como visto a seguir:

⁷³ Ibid. p. 39.

⁷⁴ Ibid. p. 203.

⁷⁵ REUNIÃO DA CONGREGAÇÃO DA ESAV. Ata. Escola Superior de Agricultura e Veterinária de Minas Gerais. 30 de julho de 1932. Viçosa MG: UFV. ACH. Livro 1. Fl. 88

Usando da palavra, o Exmo Sr. Director tratou dos seguintes pontos:

- Vantagens da repetição como meio útil de se conseguir bom resultado no ensino, recapitulação da parte estudada;
- Faz um apello a cada um dos Srs. Professores para o trato com os alumnos, evitando-se o quanto possível o serem considerado como nervosismo da parte de cada um.
- Disse ainda sobre o exemplo dos Srs. Professores e Director, que sempre são observados pelos alumnos.⁷⁶

Na ESAV, dessa forma, acontecia uma formação para um tipo de cidadão por meio do que se pode chamar de uma espécie de formação integral, ou seja, uma formação que visa não somente a transmissão de saberes técnicos, mas também a apreensão de valores e formas de atuar, tanto no campo profissional quanto no convívio social. Além disso, a escola pretendia disciplinar seus alunos para o trabalho profissional, aconteça ela no nível técnico como no nível de escolarização superior.

A escola cria um *status* diferente para aquele que vai movimentar o trabalho no campo, ao criar uma identidade por meio de um modo de ser disciplinado enquanto estudante, identificando-o com valores difundidos e praticados na instituição de maneira sistemática por meio de adestramentos repetitivos e de formas de controle coercitivos de condutas indesejadas.

Sobre essa ideia, Goffmann nos fornece importante interpretação ao discutir as formas de atuação de uma “instituição total” sobre seus internos:

Em primeiro lugar, todos os aspectos da vida são realizados no mesmo local e sob uma única autoridade. Em segundo lugar, cada fase da atividade diária do participante é realizada na companhia imediata de um grupo relativamente grande de outras pessoas, todas elas tratadas da mesma forma e obrigadas a fazer as mesmas coisas em conjunto. Em terceiro lugar, todas as atividades diárias são rigorosamente estabelecidas em horários, pois uma atividade leva em tempo predeterminado, à seguinte, e toda a sequencia de atividades é imposta de cima por um sistema de regras formais explícitas e um grupo de funcionários. Finalmente, as várias atividades obrigatórias são reunidas num plano racional único, supostamente planejado para atender aos objetivos oficiais da instituição.⁷⁷

Em resumo, essa identidade do ex-aluno da ESAV o diferenciava no mercado, além do que toda ação realizada nesse sentido criava uma autoimagem da Instituição. A modelagem

⁷⁶ REUNIÃO DA CONGREGAÇÃO DA ESAV. 1929, Ata. Escola Superior de Agricultura e Veterinária de Minas Gerais 28 de junho de 1929. Viçosa MG: UFV. ACH. Livro 1. Fl. 40.

⁷⁷ GOFFMANN, Erving. Op. cit. p. 17-18.

de seus alunos criou e reproduziu ritos institucionais que, alguns deles, até os dias atuais acontecem. A inculcação de valores e a valorização do saber prático demarcou um perfil de agentes profissionalizados para determinados fins de mudança social, ou seja, voltados para a modernização do padrão técnico e cultural da agricultura. Na época isso significava basicamente alterações nos manejos e processos de produção. As inovações propostas eram apresentadas como valores inquestionáveis. Tanto que era comum a solicitação de profissionais e de serviços à ESAV por parte de indústrias e de vários órgãos governamentais de diversos locais como mostra o trecho a seguir:

Agradecendo-lhe a lista de estudantes que V.S. teve a gentileza de nos enviar. De harmonia com a nossa apreciação pelos vossos esforços em organizar aquela lista, estamos lhe enviando, por separado, uma cigarreira de couro, a qual, esperamos, seja do seu agrado.⁷⁸

É possível ver também a presença esaviana em outras fontes como por exemplo, em outro trecho, o diretor de agricultura do estado do Espírito Santo agradece à indicação de um profissional pelo diretor da ESA:

Esperando poder sempre, para a felicidade da lavoura espírito santense, contar com a valiosa colaboração da Escola que V. Excia, dirige com tanta eficiência, comunico-vos que o técnico agrícola Honorato Menon já está em exercício, em Goitacazes, merecendo V. Excia, os meus agradecimentos pela indicação do mesmo.⁷⁹

Hoje, a ESAV como Universidade Federal de Viçosa (UFV), que tem 91 anos de história (1926 marca o início das aulas), preza por uma imagem bastante singular no quadro geral da educação superior no Brasil, sendo que a área das ciências agrárias já conquistou reconhecimento científico e social com maior destaque. Entretanto, a UFV contempla atualmente diversas áreas de conhecimento, como ciências humanas, artes, engenharias e da saúde. O que os primórdios aqui relatados deixaram como marca instituída e que se pode ver refletida em todas as formações que, hoje, acontecem na UFV, é sua disciplina organizacional e controle acadêmico. Além disso, é também sua marca histórica a expectativa de uma formação profissional que, de alguma forma, venha a contribuir com mudanças significativas na sociedade.

⁷⁸ Correspondência enviada por The Denver Chemical MFG. GO. Ao diretor da ESAV em 2 de dezembro de 1930. Viçosa MG: UFV. ACH. Caixa 170.

⁷⁹ Correspondência enviada pelo Diretor de Agricultura do Espírito Santo, Antonio R. Coutinho, ao diretor da ESAV em 26 de setembro de 1934. Viçosa-MG: UFV. ACH. Caixa 1199.

Nesse modelo pedagógico, prático e pragmático, marcado pela valorização da prática, do “aprender fazendo”, além das ações de controle social presentes na Escola e fora dela, da agricultura voltada para a atividade comercial e do vínculo entre os ex-alunos e a Instituição, os responsáveis pela Instituição buscavam moldar o perfil do aluno esaviano por meio de vivências nas quais eles precisavam “sujar as mãos com a terra”.

Capítulo 2

O processo de formação do técnico esaviano: as aulas de sala e as práticas de campo.

2.1 Uma identidade forjada numa escola agrícola

A identidade de um indivíduo é formada a partir de um processo complexo pelo qual ele sofre influências ao mesmo tempo em que influencia seu contexto. Como uma síntese de fatores externos e das elaborações internas interno, dos condicionamentos impostos e do acatamento incorporado sua identidade apresenta-se como marcas absorvidas de suas experiências que vão construindo determinadas características à uma forma de ação típica. Em uma instituição, esse processo cria em quem está envolvido na ação, uma estrutura de significados que passa a direcionar atitudes grupais e gera uma memória que será transmitida posteriormente. Segundo Manuel Castells:

Embora as identidades também possam ser formadas a partir de instituições dominantes, somente assumem tal condição quando e se os atores a internalizam construindo seu significado a partir dessa internalização.⁸⁰

A partir dessa concepção é possível pensar a identidade do indivíduo como um fenômeno que molda a atuação social do ser. E no ato de moldar esse ser, essa identidade constrói uma forma de pensar e agir que acaba por defini-lo frente aos demais grupos sociais. Como bem disse Castells, a identidade de um ser é algo construído socialmente.

O que torna esse fenômeno complexo, no entanto, é o que e como se dá essa construção, que no caso, é o processo que forjava o esaviano. A pesquisa documental e fotográfica sugeriu que o processo de modelagem ao qual os estudantes da ESAV eram submetidos se processava basicamente de duas formas:

- De um lado, pela força de uma concepção e prática de ensino embasadas numa metodologia que valorizava o saber prático, num ideal pedagógico do “aprender fazendo” e numa ideia de saber científico como forma de poder capaz de modernizar

80 CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**. Trad. Klauss Brandini Gerhardt. 2ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000. p. 23

a produção agrícola. A proposta de ensino era formar aqueles que iriam assumir a direção das mudanças para novas formas de produção e de conhecimento agrícola. Caberia a esses futuros Técnicos Agrícolas, Engenheiros Agrônomos ou Médicos Veterinários saber de uma agricultura científica e técnica para **levar** este saber produzido na Escola aos “fazendeiros”⁸¹

- Do outro lado, a definição e imposição de regras e normas de conduta extraclasse, que permitiam o controle de ações e de horários intensificados como vigília constante. No mesmo sentido, a aplicação de punições pela diretoria aos alunos infratores e a inculcação de valores viabilizada pela realização diária das chamadas Reuniões Gerais, construiriam o tipo esaviano.

Portanto, a fusão dessas duas formas de abordagem e controle da formação, gerava o que a direção central parecia crer que seria o melhor caminho para a modernização do aluno agrícola e dos ideais do esaviano.

2.2 Ensino prático para modernizar o técnico e a técnica

A ESAV foi criada sob a luz de uma orientação educacional diferente do que era conhecido no Brasil até os anos de 1920. Outras instituições de ensino agrícola utilizavam uma metodologia convencional de inspiração europeia, que privilegiava o ensino teórico como acontecia nos cursos de formação de bacharéis.

Esses bacharéis eram mais ligados às vocações literárias e burocráticas, e não para o verdadeiro trabalho agrário. Esse tipo de formação seria uma herança aristocrática do período colonial, pensado para formar os dirigentes do país. Segundo Azevedo:

⁸¹ Acredita-se que essa denominação genérica de “fazendeiros” que aparece nos documentos de época foi inspirada nos *farmers*, público atendido nos EUA pelos *land grant colleges* americanos. Esse termo fazendeiro foi instituído na ESAV em sua forma genérica mesmo que a denotação social no Brasil significasse outro tipo social (elites agrárias) e não simplesmente aqueles que lidam no campo. Atualmente o termo permanece inquestionável como parte do nome do maior evento de Extensão Universitária da UFV, que acontece na instituição desde 1929, a chamada SEMANA DO FAZENDEIRO. Apenas mais recentemente, diante da ação dos movimentos sociais do campo e que deixam evidente os conflitos existentes no espaço agrário brasileiro é que, para alguns membros da comunidade universitária, a denominação do evento poderia dar a entender que ele direciona-se apenas à agricultura patronal e as elites agrárias, o que não é bem verdade. Como contraponto e buscando criar espaços de inclusão social e abertura para os “não patronais” do campo, atualmente acontece dentro da Semana, outro evento de propósitos explicitamente mais popular, a chamada TROCA DE SABERES.

Desse modo, no final do século XIX, predomina a vigência de um ensino secundário propedêutico, voltado para atender às necessidades das minorias privilegiadas em alcançar o ensino superior. Este último, por sua vez, manteve sua vocação acadêmica, retórica, sem muita preocupação com atividades práticas e produtivas, preservando assim a herança cultura aristocrática, de formação bacharelesca, que influía diretamente sobre a composição e os objetivos perseguidos pela demanda escolar: formar os quadros dirigentes do país.⁸²

No entanto, esse formato se diferenciaria do modelo que foi pensado para a Escola Superior de Viçosa. Tanto assim que professor P.H. Rolfs, primeiro diretor da ESAV, esclareceu o sentido e as dificuldades de seu trabalho, conforme informou, em relatório anual, o professor Humberto Bruno:

A tarefa de “collocar, organizar e dirigir” uma Escola Superior Agrícola, sob as linhas norte-americanas (conforme linguagem do meu chamado para o Estado de Minas), tem sido altamente difícil e ardua. Sem a *sympathia* e cooperação do Governo Estadual, pouco ou quase nada podia-se ter conseguido.⁸³

O agrônomo ou o veterinário formado pela ESAV conheceria o trabalho na prática por que já o teria executado. O conhecimento e a capacidade de execução da técnica traria o sucesso da produção e a modernização agrícola, consideradas como uma perspectiva almejada pela sociedade brasileira do início do século XX. O primeiro diretor da Escola Superior de Viçosa em sua despedida ainda apontava sua esperança ao dizer: “Para a Escola, que ocupa lugar grande no meu coração, antecipo um destino grandioso, de serviço continuado e melhoramento do Estado de Minas e para o Brasil.”⁸⁴

Dessa forma, os conteúdos e a metodologia de ensino dos *colleges* estadunidenses em Minas Gerais mostrou-se interessante para as elites rurais mineiras. A forma de produzir dos vizinhos da América do Norte indicava que, nada melhor que um experiente agrônomo estadunidense para iniciar e consolidar um projeto de Instituição e de Instrução Agrícola, como se pode ler no trecho que segue:

82 AZEVEDO, Denílson Santos de. Op. Cit. p. 18

83 Texto do Dr. P.H. Rolfs na conclusão do relatório do professor Humberto Bruno. 31 de janeiro de 1929. Viçosa-MG. UFV. ACH. Caixa 1270.

84 Ibid.

No início do século XX, o exemplo americano fascinava as elites brasileiras e mesmo as elites mineiras, como foi o caso de João Pinheiro. No Congresso Industrial, Agrícola e Comercial de 1903, em Belo Horizonte, ele advertia que, apesar de aquele país ter servido de paradigma político na instalação da república, eram cometidos certos erros como “não haveremos adotado na íntegra, decisivamente as suas leis de constituição de trabalho, de proteção absoluta a todo esforço produtor, de esfera natural à agricultura, de amparo à manufatura incipiente...”⁸⁵

Os bons resultados obtidos pelos Estados Unidos com seus *Land Grant Colleges*, um modelo de Escola que desenvolvia pesquisa, ensino e extensão, interessou a elite política do país e seria cobiçado no estado de Minas Gerais, que ansiava por uma mudança na sua estrutura produtiva, o que traria um novo fôlego à economia cafeeira do estado frente ao poder econômico e político de outros estados. Diversificar a produção cafeeira para outros monocultivos foi a grande expectativa alimentada pela ESAV junto aos fazendeiros da época.

O sucesso da metodologia de ensino na Escola Superior de Viçosa era de interesse das elites agrárias mineiras, pois possibilitava a expectativa de progresso da produção agropecuária mineira e seu consequente progresso político e econômico.

O encantamento institucional americanizado que estava presente no Estabelecimento foi o que moveu a fundação e a consolidação de um projeto de formação diferenciado em Viçosa⁸⁶. A forma de trabalho americana (moderna, eficiente e produtiva para os padrões capitalistas da época) encantou as elites mineiras mais que o método de ensino europeu, cujo padrão intelectualista e bacharelesco, principalmente o francês, era visto como ineficaz e inadequado para a formação de um profissional para a agricultura e veterinária, no Brasil e em Minas Gerais.

O relato a seguir, enviado ao Secretário de Agricultura de Minas Gerais, em 1930, deixa evidente a simpatia por essa influência americana na organização administrativa da Instituição. Ao falar sobre a criação de uma Junta Administrativa como forma de buscar autonomia administrativa e financeira para instituição, em uma reunião da Congregação de 1930 ficou registrado o teor de correspondência enviada a Belo Horizonte:

85 COELHO, France M. Gontijo. Op. cit. 1992. p. 35.

86 Utilização das práticas educacionais e administrativas utilizadas nas escolas agrícolas dos Estados Unidos na condução da ESAV graças à presença de professores estadunidenses vindos para a Escola.

Exmo. Sr. Dr. Djalma Pinheiro Chagas, Secretário de Agricultura de m. Gerais – Belo Horizonte- saudações affectuosas – Exmo Sr. – de acordo com as instrucções de V. Excia. tenho a honra de submeter ao seu julgamento o plano para ser esta Escola administrada por uma junta administrativa e custeada pelo regime de custos permanentes. Cumpre-me, respeitosamente, lembrar que este é o systema de administração de todos os estabelecimentos norte-americanos de instrucção agrônômica e em outros paízes estrangeiros.⁸⁷

A mudança na forma de se produzir se daria através do desenvolvimento de um tipo de ensino agrícola e de pesquisas aplicadas à produção agrária, que exigiam uma organização escolar autônoma e que não dependesse de alterações nas dotações governamentais quando das mudanças de governos.

Essas alterações permitem remeter às palavras de Norbert Elias, para quem um “processo de modernização” da sociedade se faz a partir da modernização de suas instituições. Assim, ao viabilizar a instrução agrícola dos filhos dos fazendeiros esperava-se alterar a dinâmica do rural. A criação da Escola e os acertos necessários ao seu funcionamento iam delineando um modo de ser da escola agrícola de Viçosa diferente do que se conhecia.

Nesse sentido, pode-se citar, por exemplo, que, em 1926, antes mesmo das aulas começarem, várias solicitações já chegavam à direção. Em carta enviada de São Paulo, um interessado em matricular seu filho, que já teria colhido informações sobre a nova escola, escreveu numa segunda vez:

Em fevereiro do corrente ano consultei Vossa Senhoria [Diretor da ESAV] sobre as condições de admissão na Escola de Viçosa. Respondeu-me gentilmente Vossa Senhoria, informando que o Regulamento ainda não havia sido publicado. Dando agora a descrição dos festejos de inauguração da Escola, volto à presença de Vossa Senhoria pedindo o obsequio de mandar prestar-me os seguintes esclarecimentos... Desejaria saber quaes preparatórios, indispensáveis a matrícula, si existe exame vestibular ou de admissão na Escola de Viçosa, em que época deverá ser prestado, e quaes as matérias de que se occupão.⁸⁸

Já em fevereiro de 1934, outra correspondência, essa do Espírito Santo, endereçada à direção, agradece a matrícula de um aluno por ele indicado dizendo:

87 REUNIÃO DA CONGREGAÇÃO DA ESAV, 1930, Ata. Escola Superior de Agricultura e Veterinária de Minas Gerais, 1 de Setembro de 1930. Viçosa MG: UFV. ACH. Livro 1. Fl. 43.

88 Correspondência enviada pelo senhor Henrique Sauer, de São Paulo em 13 de Setembro de 1926 ao diretor P.H. Rolf. Viçosa MG: UFV. ACH. Caixa 1355.

Recebi sua estimada carta certificando-me da matricula do senhor Josué Valiatti e venho agradecer-lhe penhoradamente seu favor e atenção. Recebi também carta do candidato matriculado cujas expressões confirmam o meu juízo a respeito dele. Estou certo de que esse moço possui excelentes qualidades e é um valor a despertar.⁸⁹

O trecho indica que havia um interesse em frequentar a Escola, por ser uma forma de “despertamento” de qualidades. O ensino e as experiências sobre formas modernas de plantar e criar animais modelaria seus alunos. Além disso, tudo indica que também havia expectativa social de que esses alunos pudessem adquirir posturas sociais diferentes do que até então se via como padrão. Essas expectativas sociais atribuíam à ESAV o papel de algo mais além de uma simples escola. Ela foi posta como uma ferramenta de disseminação de uma espécie de civilização para aqueles que entrassem em contato com seus formados. Talvez fosse atrás desse tipo de atividade que aportavam aqui os “fazendeiros” e até os agricultores menores, da região e de vários lugares do estado e do país. A procura por vagas na ESAV vinha de muitos lugares. Essa busca é o indício da esperança depositada nesta instituição.

2.3 Por que aprender a fazer, fazendo?

O aprendizado a partir da prática foi ideia corrente e recorrente na ESAV, como se pode ler nos documentos e registros históricos. Essa preocupação em manter e estimular essa metodologia aparece em vários momentos da pesquisa documental. O aprender fazendo tornou-se emblemático e se traduzia na importância atribuída às aulas práticas. Essas aulas práticas forma tema corrente nas reuniões da Congregação como no trecho a seguir, em que o diretor João Carlos Bello Lisboa:

Seguindo-se com os trabalhos continuou, referindo-se as aulas practicas, o Sr. Presidente pediu aos Srs. Professores que organizassem um plano prévio, tendo realçado o seu valor e suas vantagens em proveito dos alumnos e dos trabalhos.⁹⁰

Em outro trecho da mesma Ata, o diretor reitera novamente cobrando os professores a respeito das atividades práticas.

89 Correspondência enviada pelo senhor Benvindo de Novaes, de Vitória – ES ao diretor João Carlos Bello Lisboa. 9 de Fevereiro de 1934. Viçosa MG: UFV. ACH. Caixa 1356.

90 REUNIÃO DA CONGREGAÇÃO DA ESAV, 1932, Ata. Escola Superior de Agricultura e Veterinária de Minas Gerais, 7 de abril de 1932. Viçosa MG: UFV. ACH. Livro 1. Fls. 84-85..

Pedi muita atenção aos Srs. Professores para as aulas e trabalhos praticos. As aulas practicas devem ser previamente preparadas. O Sr. Professor Bruno declarou que tem observado os alumnos não gostam ou antes têm a tendência de não repetirem trabalhos já realizados.⁹¹

No entanto, tudo indica que essas aulas práticas eram bem vistas pelos alunos, ou ao menos não eram vistas como um problema. Tanto assim que elas prosseguiram em todo o período de existência da ESAV como podemos verificar no trecho a seguir:

Sítio do Sr. Manoel de Oliveira Brandão, muito apreciado pela excelente organização e capricho do proprietário; agricultor e criador culto, de bôa vontade percorreu conosco suas instalações, a criação de aves, estábulo e pocilga. Naquela época, um trator de Cooperativa de Ubá lá estava preparando campos para o plantio de fumo, o que foi bastante interessante e útil para os alunos.⁹²

Esse interesse no método aplicado também aparecia quando a diretoria tentava demonstrar ao prestar contas da frequência às aulas e dos procedimentos de comunicação aos pais à Secretaria de Agricultura:

A frequência as aulas foi optima, podendos ser considerada como excepcional. Foram verificadas 97641 presenças, contra 3506 faltas, das quaes, por motivos justificados, contam-se 1922. Foram enviados aos paes, boletins esclarecendo a situação escolar dos alumnos. O número total de boletins foi de 1064. Tendo estes o formato de carta e tratando individualmente cada alumno, são recebidos com muito interesse.⁹³

As aulas práticas foram pensadas para o desenvolvimento de habilidades a serem incorporadas pelos estudantes criavam as condições para uma característica do aluno esaviano: para melhor comandar, conhecer o trabalho agrícola na prática, pois literalmente, já teria executado. O aluno (Técnico Agrícola, Agrônomo ou Veterinário) deveria aprender seu ofício na Escola estudando teoria e colocando em prática.

91 REUNIÃO DA CONGREGAÇÃO DA ESAV, 1932, Ata. Escola Superior de Agricultura e Veterinária de Minas Gerais, 7 de abril de 1932. Livro 2. Fls. 3-4.

92 Relatório anual do professor Vitório Codo, do curso de Anatomia e Fisiologia ao diretor da ESAV em 16 de fevereiro de 1949. Viçosa-MG: UFV. ACH. Caixa 1401.

93 Relatório anual do diretor da ESAV ao Secretário de Agricultura em 1932. Viçosa-MG: UFV. ACH. p. 10. Caixa 1313

Quanto aos alunos informo o seguinte: de um modo geral foram aplicados, cumpridores dos seus deveres e sempre mostraram prontos para prestar qualquer serviço a Escola, mesmo fora de horas dos seus trabalhos regulamentares.⁹⁴

O diretor P.H. Rolfs também exaltou a qualidade e o envolvimento dos alunos com a metodologia. O fragmento a seguir nos indicia que o desenvolvimento dos alunos pode ser sinal de aceitação ao método de trabalho da ESAV, o qual é reiterado constantemente pelo diretor e pelos professores:

Expos, depois sua opinião com relação aos alumnos, achando-os mais alegres e que se encontram já, no segundo semestre, compenetrados nos seus deveres, levando-os mais a sério. Diz ser necessário que os professores apertem mais os alumnos em relação ao cumprimento dos seus (deveres) trabalhos.⁹⁵

Pode-se dizer que essa marca da Instituição como objetivo e metodologia de ensino passou de geração em geração e perdura, de alguma forma, até os dias atuais na formação das ciências agrárias. Essa preocupação com aulas práticas esteve presente em muitas reformas de programas e estatutos durante o período estudado, pois, como registrado em ata de 1929, essa metodologia era implantada: “a fim de melhorar o ensino pela prática e bom senso da administração, levando os alunos a vencerem os obstáculos, pelo raciocínio próprio, de modo econômico, em tempo e em dinheiro”.⁹⁶

Ao ver o tamanho e a disposição do território do campus de Viçosa e sua ocupação, fica evidente que a prática de campo ainda é muito valorizada como forma de ensino. Presente desde o início na ESAV, a cultura do saber prático, de ensinar a partir do trabalho feito pelos próprios alunos é um traço marcante da metodologia instituída na Escola. Como as experimentações tiveram início na Instituição ainda em 1922, ou seja, seis anos antes do início dos cursos superiores, a organização dos campos de experiências antecedeu aos edifícios ou às salas de aula. Por isso, acredita-se que as práticas tinham um *status* de importância intimamente vinculado aos conteúdos e seus objetivos, como se depreende do trecho que segue:

⁹⁴ Relatório anual do professor Chotaro Shimoya, do Departamento de Biologia em 20 de dezembro de 1941. Viçosa-MG: UFV. ACH. Caixa 111.

⁹⁵ REUNIÃO DA CONGREGAÇÃO DA ESAV, 1928, Ata. Escola Superior de Agricultura e Veterinária de Minas Gerais, 29 de outubro de 1928. Viçosa MG: UFV. ACH. Caixa 63.

⁹⁶ REUNIÃO DA CONGREGAÇÃO DA ESAV, 1929, Ata. Escola Superior de Agricultura e Veterinária de Minas Gerais, 17 de dezembro de 1929. Viçosa MG: UFV. ACH. Livro 1. Fl. 26.

No tempo das aulas practicas de Botanica aos alumnos de acordo com as vossas indicações foram dadas muitas possibilidades de observar os phenomenos de physiologia nas plantas pelas numerosas demonstracções experimentaes.⁹⁷

A metodologia do “aprender fazendo” foi um dos diferenciais apresentados à sociedade mineira pelos primeiros diretores da Escola, principalmente seus maiores entusiastas, o professor Rolfs e o Dr. João Carlos Bello Lisboa. Nesse sentido, já na primeira Reunião da Congregação, em 1929, o diretor da Escola diz que:

O aprender fazendo deve ser estimulado de acordo com os princípios da “escola activa” não se desprezando porém as teóricas. Uma complementa a outra.⁹⁸

Já na organização inicial da instrução da Escola Superior de Viçosa, quando os cursos superiores ainda não tinham sido iniciados, as aulas práticas já eram em maior número que as teóricas. Por orientação da Congregação, presidida pelo professor P.H. Rolfs, a metodologia baseada na prática já começava a ser implantada como na discussão sobre os horários de aula:

Ficou resolvido que cada professor no máximo 27 horas de aula por semana, sendo 9 theoricas e 18 práticas.. As aulas theoricas serão de 1 hr. e as práticas serão de 2 hrs. Nas aulas theoricas como nas práticas os professores deverão fazer perguntas aos alumnos.⁹⁹

Mas esta metodologia era nova e exigiu que se debatesse a melhor forma de sua execução, como fica explicito a seguir:

Admoestou os professores sobre tendência dos mesmos fazerem os trabalhos práticos em vez de exigir que sejam feitos pelos alumnos. Todos nós procuramos o mais possível, evitar o trabalho de pensar.¹⁰⁰

Assim, as aulas práticas eram constantemente valorizadas nas reuniões da Congregação. Enquanto diretor, João Carlos Bello Lisboa manteve as concepções

97 Relatório anual do professor Boris Titoff, do departamento de Engenharia Rural ao diretor da ESAV referente a 1930. Viçosa-MG: ACH. UFV. Caixa 144

98 REUNIÃO DA CONGREGAÇÃO DA ESAV, 1929, Viçosa-MG. Ata. Escola Superior de Agricultura e Veterinária de Minas Gerais, 15 de fevereiro de 1929. Viçosa MG: UFV. ACH. Livro 1. Fl. 2.

99 REUNIÃO DA CONGREGAÇÃO DA ESAV, 1927, Ata. Escola Superior de Agricultura e Veterinária de Minas Gerais, 26 de Julho de 1927. Viçosa MG: UFV. ACH. Caixa 63

100 REUNIÃO DA CONGREGAÇÃO DA ESAV, 1929, Ata. Escola Superior de Agricultura e Veterinária de Minas Gerais, 02 de março de 1929. Viçosa MG: UFV. ACH. Livro 1.Fl. 6.

metodológicas de seu antecessor – o professor P.H. Rolfs – e sempre que possível falava sobre a importância das práticas em sua complementariedade com as teóricas:

Em seguida expõe seu modo de encarar as aulas practicas, de acordo com os princípios da escola activa: “aprender fazendo”. Constituem ellas um objectivo de alto alcance, não se desprezando as aulas theoreticas: umas serão complementos das outras.¹⁰¹

A metodologia presente na ESAV era ponto chave para o desenvolvimento de todo o processo de formação do esaviano. Sobre a questão metodológica, Denílson Santos de Azevedo esclareceu que:

O emprego desse método de ensino fundamentado no aprender fazendo, além de ser poupador de mão-de-obra, em termos de contratação institucional de diaristas ou jornaleiros, também permitiu aos discentes o manuseio de máquinas e equipamentos agrícolas e o acompanhamento, mais direto e efetivo, do andamento das pesquisas, dos experimentos e seus resultados, como por exemplo, as pesquisas para destruição de pragas, como a saúva, as técnicas para aperfeiçoamento das culturas existentes e a introdução de novas espécies de plantas e animais.¹⁰²

A partir das evidências encontradas nos documentos e bibliografia pode-se dizer que, a metodologia, além de forma de ensino, era uma forma de gestão para economia de custos na Escola, o que sugere um estilo organizacional americano. Tudo indica que assim se resolvia dois problemas ao mesmo tempo. Enquanto se formavam Técnicos Agrícolas, Engenheiros Agrônomos e Médicos Veterinários, que conheciam o trabalho produtivo para além dos livros, evitava-se gastos com a contratação de mais trabalhadores, já que muitas atividades seriam desenvolvidas em forma de aulas práticas.

Nessa forma de aprendizado, a direção central da Escola criava todas as condições para moldar o tipo de profissional que era almejado. Se essa metodologia gerou bons frutos para o mercado de trabalho mineiro e brasileiro da época, não se poderia medir, nem tampouco foi objetivo deste trabalho, mas a imagem passada pela direção central em reuniões da Congregação durante o período da ESAV era de que essa forma de ensinar estava sendo muito bem aceita pelos alunos. Isso foi o que transparecia das falas dos diretores e professores

101 REUNIÃO DA CONGREGAÇÃO DA ESAV, 1927, Ata. Escola Superior de Agricultura e Veterinária de Minas Gerais, 19 de Agosto de 1927. Viçosa MG: UFV. ACH. Caixa 63.

102 AZEVEDO, Denílson Santos. **Melhoramento do Homem, do Animal e da Semente. O Projeto Político Pedagógico da Escola Superior de Agricultura e Veterinária do Estado de Minas Gerais (1920-1948): Organização e funcionamento.** São Paulo: USP. 2005. p. 126

sobre suas impressões em relação a seus alunos.

O diretor pediu aos Srs. Professores mandarem as notas das provas mensais tão cedo quanto possível depois de feitas as provas. Disse que em geral a qualidade dos alumnos é boa, e o seu attitude ao trabalho tembem bom em geral. É necessário corrigir as faltas antes dellas tornar fixas.¹⁰³

As aulas eram ministradas sempre sob um regime de muita rigidez e buscando o tempo todo fazer com que o aluno aproveitasse o máximo do tempo em que estivesse na Escola. Mesmo nas aulas teóricas, ministradas em salas convencionais, o formato utilizado se mostrava bastante voltado ao questionamento prático, como se pode ler a seguir:

Nas aulas theoricas como nas practicas os professores deverão fazer perguntas aos alumnos.
O período de uma hora para aulas theoricas será mais ou menos assim distribuído: 15 minutos para perguntas da lição anterior; 30 minutos sobre a lição do dia e 10 minutos para explicação da lição do dia seguinte...¹⁰⁴

Com tempos reservados para revisão da matéria vista na aula anterior, exposição do resumo da matéria que seria discutida naquele dia e utilização de atividades de fixação, a Direção Central, atuando na Congregação, interferia diretamente na ordem pedagógica e na rotina dos professores. A cobrança feita aos docentes era no sentido de fazer com que os alunos participassem mais das aulas. A sugestão didática de ir “fazendo perguntas” e respondendo a questionamentos, além das conhecidas “sabatinas”, era outro método que a direção impunha aos professores para a obtenção de resultados por ela desejados. Essa utilização era constantemente enfatizada pelos primeiros diretores da ESAV e registrada nas reuniões da Congregação dos anos iniciais. Segundo Bello Lisboa, esses princípios da “Escola Activa” deveriam nortear toda a atuação da Instituição.

A cobrança não era somente da direção em relação aos professores. A cobrança por rendimentos cada vez melhores se dava também da direção aos alunos. A menção (citação) de alunos com desempenhos igual ou acima do esperado e a observação sobre alunos cujo desempenho estava abaixo do esperado em quase todas as reuniões é uma evidência deste controle. Os apelos constantes para que se “apertassem” as turmas, principalmente os “alunos

103 REUNIÃO DA CONGREGAÇÃO DA ESAV, 1927, Ata. Escola Superior de Agricultura e Veterinária de Minas Gerais, 30 de Setembro de 1927. Viçosa MG: UFV. ACH. Caixa 63.

104 REUNIÃO DA CONGREGAÇÃO DA ESAV, 1927, Ata. Escola Superior de Agricultura e Veterinária de Minas Gerais, 26 de julho de 1927. Viçosa MG: UFV. ACH. Caixa 63.

mais fracos” eram muito frequentes nas fontes pesquisadas, mas esse aperto tinha uma certa “dose” como se pode ler no trecho a seguir:

Conselhos do Dr. Rolfs aos professores sobre os trabalhos dos alumnos, divisão dos trabalhos, etc. Para que os alumnos não fiquem atôa. Dar trabalho demais é tão prejudicial como não dar suficiente. Como devem os professores ter o “controll” da atenção dos alumnos e despertar a mentalidade dos mesmos nas classes.¹⁰⁵

As faltas às aulas também eram monitoradas como forma de prevenir problemas disciplinares e possíveis abandonos por parte dos alunos. O sistema era salientado em vários momentos.

Os alumnos que faltarem s aula não deverão ter permissão de assistir a aula seguinte daquela matéria enquanto não ir a Directoria explicar as razões da falta e apresentar permissão da mesma para entrada na aula seguinte. Os alumnos devem chegar nas aulas nas horas certas, não podendo ter entrada nas mesmas depois de passada a hora de entrar.¹⁰⁶

No trecho a seguir, a direção comemora o sucesso do sistema e reforça o pedido de fiscalização aos professores. Segundo a mesma Ata, essa é uma importante ferramenta para o desenvolvimento da Escola e de seus alunos. O discurso da Congregação pode ter o objetivo de registrar um tipo de comportamento exemplar também da Instituição

Lembrou aos professores a necessidade de communicar as faltas em aulas logo depois de realizada cada aula. Frequencia tem sido excellente. Principalmente devido ao systema de justificação. Este exemplo mostra o valor da cooperação entre professores e directores.¹⁰⁷

Alunos também aparecem sendo rebaixados de nível e até mesmo afastados da Escola por não corresponderem às metas de rendimento estabelecidas. A cobrança metódica formou o esaviano, que tinha que ter bom rendimento acadêmico ou não poderia ser um esaviano.

O aluno da ESAV aparentemente era coagido a ser comportado em sala de aula. E é bem possível que ele nem sempre o era, já que as punições a alunos por atos cometidos em sala, dentro das dependências da Instituição, ou mesmo fora dos domínios da ESAV,

105 REUNIÃO DA CONGREGAÇÃO DA ESAV, 1927, Ata. Escola Superior de Agricultura e Veterinária de Minas Gerais, 30 de julho de 1927. Viçosa MG: UFV. ACH. Caixa 63.

106 Ibid.

107 REUNIÃO DA CONGREGAÇÃO DA ESAV, 1927, Ata. Escola Superior de Agricultura e Veterinária de Minas Gerais, 29 de outubro 1927. Viçosa MG: UFV. ACH. Caixa 63.

aparecem com frequência nas reuniões da Congregação.

A passagem transcrita a seguir onde o diretor discute casos de transgressão e reforça junto aos professores a importância da rigidez nos processos educacionais nos leva a crer que havia a regra, havia a transgressão e havia a punição. Posturas não condizentes com o padrão de comportamento desejado não poderiam existir na Escola pois era a partir da permissividade que o projeto seria comprometido.

Passagens como a que vemos logo na sequência estão em vários pontos das Atas, demonstrando a preocupação do corpo de direção em manter a ordem. Elas podem ser vistas durante os registros de todo o período e indiciam que o modelo de construção do esaviano foi seguido por todos os diretores da Instituição.

O diretor levou ao conhecimento da Congregação os dois casos de indisciplina que tinha acontecido, sendo que o Snr. Carlos Soares de Almeida ter-se apresentado atrasado no estudo pela terceira vez, foi admoestado no Gabinete do Director tendo se manifestado arrependido.

O Snr. Luiz Roxo da Motta, por infracções continuadas, especialmente se apresentar atrasado no estudo, e sendo elle ainda menor, foi chamado o pae para resolver o caso. Como representante do pae veio um irmão mais velho.

Há a maior necessidade de disciplina rigorosa. Infracções não podem ser continuadas sem trazer grande desmoralização ao Estabelecimento.¹⁰⁸

Em outro trecho, o segundo diretor, João Carlos Bello Lisbôa, segue as mesmas orientações de seu antecessor, sobre a postura a ser tomada com relação aos alunos.

O Exmo. Sr. Dr. Bello Lisbôa tem palavras oportunas sobre o próximo encerramento das aulas no corrente semestre, pedindo aos presentes o maior aperto possível para com os alumnos, nesses últimos dias, com especialidade, o Medio IV.¹⁰⁹

A imposição de rigidez na hora dos estudos teóricos ou práticos parece ter sido muito forte durante os anos da Escola Superior de Viçosa. Horário de chegada às aulas, comprometimento com os estudos e com os conteúdos, “abstenção de comportamentos nocivos à ordem em sala” eram diariamente pedidos pela direção e impostos pelos professores

¹⁰⁸ REUNIÃO DA CONGREGAÇÃO DA ESAV, 1927, Ata. Escola Superior de Agricultura e Veterinária de Minas Gerais, 29 de novembro de 1927. Viçosa MG: UFV. ACH. caixa 63.

¹⁰⁹ REUNIÃO DA CONGREGAÇÃO DA ESAV, 1929, Ata. Escola Superior de Agricultura e Veterinária de Minas Gerais, 31 de maio de 1929. Viçosa MG: UFV. ACH. Livro 1. Fl. 11.

aos alunos.

No entanto, é possível, como veremos no texto do professor Secundino exposto à frente, que essa rigidez muitas vezes era burlada pelos alunos. Esse fato nos leva então a analisar essas ações como tentativa de flexibilização definida assim por Michel de Certeau:

A presença e a circulação de uma representação (ensinada como o código da promoção socioeconômica por pregadores, por educadores ou por vulgarizadores) não indicam de modo algum o que ela é para seus usuários. É ainda necessário analisar a sua manipulação pelos praticantes que não a fabricam. Só então é que se pode apreciar a diferença ou a semelhança entre a produção da imagem e a produção secundária que se esconde nos processos de sua utilização.¹¹⁰

Trechos do Regimento Interno da ESAV, por exemplo, previam as posturas corretas a serem adotadas pelos alunos. Esse Regimento permite entender o que se queria do aluno enquanto ele tivesse vínculo com a Escola. O documento era votado na Congregação em reunião onde o mesmo era analisado. Os registros encontrados apontam para a manutenção dessas regras desde os primeiros anos. Tivemos acesso apenas aos exemplares de 1935 e 1941, em versões idênticas. Algumas atas anteriores citam a votação e aprovação do documento e não cita alterações, mas as versões não foram encontradas nessa pesquisa.¹¹¹

No entanto, se existia a regra, aparentemente também existia a transgressão. Até mesmo pelo fato de que as regras são impostas para coibir posturas anteriores. E na ESAV não parecia ser diferente. Por mais que a metodologia fosse diferenciada e que os objetivos almejados pela Escola fizessem parte de um projeto até então inovador, ainda assim era um ambiente coletivo, onde as posturas às vezes não condiziam com um comportamento adequado, segundo os padrões dados pela direção. Logo, as transgressões existiam, e com elas, as admoestações aos transgressores.

Vamos nos ater aqui às punições por ações ilegais cometidas durante atividades de sala de aula. Em outro ponto discutiremos as ações punitivas da direção sobre ocorrências em outros cenários como no internato ou por faltas externas ao perímetro da Escola.

Uma das ações mais punidas, segundo a documentação pesquisada, foi a chamada fraude em exames, ou simplesmente, a “cola”. Os flagrantes dados pelos professores eram levados à Congregação, que decidia em conjunto a melhor forma de se punir essa falta. Algumas ocorrências ficaram registradas em Ata e podem ser vistas como no fragmento a

¹¹⁰ CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano: Arte de fazer**. 3ª edição. Petrópolis RJ: Editora Vozes, 1996. p. 40.

¹¹¹ Esse documento se apresenta na íntegra no capítulo a seguir.

seguir:

Presidiu-a o Exmo. Sr. Bello Lisbôa, que, em breves palavras expos o facto de terem sido apanhados tentando collar nas classes dos Srs. Profs. Miranda e Ferreira, respectivamente – os alumnos Geraldo Camillo Lelis e Geraldo Magella do Carmo.

O Sr. Prof. Bruno propõe a suspensão dos alumnos acima referidos, por 4 dias uteis. Submettida essa proposta a votação, foi unanimemente approvada.¹¹²

Parece que as punições para essa falta eram bem pesadas e a Congregação se colocava na responsabilidade de impedir que essas ocorrências fossem minando a autoridade de professores e da direção sobre os alunos. Em outra situação, a punição também ia até os que auxiliarem na fraude:

Por maioria de votos, ficou deliberado que se suspendessem por seis dias uteis os alumnos Altair Lopes Resende e José Silvério Barboza (SIC), o primeiro por ter collado na prova de física e o segundo por ter fornecido a colla.¹¹³

Outros casos semelhantes aparecem em toda a documentação referente às reuniões da Congregação, a maioria com punições semelhantes, o que dá indícios de que havia uma forma de punição para cada tipo de ação infratora.

Outra preocupação constante da direção da ESAV era com as faltas e as ausências de alumnos do perímetro da Escola sem permissão. O Regulamento da ESAV referente ao ano de 1931 orienta quanto às regras para se processarem e se contabilizarem as faltas dos alumnos. Neste Regulamento está escrito que:

O alumno que faltar a 20% do numero de aulas em cada matéria num semestre, embora com justificação, não poderá prestar exames dessa matéria em primeira época.

Nenhum alumno, depois de faltas as aulas, poderá ser admitido sem apresentar ao professor entrada em sala de aula assinada pelo Diretor com quem a procurará na primeira vez em que comparecer à Escola.¹¹⁴

112 REUNIÃO DA CONGREGAÇÃO DA ESAV, 1929, Ata. Escola Superior de Agricultura e Veterinária de Minas Gerais, 17 de abril de 1929. Viçosa MG: UFV. ACH. Livro 1. Fl. 8.

113 REUNIÃO DA CONGREGAÇÃO DA ESAV, 1932, Ata. Escola Superior de Agricultura e Veterinária de Minas Gerais, 31 de março de 1932. Viçosa MG: UFV. ACH. Livro 1. Fls. 82-83.

114 Regulamento da ESAV. 1931. Viçosa-MG: UFV. ACH. Caixa 1205. p. 14.

A quantidade e qualidade das ações no intuito de minimizar essa prática de ausência das aulas sugere que havia um grande receio de que elas se tornassem um costume e minassem todo o trabalho da Instituição. A passagem a seguir ilustra como era tratado esse tema:

Foi a seguir feita uma exposição pelo Sr. Presidente, sobre a situação do aluno Paulo Mesquita e o muito que a Escola tem feito para que ele pudesse concluir o curso, tolerando lhe as faltas, de todos conhecidas, inclusive as repetidas ausências (faltas) as aulas, nas matérias em que se classificou sem motivo justificado, desconsideração aos professores nas próprias salas de aula.¹¹⁵

No entanto, mesmo com o citado auxílio dado aos alunos no trecho acima, quando o caso chegava às mãos da Congregação, normalmente a punição ocorria, segundo os membros, de modo a coibir o erro.

Feita a votação das duas propostas: expulsão e suspensão, houve empate, havendo cada proposta obtido sete votos favoráveis e sete desfavoráveis, pelo que coube ao Sr. Presidente, de acordo com o disposto no parágrafo segundo do artigo 139 do Regulamento da Escola, em vigor, desempatar a votação, decidindo sobre a suspensão do aluno Paulo Mesquita, dos trabalhos no Estabelecimento, ficando assim o referido aluno suspenso por tempo indeterminado.¹¹⁶

A partir dessa leitura é possível pensar que o controle de faltas por parte da direção era feito talvez com um duplo interesse: em primeiro lugar, fazer com que os alunos frequentassem o maior número de aulas possível, absorvendo o máximo de conhecimento acerca dos conteúdos ministrados; e, em segundo lugar, fazer com que os alunos ficassem o maior tempo possível a mercê das regras e dos valores pregados pela Instituição. Sobre essa ideia é possível identificar indícios em alguns relatórios anuais da secretaria narrando a respeito de faltas e aproveitamento:

115 REUNIÃO DA CONGREGAÇÃO DA ESAV, 1932, Ata. Escola Superior de Agricultura e Veterinária de Minas Gerais, 8 de setembro de 1932. Viçosa MG: UFV. ACH. Livro 2. Fls. 1-3

116 Ibid.

De acordo com a apuração levada a efeito pela Secretaria verifiquei que a frequência, durante os dois semestres letivos de 1931 foi notável dada a comparação do numero de presenças dos alunos em relação as faltas.

Processados regularmente, nas épocas determinadas pelo Regulamento todos os exames, constatei pelo registro de notas, que o numero de aprovações em todos os cursos foi de 1302 e reprovações – 323.¹¹⁷

A partir daí é possível discutir que as chamadas admoestações, direcionadas aos alunos infratores na ESAV, se mostravam interessantes ao propósito de controle da direção. Essas admoestações eram capazes de realizar diferentes objetivos, atuando em várias frentes para a construção do esaviano. Ao mesmo tempo em que elas contribuiriam para formar um técnico com aproveitamento das aulas, elas também formavam um homem obediente e cumpridor de regras.

Com relação às punições por transgressões em sala de aula, um fato ocorrido em 1932 chamou muito a atenção durante a leitura das Atas. Isso pelo fato de que, o ocorrido parece ter gerado um grande alvoroço e desconforto, tanto em meio aos alunos quanto para a Congregação. Tanto foi assim que, registre-se que a discussão ocupou muitas páginas do Livro de Atas referente ao ano de 1932. Para ser solucionado, a infração precisou de várias reuniões, as quais ocorreram nos dias 14, 18, 20, 21 e 24 de outubro daquele ano. Por serem muitas páginas, todas elas com detalhes importantes a respeito do fato, faremos apenas algumas citações diretas para tentarmos demonstrar com clareza o fato.

117 Relatório anual do Secretário Donato Eugênio da Silva, apresentado ao diretor da ESAV em 31 de janeiro de 1932, referente ao ano de 1931. Viçosa-MG: UFV. ACH. Caixa 1205.

Foi apresentado então a Congregação p recurso do Curso Superior Seis (S6)), concebido nos seguintes termos: “A Congregação da Escola Superior de Agricultura e Veterinária do Estado de Minas Gerais.- Nós abaixo assignados alumnos do terceiro anno superior desta Escola, fomos advertidos, aos 31 de Agosto, às 8 horas da manhã, pelo Professor Cathedrático de Horticultura e pomicultura, Dr. Humberto Bruno, de que iríamos fazer a nossa prova mensal naquella hora. O leader observou-lhe de que seria impossível fazermos a prova, pois que, nada havia sido avisado

“Elle manteve firme no seu ponto de vista, allegando, apenas que era seu dever entregar as provas até o dia 29. Em vista dessa argumentação fizemo-lo ver que a situação não era normal e que já tínhamos casos de provas que iam ser dadas posteriormente ao dia 29, citando o seu próprio caso.

Aphellamos também para o Regulamento e o Professor mostrou desconhecimento do mesmo, mandando buscar um para consultar.

“Pedimos-lhe que marcasse uma hora extra para fazermos a prova, no que não fomos attendidos, preferindo o Professor consultar o Sr. Director. Voltando da Directoria disse o seguinte: “Vou dar a prova”.

Tendo-nos esgotados os recursos, e como o ambiente estava se tornando carregado, preferimos assignar a prova em branco, como signal de protesto.¹¹⁸

Como explicitado no trecho acima, em uma aula de Horticultura e Pomicultura do curso Superior em Agricultura, na turma definida como S6, o professor Humberto Bruno resolveu aplicar um exame sem aviso prévio. A turma tentou negociar com o professor, alegando que “o costume era sempre comunicar exames assim com antecedência”. O “Leader” da sala tentou dialogar com o professor, mas não foi atendido. O professor então procurou a direção naquele momento, mas manteve-se irredutível após essa ação. A turma, então, segundo as fontes, “em sinal de protesto, apenas assinou as provas e as entregou, em branco”. Logo, o professor deu nota zero a todos.

Após o fato, a turma, por meio de um ofício aqui citado e registrado em Ata, pediu à Direção o cancelamento dessa avaliação e a execução de um segundo exame.

Considerando tudo isso, que os abaixo assignados vêm pedir aos dignos membros dessa Congregação que estudem esse requerimento com a devida atenção, para assim fazer justiça a quem merece. – Viçosa, 30 de Setembro de 1932.¹¹⁹

Esse caso foi discutido pela Congregação, que por sinal negou a solicitação dos

¹¹⁸ REUNIÃO DA CONGREGAÇÃO DA ESAV, 1932, Ata. Escola Superior de Agricultura e Veterinária de Minas Gerais, 14 de outubro de 1932. Viçosa MG: UFV. ACH. Livro 2. Fl. 7

¹¹⁹ Ibid.

estudantes com as seguintes alegações dos professores:

O Sr. Prof. Menicucci, usando da palavra achava que deveria ser facultada nova prova – o fim do mês letivo era 29 e não 31, visto haver a Directoria mostrado a conveniência de procurar o Sr. Professor Bruno, resolver o caso com os alumnos do melhor modo possível, mas que fosse cumprido o Regulamento.

O Sr. Prof. Machado que a apresentação do caso em nada modificava sua opinião anterior e era pela não concessão do recurso, no que foi secundado pelo Prof. Santiago.

Após opiniões em favor e contra a repetição do exame, a Congregação votou: “Submettido depois a votação o recurso, votaram a favor do sua rejeição 10 (dez) dos presentes e (7) sete a favor da sua aceitação, pelo que foi negado o recurso dos alumnos do S.6.”¹²⁰

Mas a peleja continuou. A turma do S.6 pediu afastamento da Escola após a negativa de seu requerimento.

O Sr. Presidente leu, então, um requerimento dos alunos do S.6, no qual lhe pediam para se afastar da Escola. E como havia já a Congregação se manifestado a respeito do caso que dera origem ao referido requerimento ele julgou não mais caber resolve-lo e, por isso, o trazia e entregava a Congregação, a fim de poder auxilia-lo no respectivo despacho respeitando e acatando a decisão da maioria.¹²¹

As atas descrevem as discussões e os posicionamentos dos membros da Congregação envolvidos. As turmas do S4 e do S8 também se manifestaram em favor dos colegas em mensagens enviadas à Congregação pedindo uma nova avaliação ao S6, como vemos a seguir:

Foram entregues as Sr. Presidente pelos Srs. Professores Dorofeef e Ophim duas mensagens: uma do S.8 e outra do S.4. foram lidas as mensagens já citadas. O Sr. Prof. Dorofeef comenta a citação feita pelo S.8, na parte referente ao Código Civil, em vista dos casos omissos. Achando que a Congregação poderia reconsiderar seu acto. O Sr. Prof. Bruno, em vista da afirmativa do Sr. Prof. Dorofeef disse que o caso não era omisso.¹²²

No entanto, a Congregação, o órgão deliberativo máximo da ESAV, se mostrava

¹²⁰ Ibid.

¹²¹ REUNIÃO DA CONGREGAÇÃO DA ESAV, 1932, Ata. Escola Superior de Agricultura e Veterinária de Minas Gerais, 14 de outubro de 1932. Viçosa MG: UFV. ACH. Livro 2. Fl. 9.

¹²² Ibid.

irredutível, mesmo com as pressões e dos vários pedidos dos alunos, tanto os envolvidos, quanto os colegas de outras turmas, além de professores a favor de uma nova prova. A reivindicação dos estudantes foi negada pela Congregação a qual os orientou a procurar outro órgão da ESAV segundo consta no despacho aqui transcrito:

Indefiro-o. Si os requerentes não se conformaram com a resolução da Congregação, têm direito a recurso á Junta Administrativa, e acordo com o art. 106, alínea 7 do Regulamento da Escola. Não podendo, entretanto esta Directoria toller a liberdade de quem quer que seja, relevava o afastamento parcial o totalmente, apesar de não reconhecer motivo que justifique tal atitude.¹²³

A situação dos alunos só se mostrou favorável quando eles ameaçaram levar um recurso à Junta Administrativa da ESAV.¹²⁴

Informo aos presentes que em conversa com Dr. Jayme Marinho, p.p. Membro da Junta Administrativa, este achava que o movimento colectivo dos alunos não se justificava e que se os alunos dirigissem um recurso á Junta o zero ficaria suspenso, até que sobre a questão ella se manifestasse.¹²⁵

Assim, por orientação do próprio Bello Lisbôa, na época diretor da instituição, os alunos decidiram recorrer à Junta, fato que foi comunicado e gerou o aviso anterior do membro do órgão. A partir daí, a discussão passou a girar em torno de como evitar que se chegasse a esse extremo e de como dar essa nova prova sem que a Congregação, ou até mesmo os membros do corpo administrativo da ESAV, perdessem a credibilidade e a autoridade frente aos alunos.

O Sr. Presidente mostra a inconveniência dessa medida [reavaliar a atitude do professor e a possibilidade de uma nova prova ao S.6], por parecer que a Congregação esteja fugindo do julgamento da Junta, na questão, cujo pronunciamento almejou os alunos.¹²⁶

Em outro trecho ele afirma: “O Sr. Presidente insiste repetindo, na resolução do caso,

¹²³ Ibid.

¹²⁴ Espécie de conselho superior de administração, composto por fazendeiros da região, responsáveis entre outras coisas, por auxiliar na gestão e captação de recursos para a Escola.

¹²⁵ REUNIÃO DA CONGREGAÇÃO DA ESAV, 1932, Ata. Escola Superior de Agricultura e Veterinária de Minas Gerais, 21 de outubro de 1932. Viçosa MG: UFV. ACH. Livro 2. Fl. 12.

¹²⁶ Ibid.

sem humilhação dos alunos nem quebra de dignidade da Congregação.”¹²⁷

Por fim, a Congregação decidiu votar pela revisão do requerimento encaminhado no dia 18 aos alunos como registrado em Ata.

A seguir, o Sr. Presidente declara que ia proceder a votação da revisão proposta pelo Sr. Prof. Santiago. Efetuada a votação, verificou-se terem votado a favor da revisão, os professores presentes, exceto o Sr. Prof. Salgado que deu voto contrario.

Tudo indica que o exame foi cancelado e uma nova avaliação foi aplicada ao S6. Logo após essa convulsão na Escola, a Congregação tratou de elaborar uma lista com os nomes dos alunos tidos como “indesejáveis à Instituição”, como se registrou em ata:

Foram submettidos a apreciação dos presentes os nomes de todos os alunos da Escola, a começar do S8, a fim de se verificar quaes os que, por sua conduta social-irregular, falta de aplicação e aproveitamento nos estudos, se tornaram indesejáveis ao Estabelecimento e deveriam ser afastados, salvaguardando-se assim o bom nome, a integridade e a segurança desta Instituição.¹²⁸

Nessa lista, muitos foram definidos como “perigosos”, um termo forte para se designar um aluno. Isso leva a pensar que, todos os que colocassem em risco o controle como princípio pedagógico do projeto institucionalizado para construção do esaviano, se tornava um perigo para a Instituição.

Tudo indica inclusive que esse princípio conservador servia para excluir pessoas em qualquer esfera. A postura questionadora, de alunos ou quaisquer pessoas da comunidade escolar, contrastava com o processo de construção social, baseado em valores econômicos modernizadores e em princípios sociais conservadores, pensado e executado pela direção.

2.4 A experimentação na vida acadêmica do esaviano

A atividade de experimentação, o que hoje se denomina pesquisa, para a produção agrícola esteve presente na ESAV desde sua gênese. Essa era uma atividade que envolvia grande parte do corpo docente e empenho da direção da Escola. Essas atividades de pesquisa iriam compor o chamado tripé herdado dos *land grant colleges* americanos. Assim, a ESAV

¹²⁷ Ibid.

¹²⁸ REUNIÃO DA CONGREGAÇÃO DA ESAV, 1932, Ata. Escola Superior de Agricultura e Veterinária de Minas Gerais, 13 de dezembro de 1932. Viçosa MG: UFV. ACH. Livro 2. Fls. 63-64.

não era apenas uma “escola” nos moldes tradicionais, mas pode ser considerada uma instituição também de pesquisa agrícola, o que lhe dava uma importância muito grande no processo de modernização agrícola que se iniciava no país. Segundo Coelho:

As instituições de pesquisa, dentre elas as de pesquisa agropecuária, foram criadas em contextos históricos e políticos específicos e se desenvolveram sob determinadas expectativas e condicionamentos conjunturais e estruturais. Elas se inserem na dinâmica da produção técnico-científica que se justifica, dentre outros aspectos, pela maior eficiência das forças produtivas para o desempenho do modo de produção social existente.¹²⁹

O engenheiro agrônomo e o médico veterinário, formados nas cadeiras da Escola Superior de Viçosa, podiam assim, conviver, desde sua formação na graduação, com essas práticas da experimentação. Sua vida acadêmica acontecia cercada pela produção do conhecimento. Os resultados das chamadas experiências eram logo disseminados nas aulas, teóricas e práticas, para que o estudante incorporasse de forma que esses conhecimentos o acompanhassem em sua vida profissional. Nesse sentido, o relatório anual enviado ao Secretário de Agricultura do estado, em 1930, dá uma ideia da importância da existência das experimentações como atividade da Escola:

Vem a Directoria dando muito carinho aos trabalhos experimentaes do Estabelecimento, orientando-os tendo muito em consideração as necessidades da Agricultura de Minas Geraes e as possibilidades pessoas e materiaes da Estabelecimento.

A conducção dos trabalhos experimenates inspiram-se, de modo geral, no melhoramento do augmento da produção agricola, no aproveitamento racional do braço e na introducção e organização de novas culturas.¹³⁰

O que hoje pode ser chamado de pesquisa agrícola começou na Escola Superior de Viçosa antes mesmo de ela ser solenemente inaugurada, com a presença do então presidente Arthur Bernardes em 1926. Quando o professor Peter Henry Rolfs chegou à cidade de Viçosa, em 1920, já começou a testar formas adaptadas de cultivo e construir as estruturas mínimas para o desenvolvimento da atividade como mostra Coelho no trecho a seguir:

¹²⁹ COELHO. France M. Gontijo. Op cit. 1992, p. 3.

¹³⁰ Relatório anual enviado ao Secretário de Agricultura do Estado de Minas Gerais, pelo Diretor da ESAV. 1930. Viçosa-MG: UFV ACH. Caixa 125. p. 17

Em 1926, iniciaram-se as atividades pedagógicas na ESAV, mas as “pesquisas” antecederam-nas, o que demonstra a relevância da “pesquisa”, já naquela época. O primeiro registro de pesquisa encontrado no Arquivo Central data de 1925: uma “experimentação” na ESAV em cooperação com a Secretaria de Agricultura, com o título de “Aclimação do Fumo”. Objetivando a verificação da qualidade e adaptação dos fumos Kentucky, Virgínia, Oriental, Havana, Sumatra e Oriental, para o clima e solo de Viçosa.¹³¹

Como podemos perceber, ao falarmos da importância da atividade de experimentação, note-se que a produção do conhecimento, e não simplesmente a reprodução do conhecimento, por si só já pode ser entendida como uma marca que diferenciaria o aluno esaviano de outros pertencentes a cursos agrícolas do país, de nível superior ou não.

As experiências serviriam, em tese, para ensinar aos alunos o real trabalho da produção, para que eles pudessem passar para seus subordinados no futuro, além de criar novas formas e novos produtos. Não é incomum o registro nas Atas da Congregação, o incentivo da direção central aos experimentos e às publicações dos resultados dos mesmos em um Boletim de ampla circulação entre os “fazendeiros” do estado de Minas Gerais ou de outros estados:

Em seguida o excelentíssimo Senhor João Carlos Bello Lisboa tratou da organização de artigos dos senhores professores para publicação no Boletim de Agricultura, Zootecnia e Veterinária, no mais fossem prestadas aos agricultores informações úteis, de assumptos tirados de observações directas, na Escola.¹³²

Essas publicações tinham por objetivo informar os fazendeiros e demais agricultores, não só de Minas Gerais, mas também de outros estados brasileiros, sobre o que se fazia na Escola. Em outro trecho, o diretor comunica ao Secretário de Agricultura como esse trabalho rende frutos ao estado por meio de seus resultados:

131 COELHO. France M. Gontijo. Op cit. 1992, p. 24.

132 REUNIÃO DA CONGREGAÇÃO DA ESAV, 1929, Ata. Escola Superior de Agricultura e Veterinária de Minas Gerais, 12 de Maio de 1929. Viçosa MG: UFV. ACH. Livro 1. Fl. 34.

Além da instrução ministrada sob bases practicas, os professores que podem ensinar a fazer, fazendo, fornece o Estabelecimento grande quantidade de sementes puras, de optima qualidade, milhares de mudas de plantas e numerosos reproductores.

É feliz esta Escola, por fornecer boas sementes e bons animaes, em geral, a indivíduos os princípios básicos da agricultura moderna. (Ex-alumnos, e fazendeiros com cursos practicos).¹³³

É grande a quantidade de ofícios e cartas enviadas e recebidas pela ESAV relatando o envio e o recebimento de publicações para divulgação. A Secretaria de Agricultura do Estado de Minas Gerais, por exemplo, enviou alguns ofícios à ESAV com dizeres parecidos com o descrito a seguir:

Remeto-vos incluso o recibo nº 52 A, da importância de 19\$200, que nos enviaste sob registro nº 341, e a que se refere vosso ofício nº 223, de 25 de abril p.p., para pagamento de duas assinaturas do “Boletim de Agricultura” dos srs. Boaventura Gomes Alvares e Helvécio Martins Costa.¹³⁴

Do Departamento de Assistência ao Cooperativismo da Secretaria de Agricultura do estado de São Paulo também vinham regularmente exemplares de publicações daquele estado como mostra o ofício a seguir com os dizeres, “Tenho o prazer de oferecer-vos 100 exemplares da publicação número 7, deste departamento.”¹³⁵

Assim, por meio dessas correspondências e de outras que tratavam do mesmo assunto, evidencia-se que a divulgação desses trabalhos aos fazendeiros interessados nos assuntos agrícolas desenvolvidos na Escola, se fazia de forma constante. Em outro trecho pode-se ver uma discussão sobre o assunto das publicações. Em 1929, por exemplo, em reunião da Congregação, foram discutidos aspectos do que seria publicado pela ESAV. Sobre o assunto, foi tratado:

¹³³ Relatório anual enviado ao Secretário de Agricultura do Estado de Minas Gerais, pelo Diretor da ESAV. 1930. Viçosa-MG: UFV ACH. Caixa 125. p. 20.

¹³⁴ Ofício enviado pela Secretaria de Agricultura de Minas Gerais. pelo BAZV à ESAV em 18 de Maio de 1934. Viçosa MG: UFV. ACH. Caixa 96.

¹³⁵ Ofício enviado pela Secretaria de Estado dos Negócios da Agricultura, Indústria e Comércio do Estado de São Paulo em 12 de Junho de 1934. Caixa 96.

Tratou também das publicações a serem feitas e termina por indagar aos presentes se (estas) poderão ser levadas a efeito. Depois de debatida a questão, ficou deliberado que se fizessem duas publicações de caráter leve, para serem distribuídas aos Srs. Fazendeiros. Ficou resolvido que as mesmas se effectuassem em Outubro e Dezembro do corrente anno.¹³⁶

A partir desse momento pode-se tentar compreender a importância da participação dos alunos nessas atividades. Presente no cotidiano do esaviano, a tendência à agricultura comercial voltada para o mercado aparecia na documentação. Nas imagens também essas inovações eram colocadas como atividade de interesse predominante nas ações educacionais da Instituição.

Um aluno preocupado com uma produção econômica e rentável, com uso de instrumentos modernos e sementes melhoradas para o cultivo comercial dava o tom dos objetivos da formação oferecida pela Escola, que se comprometia com o crescimento da economia agrícola mineira e brasileira:

Com o conhecimento exacto dos tratos culturaes e de criações e obtendo-se boas sementes e animaes, consegue-se rapidamente a prosperidade de uma exploração agrícola, desde que haja bôa orientação.¹³⁷

Durante a investigação das fontes oficiais da ESAV fica evidenciado o interesse em desenvolver produtos e métodos de manejo para modificar a agricultura no país, e a direção da Escola acompanhava as mudanças que estavam ocorrendo no campo brasileiro. Nesse sentido, contatos eram estabelecidos com vários órgãos de outros estados. Assim, a Secretaria de Agricultura do Estado de São Paulo, representada pelo Departamento de Assistência ao Cooperativismo, que em ofício comunicava ao diretor da ESAV, em 1934, que:

¹³⁶ REUNIÃO DA CONGREGAÇÃO DA ESAV, 1929, Ata. Escola Superior de Agricultura e Veterinária de Minas Gerais, 30 de agosto de 1929. Viçosa MG: UFV. ACH. Livro 1. Fls. 16-17.

¹³⁷ Relatório anual enviado ao Secretário de Agricultura do Estado de Minas Gerais, pelo Diretor da ESAV. 1930. Viçosa-MG: UFV ACH. Caixa 125. p. 22.

Com muita satisfação, informo-vos, pois, que tendo estado na Europa para aquele mesmo fim, e dirigindo hoje o Departamento de Assistência ao Cooperativismo, cuido intensamente da cooperação em geral e, neste momento, de forma especial do cooperativismo na produção de laticínios. Toda a produção leiteira do Vale do Paraíba acaba de ser organizada cooperativamente, em três cooperativas, federadas a uma cooperativa central, para a qual este Departamento conseguiu um empréstimo de – 3.500:000\$000 destinados à construção da usina central em São Paulo.¹³⁸

Da mesma forma, a Secretaria de Agricultura do Espírito Santo, através da sua Diretoria de Agricultura, enviou uma carta à ESAV, em 1934:

Agradecendo os dizeres do mesmo, peço transmitir ao professor J. Polcow que estou em uma Uzina do Estado experimentando a fabricação de aguardente com fermento selecionado e, que, em breve, enviarei uma amostra para ser pelo mesmo julgada. Peço também pedir ao mesmo professor, caso não haja inconveniente, escrever detalhadamente todo o processo e a maquinaria necessária à fabricação de aguardente de mandioca.¹³⁹

Além das Secretarias de vários estados brasileiros, órgãos do exterior apontam essa tendência de influir no desenvolvimento agrícola do país, como um objetivo da instituição. A União Panamericana, órgão representantes de várias nações do continente e com sede nos Estados Unidos, é um exemplo desse tipo de contato. Em 1931, em correspondência enviada à direção da ESAV, o órgão afirma ter enviado “várias listas que se ocupam de assumptos agrícolas em todos os países que formam a União Panamericana”¹⁴⁰ ao mesmo tempo em que solicitava às instituições “revisar a lista do seu país, e se há alguma instituição, organização ou publicação de que não tenhamos conhecimento e que não tenha sido incorporado na dita lista.”¹⁴¹ Nota-se que, nesses anos de 1920 a 1930, ia sendo construída uma rede de informações para agricultura que extrapolava o estado de Minas Gerais e até o Brasil, sendo que a ESAV assumia, talvez, papel de destaque.

Esses contatos revelam que a troca de informações técnicas entre os vários órgãos envolvidos com a agricultura e a Escola Superior de Viçosa. Todo esse movimento pode ter

¹³⁸ Carta enviada pelo Departamento de Assistência ao Cooperativismo da Secretaria de Estado dos Negócios da Agricultura, Indústria e Comércio de São Paulo ao diretor da ESAV em 1 de março de 1934. Viçosa-MG: UFV. ACH. Caixa 96.

¹³⁹ Correspondência enviada pelo Diretor de Agricultura do Espírito Santo, Antonio Coutinho, ao diretor da ESAV. Vitória, 26 de setembro de 1934. Caixa 96.

¹⁴⁰ Correspondência enviada pela União Pan-americana localizada em Washington D.C. em 15 de janeiro de 1931. Viçosa MG: UFV. ACH. Caixa 1356.

¹⁴¹ Ibid.

contribuído para o projeto de modernização da produção mineira ou brasileira, que estava presente no discurso e nas ações da ESAV. Tanto era assim que, em uma de suas publicações intitulada “A muda de citrus: pedra angular da indústria citrícola”, já no prefácio, o professor Rolfs deixa claro seu objetivo, quando se lê que “a fim de prestar nosso fraco auxilio na implementação da indústria citrícola no Estado de Minas...”¹⁴².

Nas Minas Gerais, dos anos 1920 ou mesmo depois de 1930, a modernização que acontecia contou com os aportes da pesquisa e a educação agrícola da ESAV, que vieram como complemento às decisões políticas e econômicas que aconteciam. Essa modernização era fruto de uma vontade política das classes dominantes do campo brasileiro e não apenas resultado da ação voluntarista de uma Escola do interior de Minas Gerais. Para este projeto de sociedade moderna, a Escola que se fez sob o modelo estadunidense que previa ensino, mas também com pesquisa e extensão, foi um arranjo institucional coerentemente para isso. Ao se preocupar em aproximar a escola da sociedade, em fundamentar propostas de mudança na produção agrícola e fornecer uma mão de obra qualificada esperava-se influenciar nas mudanças para uma modernização do campo. Esta influência se daria diretamente, por meio de sua rede de contatos com representantes dos governos, ou indiretamente, disponibilizando jovens ou trabalhadores com competências para promover essa modernização agrícola do país.

A imagem de uma Escola que viabilizaria o acesso aos meios de uma agricultura científica e técnica chegava inclusive aos fazendeiros de uma forma bem objetiva, como demonstra o trecho de uma carta enviada do Gabinete do Presidente da Câmara Municipal de Ubá, pelo então prefeito Angelo Barletta, à Escola, solicitando algumas informações que até mesmo extrapolavam as funções e possibilidades do Estabelecimento:

Ouvi dizer que por intermédio da Escola de Agricultura, os agricultores poderão adquirir machinismos para a lavoura com redução de preços. E, como preciso de uma grade de discos (10 discos) e um arado Oliver 524 (?); eu desejava saber se o presado amigo podia fazer o pedido em meu nome e para Ubá, e dizer-me qual a importância que lhe devo remetter.¹⁴³

Por isso, pode-se dizer que seu projeto pedagógico não era somente um projeto acadêmico. Por desenvolver um saber aplicável, o qual era disseminado, à maneira da ESAV,

142 ROLFS Apud COELHO, France M. Gontijo. Ibid. p. 53

143 Carta enviada pelo prefeito de Ubá, Angelo Barletta, ao diretor da ESAV em 28 de março de 1930. Viçosa-MG: UFV. ACH. Caixa 1411.

em meio à população, seu projeto pedagógico era também político e transformador, mesmo tendo claro que essa transformação era voltada para o benefício das elites agrárias que controlavam as instâncias de poder no país, com suas alianças internacionais:

Pecebe-se assim, um clima pró Estados Unidos criado pelas elites nacionais, no início do século. Há de se considerar também que as corporações americanas iniciavam uma atuação efetiva no Brasil depois da Primeira Grande Guerra, a qual os Estados Unidos saíram como “o grande vitorioso”.¹⁴⁴

Nessa descrição fica mais clara a importância de eventos como a “Exposição do Milho”, de 1927, ou a “Semana do Fazendeiro” iniciada de 1929, realizados poucos anos depois da inauguração da Escola. Esses eventos foram importantes ferramentas de divulgação para a sociedade, do trabalho e da ideologia científica e técnica da Escola. Os visitantes se tornavam receptores da influência esaviana e, assim, tornavam-se divulgadores do conhecimento e das técnicas professadas.

É comum nos registros da ESAV e nas documentações da Congregação a valorização, da sala de aula, da postura e do como se comportar bem, formas de ser aliadas à transmissão dos conhecimentos científicos passados pelas práticas como base metodológica principal. Por isso é comum vermos em atas sugestões de ações dos docentes para ajudarem na formação exemplar dos alunos:

...pediu aos presentes sua opinião sobre o meio de atrair as visitas dos alumnos às casas dos professores insistindo-se com elles para que se tornem mais sociáveis; lembrou que devia combater a timidez dos alumnos e também a ideia de bajulação em taes visitas; tratou da affinidade ellectiva que devia existir entre alumnos e professores.¹⁴⁵

É interessante observar que era constante a demonstração de que, qualquer um que quisesse poderia aprender essa “ciência agrícola” devido à facilidade do modo de se ensiná-la. A técnica do “aprender fazendo” sempre era realçada como metodologia da ESAV. Seu principal idealizador no Brasil, o professor Peter Rolfs, alertava, no entanto, em publicação já citada, que isso exigia controle e disciplina, que:

144 COELHO, France M. Gontijo. Op. cit. 1992, p. 35.

145 REUNIÃO DA CONGREGAÇÃO DA ESAV, 1930, Ata. Escola Superior de Agricultura e Veterinária de Minas Gerais, 12 de Junho de 1930. Viçosa MG: UFV. ACH. Livro 1. Fl. 36.

...moços inteligentes, sem experiência prévia, mesmo os analfabetos, podem conseguir excelentes resultados nos trabalhos desde que tenham a direção adequada de pessoa que compreenda e obedeça as leis fundamentais e científicas.¹⁴⁶

Portanto, era só seguir as ordens da Instituição e tudo daria certo. A ciência e a metodologia, se bem apreendidas, eram a saída para a melhoria da produção, mas também do profissional que estava sendo formado pela prática. Isso por que era uma educação para formação de elites:

É absolutamente indispensável que ele possa realizar, com as próprias mãos, o trabalho nas suas diversas fases, pois do contrário, nunca poderá dirigir eficazmente seus operários.¹⁴⁷

Lembrando que as pesquisas serviam também para produção de material didático para as aulas práticas, podemos pensar que os futuros agrônomos e veterinários já teriam absorvido esse saber por terem entrado em contato direto com esse conhecimento em sua fase de produção.

As publicações, diferentemente do tempo presente, eram voltadas a outro público: os fazendeiros, tanto mineiros como de outros locais do país. Divulgar o saber científico adquirido com as pesquisas era uma forma de propagandear o projeto ESAV e mostrar que a formação do profissional dentro de seu perímetro, ou melhor, de seus campos experimentais, daria à Minas Gerais as condições necessárias para voltar a ter uma produção agrícola mais competitiva como era em tempos anteriores quando o estado dividia com São Paulo a importância no cenário agrário brasileiro. É o que tenta mostrar o então vice-diretor João Carlos Bello Lisbôa em publicação do BAZV:

Notavel lacuna á economia de Minas Geraes, constituía a falta dum grande estabelecimento de instrucção agrônômica, destinado a proceder a investigações e pesquisas e a ministrar á população agrícola do rico estado central, ensinamentos de interesse á agricultura, em todos os graos e modalidades.¹⁴⁸

Em vista disso, é importante dizer que toda essa produção do saber tinha como objetivo demonstrar a eficácia da pesquisa científica na produção agrícola, ponto de crença do professore Rolfs e de vários outros professores. Apontar um caminho para o aumento da

146 Ibid. p. 53.

147 Ibid. p.54

148 Boletim de Agricultura, Zootechnia e Veterinária do Estado de Minas Gerais. Anno 1, 1928, nº 1. p. 9.

produção em escala e por consequência dos lucros dos fazendeiros. E por último, criar um profissional que conhecesse o processo por ter tido contato prático, visual e físico com sua produção. Só assim se tornaria um agente de disseminação desse saber em razão de sua formação diferenciada, enfim, um profissional diferenciado.

Aos produtores que se interessassem por novas técnicas, eles teriam acesso aos resultados desses estudos em suas propriedades em todo o estado, haja vista que a ESAV acolhia alunos de todas as regiões de Minas Gerais. Dessa forma, a Escola consolidava-se como importante Instituição de ensino agrícola.

As nossas observações levou-nos a convicção de que o serviço de instrução a fazendeiros deverá ser sempre intensificado, afirmamos mesmo, que si esta Escola pesquisasse, e dedicasse todas as suas energias ao referido trabalho somente, já ficavam mais que justificados a sua existência e despêndio.¹⁴⁹

Para sua institucionalização, é importante frisar que, todo esse trabalho produtivo da Escola era feito, na maioria das vezes, por trabalhadores, mas não só por eles. Os estudantes participavam das experiências agrícolas e das aulas práticas e faziam atividades nos campos. Entretanto, o trabalho duro de cultivo diário era feito pelos funcionários, para os quais, muitas vezes, apareciam em ata, alguns elogios feitos pelos professores, destacando a dedicação desses trabalhadores. Ou seja, o ethos esaviano, tão desejado pela direção central, necessitou dessa dedicação dos trabalhadores para que fossem colhidos os frutos das pesquisas e do ensino nas lavouras experimentais da ESAV.

Na mesma data, em 1929, o número de diaristas era de 150, havendo diferença para menos, de 38 pessoas, affirmo estretanto, estar sendo realizado muito maior volume de producção, que prova a efficiencia dos methodos que a Escola emprega para o aperfeiçoamento do trabalho rural, de todos os problemas, o mais importante na reforma de nossa agricultura.150

Porém, como a metodologia de ensino exigia muita mão-de-obra dentro do perímetro da Escola, criava-se um problema de gestão do trabalho que tinha certa complexidade, se pensado com os parâmetros de trabalho da época:

¹⁴⁹ Relatório anual enviado ao Secretário de Agricultura do Estado de Minas Gerais, pelo Diretor da ESAV. 1930. Viçosa-MG: UFV, ACH. Caixa 125. p. 26.

¹⁵⁰ Relatório anual enviado ao Secretário de Agricultura do Estado de Minas Gerais, pelo Diretor da ESAV. 1930. Viçosa-MG: UFV, ACH. Caixa 125. p. 41.

Os auxiliares, que têm tido o Departamento, têm sido, na sua quasi totalidade, incompetentes para os trabalhos dessa natureza, tendo os melhores, além disso, ajudado no ensino de aulas practicas e outros que, sendo ainda estudantes, ficam impossibilitados de dar todo o tempo ao trabalho do Departamento.¹⁵¹

O conhecimento técnico gerado a partir desse tipo de atividade produtiva na Escola foi muito aproveitado pelos fazendeiros de uma maneira talvez inusitada. Os profissionais que eram preparados para operar as técnicas ou equipamentos trazidos dos Estados Unidos eram rapidamente contratados para outros trabalhos fora do estabelecimento, o que sempre deixava a Escola desguarnecida de mão-de-obra. Propostas com melhores salários eram a justificativa mais comum para o abandono dos postos de trabalho por parte dos trabalhadores. Esse fato permite pensar que o saber e a forma de trabalho esaviana chegavam nas fazendas, de uma forma ou de outra, pelos estudantes formados ou por seus trabalhadores treinados, que podiam ser, os seus próprios alunos.

Ainda mais, os melhores encarregados nunca ficaram no mesmo serviço, mais que um ano, o que tem trazido vários inconvenientes, porque, quando chegam a aprender os numerosos trabalhos relacionados com a agronomia, estando portanto em condição de prestar bons serviços, são atraídos para outras posições melhor remuneradas, sendo que essas mudanças bruscas, geralmente se dão, no fim do ano, isto é, depois de iniciadas a execução dos planos culturais.¹⁵²

Nota-se que a disseminação de uma prática também se dava por meios não intencionados pela Escola, para além da formação feita em sala de aula ou nos campos experimentais. Trabalhadores com conhecimento técnico começavam a chegar nas grandes lavouras, que tinham condições de investir em mão-de-obra qualificada, como aquela formada nas lides da própria ESAV.

¹⁵¹ COELHO, France M. Gontijo. Op. cit. 1992, p. 158.

¹⁵² Ibid.

Capítulo 3

Internato e Reuniões Gerais: a ação extraclasse e a modelagem do homem esaviano.

3.1 A formação integral do esaviano

Se durante as aulas a metodologia pedagógica da ESAV parecia direcionar o aluno para se tornar um tipo particular de profissional, os espaços e períodos onde o esaviano interagiu fora das aulas era entendido pelos docentes e direção como espaço formador. Toda a estrutura da Escola parecia agir como o “locus” de inculcação da ideologia modernizadora da Escola Superior de Viçosa modelando suas ações e forjando sua forma de pensar e ver o mundo.

Mesmo quando não estavam assistindo aulas, que em sua maioria eram aulas práticas essa conformação era desejada. Em julho de 1927, consta no livro de ata da Congregação a seguinte orientação:

Ficou resolvido que cada aluno terá no máximo 27 horas de aula por semana, sendo 9 theoricas e 18 practicas. As aulas theoricas serão de 1 hr. e as practicas de 2 hrs. Nas aulas theoricas como nas practicas os professores deverão fazer perguntas aos alunos.¹⁵³

Longe de casa, quando o estudante estava acompanhando o andamento do trabalho de algum professor, o aluno esaviano ficava, na maior parte do seu dia, exposto a algum padrão de conduta. Isso é o que sugere, por exemplo, um horário de atividades dos alunos da ESAV, presente no Livro de Atas da Congregação, no qual constam as atividades diárias que os alunos deveriam realizar durante a semana.

Esse documento está registrado em atas dos anos de 1927 e 1928, anos iniciais da Instituição. Como veremos, é uma tabela que controla os horários dos alunos durante o dia todo. As atividades estão divididas por níveis, mas os eventos coletivos como as reuniões, as refeições e as horas de estudo ligam a todos e obrigam o aluno a permanecer de prontidão na Escola, mesmo os externos. Este horário também foi enviado ao Secretário de Agricultura no

¹⁵³ REUNIÃO DA CONGREGAÇÃO DA ESAV. 1927. Ata. Escola Superior de Agricultura e Veterinária de Minas Gerais. 26 de julho de 1927. Viçosa-MG: UFV. ACH. Caixa 63.

primeiro relatório anual de 1927 como uma forma de se prestar contas sobre como se desenvolvia o trabalho na ESAV.

Quadro 1: Horário de ESAV apresentado na Congregação de 7 de março de 1928

	Segunda	Terça	Quarta	Quinta	Sexta	Sabbado
6	LEVANTAR					
6:30	CAFÉ					
7 - 9	Zootechnia Rehaag	Agronomia Mello	Veterinaria Rehaag	Agronomia Mello	Zootechnia Rehaag	Engenharia Rural Mello
9 - 10	Agronomia Mello	Zootechnia Rehaag	Agronomia Mello	Zootechnia Rehaag	Agronomia Mello	Zootechnia Rehaag
10 – 11:30	REUNIÃO E ALMOÇO					
11:30 – 12:30	Eng. Rural Mello	Entomologia Mello	Entomologia Mello	Eng. Rural Mello	Veterinaria Rehaag	Zoologia Rehaag Medio
12:30 – 1:30	Veterinaria Rehaag	Zoologia Rehaag Medio			Zoologia Rehaag Medio	
1:30 - 2	CAFÉ					
2 - 3	Arith Lellis Medio	Arith Lellis Medio	Arith Lellis Medio	Arith Lellis Medio	Portuguez E. Santo Medio	Arithmetica Lellis Medio
3 – 4	Historia E. Santo Medio	Portuguez E. Santo Medio	Historia E. Santo Medio	Portuguez E. Santo Medio	Historia E. Santo Medio	Historia E. Santo Medio
4 – 4:30						
4:30 – 6	JANTAR E RECREIO					
6 – 6:45	Portuguez Horta Elementar	Geografia Lellis Elementar	Portuguez Horta Elementar	Geografia Lellis Elementar	Portuguez Horta Elementar	Geografia Lellis Elementar
6:45 – 7:30	Arith Lellis Elementar	Geom e Des. Lellis Elementar	Arith Lellis Elementar	Geom e Des. Lellis Elementar	Arith Lellis Elementar	Geom e Des. Lellis Elementar
7:30 – 8:45	ESTUDO					
8:45 – 9	CHÁ					
9 - 6	REPOUSO					

Mesmo quando não tinha aulas, como demonstra o horário acima, o aluno deveria esperar alguma atividade. Isso fazia com que ele ficasse “retido” no perímetro da Escola o dia todo. Não foi possível confirmar que o horário de “ESTUDO” seria obrigatório aos alunos externos, mas como estes eram minoria, não deveria ser um problema.

Nas fontes é possível ver que o dia começava as 06:00 horas da manhã e o café era servido as 06:30h. As aulas, que começavam às 7hs e acabavam às 19:30 horas, ocupavam a maior parte da manhã, tarde e início da noite dos alunos, somente cedendo lugar para às “Reuniões Gerais” que aconteciam às 10:00 horas, ao “café da tarde” às 13:30 e ao “jantar e recreio” das 16:00 as 18:00 horas. À noite continuava o roteiro de ocupação, com atividades como “estudos individuais” as 19:30, o “chá” as 20:45 e o “repouso” a partir das 21:00 horas.

Até mesmo o horário de repouso era controlado sendo demarcado de 21:00 horas até as 06:00 horas do dia seguinte. Ou seja, os passeios de madrugada eram proibidos, como

veremos mais a frente na reprodução do Regimento Interno da ESAV de 1941.

Se levarmos em consideração que os alunos internos eram acordados às 6:00 horas todas as manhãs, que os externos deveriam estar acordados até no máximo 6:30 para o café da manhã e que todas essas atividades ocorriam dentro das dependências da Escola, podemos perceber que o tempo diário dedicado às atividades impostas pela Instituição era muito grande (aproximadamente 15 horas diárias).

Ao impor ao estudante essa rotina, as regras tornavam-se costumes e os horários rígidos coroavam as ações de controle a disciplina. Esses controles, em sua maioria determinados pela Congregação e disseminados por meio das Reuniões Gerais fez com que, os registros encontrados deixam a impressão de na ESAV, a pretensão de eliminar o que a direção considerava como “vícios e maus costumes” que os estudantes porventura pudessem trazer de sua convivência fora do Estabelecimento, pudessem ser substituídos de forma que o estudante adquirisse novos hábitos.

A ideia de memória nesse processo se faz importante por ela abarcar aquilo que se escolheu ficar do passado. É aquilo que o passado nos relegou como herança, a partir de uma escolha partida de interesses diversos e que está em um constante processo de construção social. Ela está nos ritos de formatura, nas reuniões de ex-alunos promovidas pela associação responsável¹⁵⁴, nos registros sobre o controle dos alunos, no que ficou marcado sobre a inculcação de valores registradas nas reuniões gerais e em tantos outros fragmentos que a ESAV preferiu nos deixar.

É graças a essa memória que temos a consciência de um passado da Instituição e que o mesmo deixou algo para podermos discutir questões acerca da mesma. Ela está presente nas fontes que serão estudadas, no acervo fotográfico e em outros relatos escritos e deixados. É graças à memória Institucional, produzida na ESAV por meio de sua atuação junto aos estudantes, que se construiu um perfil de profissional. Foi também através da construção de tradições e ritos que o esaviano foi se identificando com a Instituição e seguindo suas normas para no final chegar ao padrão de pensamento e ação desejados.

Todo esse movimento acabaria por fixar um costume que marcaria o estudante esaviano e o ligaria à Instituição e toda sua ideologia. Nota-se que, mesmo sob esse controle, os estudantes sempre davam um “jeitinho esaviano” de quebrar ações de autoridade. O documento a seguir foi transcrito na íntegra com o intuito de nos mostrar esta e outras características que o esaviano deveria ter, segundo os diretores e docentes da Instituição.

Quadro 2 – Texto do professor Antônio Secundino de São José.

¹⁵⁴ Associação dos Ex-alunos da Universidade Federal de Viçosa – AEA/UFV

Evocando o Passado¹⁵⁵

Professor Antônio Secundino de São José – ESAV, 1939.

Pediram-me os formandos do corrente ano que eu rabiscasse umas linhas para o seu livro, onde se contasse um pouco da história estudantina dos primeiros tempos da nossa gloriosa e muito querida ESAV. Tarefa difícil. Embora recordar os bons tempos idos, principalmente quando se recorda a melhor fase da nossa vida – o nosso tempo de estudante – seja sempre agradável ao espírito, as evocações geralmente parecem esparsas na chapa sensível do nosso consciente, cobertas por uma cortina de névoa, desconcatenadas, sem continuidade, sob esse halo indefinível que só o tempo e a saudade podem produzir.

A tarefa de colocar no papel essas lembranças de modo a fazer sentido para o leitor, especialmente o leitor que não compartilhou conosco daqueles primeiros dias, é que se me apresenta sobremodo árdua. Todavia, o prazer de reviver um passado saudoso, a honra de contribuir, por pouco que seja, para a consecução da arrojada obra dos formandos atuais – o seu Livro de fim de ano – fizeram-me aceitar a incumbência. Tentarei, pois, recordar nessas linhas, ligeiros fatos da vida de há quasi uma dúzia de anos passados.

Quando aqui cheguei, em fevereiro de 1928, a ESAV estava iniciando a sua vida escolar. Os cursos Médio e Elementar já haviam sido iniciados em Agosto do ano anterior. O curso Superior de Agronomia entretanto, estava começando a funcionar exatamente na ocasião da minha vinda.

Nessa ocasião, os dormitórios ainda não estavam terminados. Moramos, os dois primeiros meses, ainda no porão do prédio principal. As árvores das nossas avenidas estavam ainda pequeninas, algumas recém-plantadas e entre o dormitório e o prédio principal, alojavam-se os barracões das oficinas, com todo o estridor de sua azafama quotidiana, não permitindo, mesmo que quiséssemos e tivéssemos tempo para tal, uma sestazinha depois do almoço.

Era Diretor o Dr. P.H. Rolfs, seu fundador, e Vice Diretor o Dr. J.C. Bello Lisbôa, que passou, dois anos depois, a Diretor.

O sistema de internato para rapazes era uma cousa nova no País. Outras escolas tinham-no experimentado antes, abandonando-o por insucesso. Desse modo, os dirigentes da Escola se esforçaram por estabelecer um regime capaz de fazer um sucesso de nosso sistema

¹⁵⁵ Texto escrito pelo professor e ex-aluno Antonio Secundino de São José, em comemoração a formatura de 1939. Viçosa-MG: UFV. ACH. p. 19.

de internato, todo ele como o é ainda hoje, baseado no princípio da responsabilidade pessoal. Para isso era necessário que a disciplina fosse rígida, observada de perto. E era-o, sem a menor sombra de dúvida.

Há sempre em nós uma tendência para achar que o nosso tempo foi diferente dos tempos atuais. Que era melhor, que era pior, etc. Não sei se por força dessa tendência, mas eu também acho que aqueles tempos eram um tanto diferentes dos atuais, embora no arcabouço, os sentimentos e o espírito fossem os mesmos. Vamos dar alguns exemplos: aquele tempo, a entrada nos dormitórios, a noite, era as 7:30. Aos Domingos, as 9:00 horas. Aos Sábados, “depois do cinema”. Ora, o estudante está sempre pronto a sofismar sobre as leis que os regem, e desde que oportunidade se apresente, a interpretá-las da maneira mais conveniente aos seus próprios interesses. Eis por que achávamos que meia noite, uma, duas ou três horas da madrugada era ainda “depois do cinema”. E daí as famosas serenatas aos Sábados, puxadas a sanfona, flauta, saxofone, violões, colheres de sopa, e uma vez por outra até vitrolas. Tudo era simples questão de camaradagem com o ronda, nosso fornecedor assíduo de ovos frescos.

O uso do fumo só era permitido em dois lugares: no refeitório e numa das salas do porão do prédio principal, por nós crismada de “Sala da Fumaça”. A noite, quando nas salas de estudo, tínhamos que deixar os livros por um quarto de hora e locomovermo-nos até ao Predio, para uma fumacinha e um “bonde”. No fim de um ano as estatísticas mostraram tão elevado número de transgressões que a lei foi modificada para menos drástica.

Mais de um no chuveiro era ainda considerado ofensa à moral. Certa ocasião estávamos cinco num chuveiro ao mesmo tempo. Cinco rapazes num quarto de banho não são, em absoluto, a imagem do silêncio e da calma. Nisso, um sexto bate à porta.

-“Não há mais lugar”, dizemos nós. Novas batidas, mais fortes, mais enérgicas.

“Abre a porta e vamos dar um susto nesse...” disse um de nós, enchendo as conchas das mãos de água fria e se escondendo atrás da porta. Abriu-se a porta e... era o Sr. Diretor!... Ainda bailam nos meus ouvidos as palavras dum dos maiores “sabões” que jamais ouvi em toda minha vida.

As reuniões gerais eram diárias e os sete professores dos primeiros tempos clamavam sempre em altos brados, contra a crise das mais apertadas por que já passou a nossa ESAV: a crise de assumptos para preleções.

O regime de aulas teóricas e práticas, a hora certa, enfim esses princípios salutarees que constituem a base fundamental do “Espírito” da nossa ESAV, tudo isso já existia, para a

felicidade nossa. Se, por um lado, os alunos eram um pouco sacrificados pela carência de material e de professores, coisa naturalíssima numa fase de organização, por outro lado lucrámos imenso com a oportunidade única de acompanhar de perto, de ver surgir, passo a passo, a grande obra da qual nos orgulhamos hoje e da qual nos orgulharemos por toda a nossa vida.

Viçosa mesmo tem feito formidável progresso daqueles dias aos de hoje. Muitas construções novas, muito melhoramento, bares que não existiam, ou se existiam não podiam em absoluto ser classificados como tais, e apesar dos pesares, a única casa de diversão que possuímos hoje, em comparação com as daquele tempo, pode ser classificada de Metro ou São Luiz, sem medo de exagerar. De casas de cinema tínhamos fartura, é verdade. Numa ocasião funcionavam simultaneamente tantos como três. Mas que cinemas! Que pulgas famintas! Basta dizer que um dos cinemas foi obrigado a fechar suas portas, por ameaçar ruir a qualquer momento de briza mais forte.

Nosso esporte era ainda muito incipiente em variedade. Pode-se dizer que só possuíamos verdadeiramente o foot-ball. Mesmo assim, as jornadas épicas daquela quadra ainda estão bem vivas na nossa memória; que o digam os veteranos de Viçosa, antigos componentes do famoso “Pó de Arroz” local, com quem dificilmente conseguíamos terminar um jogo por haver sempre “sururus de arromba”.

Muita alegria, muita cordialidade, muita união, eram os característicos da rapaziada. A “Marcha Nico-Lopes”, muito mais simples, puxada a sanfona, não tinha o aparato das atuais, mas nem por isso deixava de apresentar um cunho interessante e original. Que a tradição conserve sempre vivas essas demonstrações do espírito moço do esaviano, pelo tempo a fora, como perpetuação de uma obra educacional que cuida de todas as fases da formação da mocidade, agindo beneficentemente em todas as manifestações do seu espírito.

Poderia me estender muito mais, indefinidamente, narrando incidentes cômicos, como também incidentes desagradáveis, que existem em todas as épocas; tornaria, entretanto, demasiado longo este escrito, contrariando o nunca desmentido princípio de ser-se breve se se quiser agradar. Não pretendo escrever “MEMÓRIAS”, mas simplesmente meia dúzia de palavras para lembrar aos estudantes de hoje e de amanhã que a ESAV existia, como existia, para que existia, a fim de que todos nós, bons filhos que desejamos ser, elevemos sempre e cada vez mais o seu nome, pelo nosso esforço como estudantes, pela nossa atuação na vida pratica, aos píncaros da glória a que faz jus. Unido para ser forte, preparado para vencer. O esaviano será sempre “leader”, um glorificador da sua Escola e da sua Pátria.

Essa fonte nos traz importantes informações a serem analisadas no tocante à memória da Instituição e da construção da identidade de seus alunos. Inicialmente podemos pensar que o professor Secundino era um ex-aluno, o qual se tornará diretor em 1947 e durante a transição de ESAV para UREMG. Logo, é um relato de alguém que viveu os dois lados da formação identitária. Como alvo, em seu tempo de aluno e como construtor, como professor e diretor. Portanto, apresentar as transgressões ocorridas em sua época discente de forma cômica pode ter o intuito de mostrar que elas devem existir de maneira a ser meramente fonte de risadas no futuro.

Ele ainda, como bom esaviano que era, exalta o tempo todo as ações da ESAV na construção integral do indivíduo, como forma de transformar o técnico e o homem em algo melhor. Sem falar na glorificação constante da ESAV, construção essencial para a sociedade mineira e para o Brasil, segundo constantes relatos de seus diretores e professores.

O texto nos mostra como as regras eram impostas e como a rigidez era uma marca inicial do processo de formação do perfil do esaviano. Também nos mostra que as transgressões ocorriam a ponto de a regra ter que ser mudada para mais flexível. Logo, podemos pensar na possibilidade de o projeto de formação do esaviano não ser aceito em sua totalidade pelos alunos. Nem tampouco as ordens eram cumpridas sem questionamentos. As estratégias de controle, para utilizar as categorias de Michel de Certeau, eram utilizadas no sentido de controlar e modelar os alunos. Esses mesmos alunos desenvolviam estratégias, ou seja, formas de burlar ou ao menos contornar essas imposições de acordo com seus interesses.¹⁵⁶ A disputa entre essas forças acabava gerando, as vezes um equilíbrio, as vezes um conflito.

A direção da ESAV queria mais que apenas formar profissionais agrícolas. Ela aparentava buscar formar trabalhadores diferenciados que atendessem às expectativas de uma sociedade que tinha a ânsia de se modernizar frente ao processo já em ocorrência pelo mundo. E para tanto, se tentava construir um perfil de profissional/homem a partir de ferramentas metodológicas e da inculcação de valores morais e higienistas. O amor à Instituição parece ser um deles como descrito em uma reunião da Congregação onde o diretor P.H. Rolfs fazia um pedido e uma recomendação:

¹⁵⁶ CERTEAU, Michel de. A invenção do cotidiano: artes de fazer. 3ª edição. Petrópolis-RJ: Editora Vozes, 1998. p.

O diretor pediu lealdade ao estabelecimento. Cooperação é a chave com que a Escola pode abrir as portas para um grande sucesso. Com a cooperação obtém-se os bons resultados do semestre passado... Pediu-se atenção de todos para os programas dos professores, sendo que todos deve ser familiar o mais possível com os trabalhos dos outros. Tem inteira liberdade para fazerem sugestões ou críticas nesta ocasião.¹⁵⁷

Criar um sentimento entre a Escola e os que nela desenvolvem uma atividade seria uma ferramenta para construir empatia. Nos identificamos enquanto grupos a partir daquilo que temos em comum. A valorização à Instituição mais que apenas um local de trabalho e de estudos poderia fazer com que os membros sentissem uma espécie de pertencimento que tira o vazio da existência.

Devemos nos preocupar muito em evitar os erros comitidos no semestre passado. Melhores amigos duma pessoa são os que tem coragem de indica as fraquezas. Devemos nos cooperar o mais possível, sento (SIC) este ponto mais difficil para apprender. Todos devem pensar em modos para melhoramento da Escola em geral, bem como melhorar todos os departamentos.¹⁵⁸

Criar uma identidade para o esaviano poderia significar não se perder. Pode demonstrar que o mesmo pertence a um grupo distinto em meio à igualdade homogeneizante. Os membros da direção da Escola buscavam essa diferenciação da multidão por características que só o esaviano teria, no caso da ESAV, modo de atuação profissional e cidadã.

O esaviano se torna, a partir dessa ideia, fruto direto da atuação da Instituição sobre seu modo de pensar e agir. Ele é resultado de um processo quase como que de doutrinação para um objetivo bem demarcado: modernizar a produção e a sociedade brasileiras e agregar valor ao aluno ou ao ex-aluno esaviano. Segundo Castells:

¹⁵⁷ REUNIÃO DA CONGREGAÇÃO DA ESAV, 1928, Ata. Escola Superior de Agricultura e Veterinária de Minas Gerais, 15 de fevereiro de 1928. Viçosa MG: UFV. ACH. Caixa 63.

¹⁵⁸ REUNIÃO DA CONGREGAÇÃO DA ESAV, 1928, Ata. Escola Superior de Agricultura e Veterinária de Minas Gerais, 25 de fevereiro de 1928. Viçosa MG: UFV. ACH. Caixa 63

Não é difícil concordar com o fato de que, do ponto de vista sociológico, toda e qualquer identidade é construída. A principal questão, na verdade, diz respeito a como, a partir de quê, por quem e para quê isso acontece. A construção de identidades se vale da matéria-prima fornecida pela história, geografia, biologia, instituições produtivas e reprodutivas, pela memória coletiva e por fantasias pessoais, pelos aparatos de poder e revelações de cunho religioso. Porém, todos esses materiais são processados por indivíduos, grupos sociais e sociedades, que reorganizam seu significado em função de tendências sociais e projetos culturais enraizados em sua estrutura social, bem como em sua visão de tempo/espaço. Avento aqui a hipótese de que, em linhas gerais, quem constrói a identidade coletiva e para quê essa identidade é construída, são em grande medida os determinantes do conteúdo simbólico dessa identidade, bem como de seu significado para aqueles que com ela se identificam ou dela se excluem.¹⁵⁹

O objetivo da domesticação e controle dos estudantes configurou um ambiente ideal para o pleno desenvolvimento do que se chamou o tipo esaviano: um ser dotado de saberes técnicos e de valores modernos, mas altamente obediente, embora podemos ver na documentação que a obediência caminhava junto com as transgressões.

Os trechos presentes no quadro a seguir nos permitirão analisar como as ações dos alunos eram tratadas com o intuito de manter um padrão de comportamento e assim criar um costume que se perpetuasse na vida do esaviano. As chamadas admoestações serviriam como forma de “forjar” a atuação esaviana dentro e fora do perímetro da Escola.

Quadro 3 – Alguns registros de indisciplina encontrados nas Atas da Congregação.

Assumindo a presidência, o Sr. Director declarou, em breves palavras o fim da reunião: ia-se tratar de resolver o caso do alumno Sebastião Soares Pontes, que cometera três faltas: escrevera palavras obscenas nas paredes do edificio desta escola, apanhara fructas no campo experimental e fôra encontrado a fumar na porta da mesma...

Chamado a presença da Congregação, Sebastião Soares Pontes respondendo as perguntas que lhe foram feitas, pelo Sr. Director da Escola, disse ser verdade tudo quanto chegara ao conhecimento da Cogregação, mas que, segundo dissera a seus colegas, estava practicando taes actos para ser mandado embora.

A Congregação resolveu por fim, a pedido do Alumno Sebastião Soares Pontes, conceder-lhe a licença para afastar-se da Escola, isto é, conceder-lhe a pedida demissão, e que se fosse escripta uma carta explicativa ao seu pae.

Ata da Congregação. 24 de março de 1928.

O Sr. Director diz que dois alumnos internos infringiram o regimento da Escola, conforme teve sciencia pelo comunicado do chefe do Departamento, prof. Lanna...

Diz ainda que era reincidência o acto que acabavam de practicar os alumnos Pedro Paulo Brandi Pereira e Benito Furtado de Mendonça: sahiram do dormitório as 9 horas da noite, voltando quasi as 11 sem licença.

¹⁵⁹ CASTELLS, Manuel. Op. cit. p. 23 – 24.

O Sr. Vice-Director deu a ideia de que fossem afastados do Internato os referidos alumnos por terem se tornado indesejáveis e merecerem severo castigo.

Em seguida foi recebido um officio assignado por vários alumnos, pedindo a Congregação, uma solução benigna para o caso.

Ata da Congregação. 20 de junho de 1928.

Iniciados os trabalhos, o Exmo. Sr. Dr Bello Lisbôa expõe o caso do alumnos João Teixeira da Silveira que, desrespeitando o regimento interno do Estabelecimento e os seus conselhos, retirou-se do mesmo sem a precisa licença indo até Coimbra onde se demorou por dois dias...

Depois de bem venttilada a questão, por proposta de um dos Srs. Professores, foi o alumno João Teixeira da Silveira suspenso por sessenta dias a partir de 5 de maio.

Ata da Congregação. 4 de maio de 1929.

São tratados ainda os casos de indisciplina dos alumnos Horacio Mattos e Geraldo Vidigal:- o 1º por ter escripto num caixote de fructas despachado para o Exmo. Sr. Presidente fo Estado;- o segundo por ter invadido o pomar do Rxmo. Sr. Dr. Rolfs.

Submettido a votos depois de exposto pelo Sr. Prof. Bruno o caso do Sr. Mattos ficou deliberado que se lhe applicasse uma severa admoestação.

Ata da Congregação. 28 de julho de 1929.

Em seguida, o Sr. Presidente iniciou uma revista aos alunos a começar do S7. Expos o caso do aluno Antonio Rodrigues Coutinho e seu afastamento do Internato.

O Sr. Pfor. Menicucci propoz fosse ele chamado a Directoria, por lhe haver faltado a consideração.

Ata da Congregação. 13 de julho de 1932.

O Sr. Presidente expos o caso dos Srs. Paulo Tarso Aguir e Miguel Pardi – practica de imoralidade próximo da Escola. Lembrou que é necessário haver saneamento do nosso meio: 1º pelo nosso exemplo; 2º pela firmeza e respeito do nosso proceder e agir. Submettido a votos – votação nominal – as referidas propostas, foi aprovada a de 15 dias de suspensão.

O Sr. Prof. Santiago propoz fosse o aluno Pardi fortemente admoestado por sua participação no caso.

Ata da Congregação. 13 de julho de 1932.

Nos alojamentos e demais dependências da ESAV o aluno também estaria exposto às normas impostas as quais seriam fiscalizadas rigidamente pelo pessoal da administração da Escola. Condutas impróprias eram, caso identificadas, punidas com o intuito de não se permitir que elas se espalhassem entre os demais alunos, o que era entendido como o “caos”. A ordem era a regra.

Mais do que manter a ordem, o sistema mostrava que a internação era um método de ensino em si e não simplesmente uma forma de facilitar o acesso do estudante à estrutura escolar. Mas para isso, haveria de ter um controle rígido, ou essa experiência seria negativa.

Essas determinações pedagógicas e morais controlavam o aluno em todas as suas esferas de atuação, dentro e fora da Escola, enquanto ele estivesse vinculado à ela. Tais conceitos remetem à ideia de uma “instituição total” como definida por Erving Goffman:

Uma “Instituição Total” pode ser definida como um local de residência e trabalho onde grande número de indivíduos com situação semelhante, separados da sociedade mais ampla por considerável período de tempo, levam uma vida fechada e fortemente administrada.¹⁶⁰

Ainda segundo o autor, esse tipo de espaço social gera valores que são mais intensamente reproduzidos e absorvidos por aqueles que estão na condição de internados. Essa reprodução dão poder de ordem age como uma troca entre instituição e interno e muito comum em quase todas as instituições:

Toda instituição conquista parte do tempo e do interesse de seus participantes e lhes dá algo de um mundo; em resumo, toda instituição tem tendências de “fechamento”... Seu “fechamento” ou seu caráter total é simbolizado pela barreira à relação social com o mundo externo e por proibições à saída que muitas vezes estão incluídas no esquema físico – por exemplo, portas fechadas, paredes altas, arame farpado, fossos, água, florestas ou pântanos. A tais estabelecimentos dou o nome de instituições totais (...).¹⁶¹

Mas essa ação de controle só era mais efetiva se a ação fosse percebida ou entendida como forma não opressora e necessária. Segundo registros presentes no Relatório Anual da Instituição entregue à Secretaria de Agricultura do Estado, no ano de 1930, o objetivo era ter uma dinâmica no estabelecimento que criasse uma autonomia vigiada:

O regimen seguido pelo Estabelecimento, de portas abertas, honestidade, governo próprio, ausência de Inspetores, prevenção, etc, baseado na responsabilidade dos próprios alumnos, tem dado os melhores resultados. O espírito republicano deve formar-se num ambiente de estabilidade, com afastamento da educação por grupos sem signaes ilegítimos, havendo religiosa observância da responsabilidade pessoal e austero cumprimento do dever. Assim estão sendo educados os alumnos desta Escola, tem liberdade e há ordem, em todas as dependências escolares, incluindo as domiciliares.¹⁶²

Essa concepção orientava o processo que definiria o perfil de homem esaviano: vigilância e transmissão de valores. Para tal projeto algumas ferramentas tornaram-se de suma importância, pois o regime de internato, um dos principais pontos de apoio da Escola aos seus

¹⁶⁰ GOFFMAN, Erving. Manicômios, prisões e conventos. São Paulo: Perspectiva. 2003, p. 11.

¹⁶¹ Ibid. p. 16

¹⁶² Relatório anual do diretor da ESAV, João Carlos Bello Lisbôa ao Secretário de Agricultura do Estado de Minas Gerais referente a 1932. Viçosa-MG: UFFV. ACH. Caixa 1313. p. 85.

alunos, exigiu uma gestão especial do tempo dos alunos para que obtivesse sucesso e inculcação de valores. Era preciso passar, de alguma forma, aos alunos conceitos relevantes a respeito de como se portar dentro da Escola e controlar ativamente suas próprias ações. O esaviano era vigiado e observado de perto em praticamente todo o período em que estivesse vinculado à Escola, dentro ou fora de seu perímetro.

Um fato pode ser citado neste sentido. Os anos iniciais da escola, na década de vinte, também podem ser analisados por meio de pesquisa do acervo do Registro Escolar que trata da ESAV.¹⁶³ No pouco que se pode ter acesso, é possível encontrar várias pastas, uma para cada ex-aluno. Numa dessas pastas, de 1929, é possível ler um bilhete desabafo, escrito à mão, recheado de palavrões e com marcas evidenciando que havia sido amassado e aberto novamente. Nas anotações sobre este documento e que constavam na pasta, vê-se um registro de que o estudante tinha sido admoestado depois que uma das encarregadas do alojamento encontrou, na lixeira de seu quarto, aquele amassado bilhete. Não se poderia dizer que este estudante chegou a ser expulso, ou convidado a sair da Escola, mas sua expressão (conduta) no bilhete foi considerada não condizente com a conduta, identificada por um bilhete amassado no lixo, no qual um estudante da ESAV fez com que ficasse registrado em sua ficha, como ato indisciplinado e condenável.

Para que um esaviano se tornasse o exemplo que a direção e os docentes da Escola Superior de Viçosa queriam, ele deveria ser preparado para tal, inclusive nos momentos de sua intimidade. E essa preparação se dava não somente nos conhecimentos técnicos obtidos por metodologias de ensino então inovadoras, mas também por uma dinâmica institucional construída a partir de valores morais disciplinadores. Numa época de exacerbações nacionalistas mundiais que se encaminhavam para uma segunda grande guerra, esse valores morais eram entendidos como tendo implicações “patrióticas”. O discurso dos líderes da ESAV era claro: Para direção central e corpo docente da Escola Superior de Viçosa, o esaviano não deveria ser somente capaz de desenvolver a agricultura. Ele deveria ser também capaz de desenvolver o Brasil.

¹⁶³ Este acervo carece de tratamento atencioso. As mais de mil caixas de documentos dos estudantes, que tão bem o Registro Escolar soube organizar e manter encontram-se jogadas num galpão, sem nenhum acondicionamento adequado, correndo risco de se perderem em meio às traças, mofo ou incêndio. Esse galpão fica ao lado de uma caldeira e constantemente fuligens são encontradas sobre as caixas. Aqui se registra esse grave descaso ao vermos estes documentos não terem recebido até o momento, atenção adequada para sua conservação e tratamento. Temos de valorizar o trabalho de organização da memória feito pelo Registro Escolar, que tem mantido com tanto carinho, as pastas dos ex-alunos desde os anos 20 do século XX. Nesse conjunto documental é possível ver parte importante da História da sociedade e da educação brasileira. A expectativa dos funcionários do Registro Escolar é que algum docente do curso de História faça um projeto adequado de preservação deste patrimônio e que a direção da Instituição tome medidas urgentes para garantir sua conservação.

3.2 O Regime de Internato: O esaviano sendo forjado pela ESAV.

Meu filho, para o qual pretendo matrícula, tem presentemente dezesseis annos e oito mezes de idade e possui quasi todos os certificados de exames de preparatórios, prestados no gymnásio D. Pedro II no Rio de Janeiro... Ouvi dizer que na Escola há alojamentos para alumnos internos; em quanto fica nesse caso a despesa mensal?... Não sendo abastado, peço informar-me em que circumstancia poderia pleitear reducção de contribuições e qual seria o montante destas.¹⁶⁴

O trecho acima é de uma carta enviada por um pai interessado em ingressar seu filho como aluno da ESAV. Mas também mostra o interesse no regime adotado na Escola. Na comunicação nota-se que vinda do aluno só seria possível mediante a possibilidade de alojamento e que este não poderia ser muito caro, pois o pai já informara “não ser abastado”.

O Internato da ESAV foi administrado quase sempre por duas figuras muito presentes nas documentações existentes. Hermengarda Gomes de Souza e Germana de Carvalho, esta admitida em março de 1929, permanecendo pelo menos até o final do período aqui estudado. Os relatórios dessas funcionárias, encontrados como documentos datilografados, o que permite inferir que outras pessoas, que não elas é que os redigiam, eram entregues à direção. Nesses relatório elas descrevem detalhadamente os trabalhos executados e explicitam aspectos que permitem visualizar, entre outras coisas, a metodologia empregada no trato com os alunos e a forma como essas encarregadas ou a direção e administração da Escola queriam que seus trabalhos fossem avaliados¹⁶⁵. É o que podemos notar, por exemplo, no trecho a seguir descrito pelo relatório assinado pela D. Hermengarda:

Nas horas das refeições dos alumnos, as quaes devo presidir, na visita aos apartamentos, e em toda e qualquer occasião que um alumno precise de meu auxilio, conselho ou aprovação, recebo deles todo acatamento e respeito.¹⁶⁶

Assim, o tratamento dispensado aos internos era descrito como sendo de “cuidado e zelo” por parte das encarregadas. A parte disciplinar, importante no processo de formação do esaviano, era mostrada como trabalhada de maneira carinhosa e praticamente familiar como

¹⁶⁴ Correspondência enviada ao diretor da ESAV por Henrique Sauer em 13 de setembro de 1926. Viçosa-MG: UFV, ACH. Caixa 1195.

¹⁶⁵ Todos os setores da instituição emitiam relatório dos trabalhos anuais: ferraria, selaria, portaria, lavanderia, dormitórios e refeitórios. Todos eles encontram-se como documentos datilografados, uma habilidade que não era tão comum entre muitas pessoas, o que nos leva a crer que, os relatórios eram produzidos de forma controlada.

¹⁶⁶ Relatório anual apresentado ao diretor por Hermengarda Gomes de Souza, encarregada dos dormitórios do Internato e Lavanderia. 31 de dezembro de 1934. Viçosa-MG: UFV. ACH. Caixa 111.

demonstra D. Germana em um de seus relatórios:

As despesas do internato de ano em ano vae além do orçamento, devido ao bom tratamento que os alunos receberam, pois é mais que sabido que a Escola da a maior assistência e carinhoso trato aos seus aluno; repito, se a capacidade do Dormitório fosse para 300 alunos não haveria um só logar vago.¹⁶⁷

A Instituição também valorizava os alojamentos, inclusive como uma forma de arrecadação de recursos para a Instituição, como é possível ver em relatório da direção à Secretaria de Agricultura em 1930 que o diretor João Carlos Bello Lisbôa diz que:

O internato continua tendo grande preferencia pelos alumnos. Só ficam externos geralmente os alumnos com residência em Viçosa. A taxa de Internato rendeu em 1930 – 128:018\$300 e a despesa total se elevou a 77:992\$961, notando-se um saldo de 50:025\$339.¹⁶⁸

Aparentemente a ESAV valorizava a proximidade do aluno com a Instituição. Quanto mais tempo na Escola, melhor. O regime de vigilância não era apenas uma forma de cuidar alunos de fora da cidade. O “sistema de internato”, e mesmo o sistema de “externato fiscalizado”, utilizados na ESAV, garantiam elos entre Instituição e aluno no sentido de oferecer a eles uma formação desejada como se pode ver a seguir:

Os alumnos externos não apresentam muito sensível diferença no aproveitamento, em camparação com os alumnos internos, o que prova ser o nosso regimen de externato fiscalizado, vantajoso. O regulamento do Estabelecimento, estabelece a jurisdição da Escola, sobre seus alumnos, desde a matricula até o desligamento e exige que os externos residam em domicílios que apresentem segurança a saúde e a moral.¹⁶⁹

A partir daí, a impressão que se tem é que um dos objetivos desse regime adotado pela Escola seria o controle da maior parte das ações dos alunos. Mesmo as posturas fora do estabelecimento deveriam ser monitoradas a fim de que condutas não condizentes fossem cerceadas. Os alunos eram, em sua maioria, mantidos vivendo exclusivamente no ambiente escolar marcado por um tipo de “vida do campo” e o maior tempo possível, em contato com

¹⁶⁷ Relatório anual apresentado ao diretor por Germana de Carvah, encarregada dos dormitórios do Internato e Lavanderia. 31 de dezembro de 1941. Viçosa MG: UFV. ACH. Caixa 111

¹⁶⁸ Relatório anual Apresentado pelo diretor da ESAV ao Secretário de Agricultura do Estado de Minas Gerais. 1930. Viçosa MG: UFV, ACH. Caixa 125. p. 14.

¹⁶⁹ Ibid.

as normas institucionais.

Esse modelo de escola internato era muito comum no país em que o transporte era basicamente feito por trens. Entretanto, na forma de escola agrícola como a de Viçosa, a novidade do internato e acomodações motivava algumas famílias que demonstravam interesse na vinda de seus filhos. Nos primeiros anos de existência o número de internos da ESAV era maior que o número de estudantes moradores de fora do regime. Tanto assim que o diretor João Carlos Bello Lisboa, por exemplo, nas reuniões da Congregação, frequentemente deixava claro seu interesse em aumentar o número de internos, entre os anos de 1929 a 1935.

Havia três regimes adotados pela ESAV oferecidos aos seus alunos: internato, semi-internato e externato. No externato, o estudante morava fora do Perímetro da Escola. Nesse regime, o aluno também estava sujeito à fiscalização da Escola, mas de uma maneira mais “frouxa”. No regime de semi-internato, o aluno passava o dia todo na Instituição e aqui fazia suas três refeições diárias, mas dormia fora dos alojamentos. Aqui a vigilância se dava de maneira mais firme devido à presença nas dependências escolares praticamente o dia todo. E por último, o mais interessante aos ideais da direção, que era o de internato. Nesse regime, o aluno literalmente morava na Escola, pois além de realizar todas suas refeições, também dormia nos alojamentos. Seu vínculo carnal com a Escola permitia controles exclusivos e intenso o que moldava valores e comportamentos.

Para manter essa estrutura numa época de vacas magras de apoio governamental depois dos anos vinte, tanto os semi-internos quanto os internos deveriam pagar adiantado as taxas para a utilização desses “serviços”. Esse adiantamento era justificado como uma forma preventiva, pois essas taxas seriam perdidas caso os estudantes fossem desligados por não cumprirem as metas da instituição, em termos de notas e comportamento.

Interessante notar que esse alojamento servia também a professores que eram entendidos como pensionistas. O relatório anual de 1932 esclarece que o regime de Internato era a forma mais eficaz para o projeto pedagógico formador da ESAV:

O serviço de sua secção manteve-se com a mesma regularidade dos anos anteriores e representa, com certeza, o melhor exemplo de internato leigo de Escolas Superiores, na America do Sul. Foram internos no 1º semestre 176 alunos e, pensionistas, -10 professores; no segundo semestre, 150 alunos e 10 professores pensionistas.¹⁷⁰

Morar dentro da escola em que se estudava era algo novo para os futuros agrônomos

¹⁷⁰ Relatório anual apresentado pelo diretor da ESAV ao Secretário de Agricultura do Estado de Minas Gerais. 1932. Viçosa MG: UFV, ACH. Caixa 1313. p. 85-86.

ou veterinários esavianos. Essa experiência era tratada pela direção como sendo positiva. A ESAV já preparava seus alunos para cumprir regras desde o primeiro momento em que entravam em contato com a Instituição.

Vivendo dentro da Escola, o esaviano seria forjado, seria moldado, pois estaria sob constante vigilância e sob constante necessidade de cumprimento das regras, em sua maioria proibitiva, como por exemplo, o uso do fumo em salas de aula, biblioteca e salas de aula era proibido, bem como “quaisquer jogos de azar a dinheiro”. Essas proibições estavam expressas no Regimento Interno da ESAV, que em princípio todos os alunos deveriam conhecer.

A inculcação de valores e imposição de regras de controle eram mantidas à base de punições aos infratores, medidas apresentadas pela direção como algo útil para o mundo. Nos regimentos constam orientações não só para os estudantes, mas para todos os membros que atuavam na instituição, como se pode ler nos regimentos de 1935, o qual se repetiu em 1941, com pequenas alterações, conforme documentação encontrada. A reprodução do Regimento Interno da ESAV a seguir se fez na versão de 1935.

O documento de 1941 também está acessível na documentação. A impressão é que o documento apenas sofria pequenas adaptações quando necessário, mas era aprovado ano após ano pela Congregação como mostram alguns registros em Ata de votação e aprovação de Regimento Interno. O documento de 1941 dizia o seguinte:

Quadro 4 - Regimento interno da ESAV na versão de 1941.

Responsabilidade pessoal: A disciplina no Estabelecimento é principalmente baseada na responsabilidade pessoal; quer isto dizer que o Regulamento, o Regimento Interno, os horários, e quaisquer ordens avulsas devem ser rigorosamente observadas, mais pela força da consciência do que por inspeção ou temor.

Amor ao trabalho, cavalheirismo e patriotismo: Deverá haver a máxima preocupação por parte de todo o pessoal da Escola, para que somente existam no Estabelecimento manifestações de amor ao trabalho, cavalheirismo e verdadeiro patriotismo.

Respeito a Autoridade: É dever de todos que pertencem aos quadros do Estabelecimento acatar a autoridade, nas pessoas de seus depositários – diretor, professores, funcionários administrativos e demais responsáveis pela Instituição.

Moral: Os princípios de moral constituem parte importante para os que estão relacionados com o Estabelecimento, havendo por parte das autoridades o maior empenho em eliminar os maus elementos.

Civilidade: As regras de civilidade devem ser cuidadosamente observadas em qualquer parte do Estabelecimento; é mister que cada um esteja sempre vigilante para se manifestar a todo momento, um homem educado.

Cooperação: É especialmente recomendado no Estabelecimento o regime de cooperação, havendo por parte de todos, a máxima preocupação no melhoramento geral.

Uso do fumo: É proibido a todos o uso do fumo nas salas de aula, Biblioteca e Salão Nobre.

Jogos de azar: É terminantemente proibido nos terrenos do Estabelecimento quaisquer jogos a dinheiro.

Álcool e armas: É proibido o abuso de bebidas alcoólicas, o uso de armas e a introdução e explosivos no Estabelecimento.

Trajo: Em qualquer dependência da Escola, é proibido o traço inconveniente; os professores não aceitarão em suas repartições os que não estiverem convenientemente trajados.

Brincadeiras: As brincadeiras devem ser de tal sorte a não produzirem inimizades ou injúrias.

Ordem interna: Cada apartamento de alunos deverá ser mantido na mais completa ordem por um aluno responsável. Cada seção do dormitório ficará sob vigilância geral de um chefe, eleito mensalmente por seus companheiros e com a aprovação da Diretoria. Apresentará cada chefe diariamente, folha de ocorrências.

Perímetro da Escola: Nos dias úteis, somente será permitido aos alunos internos saírem dos terreos da Escola após o jantar, até a hora da entrada, salvo caso de licença prévia.

Passeio depois das 21 horas: Não são bem vistos pela administração do Estabelecimento, os passeios, a pé ou em automóvel, depois das 21 horas, na avenida principal da Escola.

Como aluno esaviano, esses jovens ficavam longe de casa por muito tempo. Mesmo que fossem mais maduros em termos de idade se comparados com o jovens que aportam hoje, na UFV, ao tornarem-se responsáveis por si mesmos, iam adquirindo independência e o amadurecimento era a consequência óbvia, mesmo que a “autonomia”, como aquele sentimento de ser capaz de ditar suas próprias regras, não compusesse as normas da instituição.

Os alunos eram organizados em grupos por apartamento. Normalmente um veterano era eleito como “leader”, figura responsável por representar o grupo e manter a disciplina e o cumprimento das normas. Essa liderança de um aluno sobre os demais seria mais uma forma de controle na construção do esaviano. Como sempre teria alguém vigiando o tempo todo, os alunos eram modelados o tempo todo. As penalidades ocorriam muitas vezes a partir dos relatos desses alunos veteranos como demonstra as atribuições dele no Regimento.

Todo esse controle era justificado pela ideia de que se estava preparando os “próximos líderes” para a sociedade. Os alunos que saíam do Estabelecimento formados ocupariam lugares de destaque em seus grupos sociais por terem adquirido na Instituição a boa forma de se conviver em grupo e os bons costumes necessários ao bem viver social. Nas palavras de um diretor da Escola Superior de Viçosa:

É preciso que o esforço de “Leaders”, como os que já possuímos, em conjunto com os esforços da Escola e dos fazendeiros, continue sempre a existir para a realização do mais eficiente programa de ensino aplicado ao fazendeiro, e uma das mais importantes bases para uma sólida formação econômica para Minas e para o Brasil.¹⁷¹

Em outro trecho o mesmo diretor defende a importância do trabalho de formação da ESAV na condução do progresso brasileiro. O discurso progressista e modernizante serviu de base para a afirmação da metodologia pedagógica de construção do técnico e do homem.

Entre todas as Escolas do Brasil, a ESAV aparece, sem favor, em primeiro plano pelo seu progresso. Este progresso é o fruto da mesma lei natural a que já nos referimos. Isto porque a ESAV se formou não somente com a cultura do Brasil, como também da melhor cultura que a Europa e os Estados Unidos lhe poderiam oferecer. Seus filhos estão sempre procurando vigor novo nas práticas de outros países, adaptando as ideias que se ajustam às suas condições e rejeitando aquelas que não prestam.¹⁷²

A imagem passada pelos diretores e docentes à sociedade era de que o aluno esaviano recebia um tipo de saber especial. Mesmo que possivelmente fosse mais um postura de propaganda os elogios eram recebidos e essa memória foi preservada por motivos óbvios. A carta a seguir nos aponta para o possível interesse da ESAV como toda essa mostra de seu trabalho – ser a grande representante da modernidade e do progresso em Minas Gerais e no Brasil.

¹⁷¹ Discurso do Diretor J. B. Griffing em Reunião Geral de 1939 (?) Viçosa-MG: UFV. ACH.

¹⁷² Preleção “A Lei e o Progresso” do diretor J. B. Griffing em sua despedida da ESAV. Viçosa-MG: UFV. ACH. Caixa 1310.

Dessa visita trazemos uma impressão agradabilíssima que, com zêlo, conservamos como homenagem prestada a illustre pessoa do Director do mais patriotic estabelecimento de ensino mineiro, estabelecimento que nos honra, nos enche de orgulho e nos coloca em merecida posição de alto relevo. Bendita a hora que nos proporcionou a visita a esse estabelecimento, único no gênero em nosso paíz, pela sua orientação sábia e pela sua alta finalidade patriótica. Nelle está a célula-mater do engrandecimento agrícola e industrial do nosso Estado e quiçá, do Brasil, cojos Estados hão de se orientar pela Escola de Viçosa.¹⁷³

O projeto da ESAV de construção de um profissional moderno foi ganhando corpo com o decorrer dos anos. Segundo relatórios enviados pelo diretor ao Secretário de Agricultura e Atas da Congregação, em 1929, a quantidade de alunos internos foi de 96, em 1931 foi de 130 e em 1932, esse número saltou para 176, pois tem início também o curso de Veterinária a partir de 1931. Nos anos finais da década de 1940, os números de internos no alojamento apontavam para uma média superior a 160 alunos por ano, segundo relatórios entregues pelas encarregadas, o que nos mostra a continuidade e o fortalecimento do projeto. Caso excepcional foram os anos de 1943 e 1944, quando em função da Guerra, segundo relatório entregue por D. Germana, o número de internos foi menor, contemplando 140 internos.

O sistema de alojamentos fez com que a estrutura que a ESAV contava para atuar além de ações educacionais de sala de aula, colocava seus alunos em contato com os valores considerados como valores ideais pela direção e seu corpo docente e de certa forma as elites políticas das secretarias de Agricultura dos governos do estado. Ao ler os relatórios enviados ao governo do estado, nota-se que havia interesse em divulgar que em Viçosa havia uma Escola disciplinada de tal maneira que era possível e moldar as ações dos alunos num ambiente de ordem cujas ferramentas de disciplinamento não eram necessárias. A ordem seria a regra, pois o esaviano a tinha em seu modo de agir natural. No entanto, como já vimos anteriormente, as punições existiam e eram impostas e incentivadas pelos membros da direção.

¹⁷³ Carta enviada do Gymnásio Municipal de Cataguases ao diretor Jôa Carlos Bello Lisbôa em 28 de janeiro de 1930. Caixa 98.

3.3 Reuniões Gerais: Espaço pedagógico de formação técnica e moral.

Além da instrução agrícola na Escola, as Reuniões Gerais pareciam ser ferramentas de grande ajuda na consecução do objetivo determinado pela Instituição. As Reuniões Gerais eram encontros organizados pela direção da ESAV, onde os professores falavam aos alunos e demais funcionários acerca de temas diversos. Nesses encontros os diretores e professores passavam informações aos alunos ao mesmo tempo em que aproveitavam para disseminar entre os mesmos os valores que norteavam a metodologia pensada pela direção.

O processo de institucionalização da conduta dos alunos no sentido da construção do esaviano passaria pela determinação de suas ações por parte da direção do estabelecimento. E esse controle era determinado, entre outras formas utilizadas pela Escola, a partir das orientações dadas nas preleções feitas por diretores e professores. O diretor P.H. Rolfs já mencionava a importância dessas preleções em uma reunião da Congregação em 1927, ao afirmar que: “Estas reuniões tem provado ser um dos melhores cursos da Escola para o melhoramento dos alumnos.”¹⁷⁴

Os diretores posteriores, até o ano de 1948, que foi o recorte desta pesquisa, procuraram manter vivo esse objetivo para essas Reuniões. Com o passar dos anos, o evento sempre esteve na pauta da rotina da Escola. Em 1937, por exemplo, o diretor J.B Griffing também define as Reuniões Gerais como sendo:

A reunião geral de professores e alumnos oferece oportunidade única para uma contribuição toda especial a educação dos estudantes. Pois desperta, ao mesmo tempo, as forças da psychologia social, que, quando bem dirigidas, tornam o assumpto de tal preleção mais intenso, mais potente e o gravam durante mais tempo nos espíritos, do que em qualquer outra ocasião. A reunião geral pode bem ser o “pivot” de todo o programma educacional dos alumnos. Quando bem orientada, ella pode contribuir para o espirito escolar, para construir ideaes, despertar sentimentos de lealdade e de cooperação, assim como concorre também para a educação, dentro da esfera moral e cívica.¹⁷⁵

As Reuniões Gerais também eram uma forma de demonstrar a metodologia de formação da ESAV ao público externo. No relatório apresentado ao Secretário de Agricultura

¹⁷⁴ REUNIÃO DA CONGREGAÇÃO DA ESAV. 1927, Ata. Escola Superior de Agricultura e Veterinária de Minas Gerais. 29 de novembro de 1927. Viçosa MG: UFV. ACH. Caixa 63.

¹⁷⁵ Texto do diretor J.B Griffing endereçado aos professores com orientações sobre as Reuniões Gerais. 20 de março de 1937. Viçosa-MG: UFV. ACH. Caixa 110.

do Estado de Minas Gerais por João Carlos Bello Lisbôa, já como diretor, em 1929, é possível perceber a importância do evento na estrutura de ensino da Instituição. No documento o diretor afirma que:

Realizaram-se todos os dias uteis do anno lectivo, 210 reuniões geraes, estando presentes todos os professores e alumnos do Estabelecimento sob a presidência do diretor. As preleções visando sobre melhoramentos phisicos, moral e cívico do pessoal da Escola foram regularmente feitas e tiveram duração media de doze minutos.¹⁷⁶

Dessa forma, não é de se estranhar, portanto, que esta ferramenta seja tão bem vista pela direção central. Criada com o intuito de ser uma ferramenta de controle social, ela sempre foi muito elogiada pela direção e por membros do corpo docente como podemos analisar no trecho a seguir, onde o diretor avalia o evento:

Os resultados conseguidos com as reuniões geraes tem sido magnificos, o que me leva a attribuir a taes reuniões o elevado nível em que é mantida a disciplina de todo o pessoal do Estabelecimento.¹⁷⁷

Segundo Azevedo, desde o início das atividades na Escola Superior de Viçosa, os encontros se davam pela manhã, por volta das dez horas no Salão Nobre do Edifício Principal. Os lugares eram pré-definidos e a presença era cobrada de alunos, funcionários e professores.

Normalmente, no início do ano letivo, as reuniões eram mais de caráter acadêmico disciplinar, tratando de orientar os alunos sobre questões regimentais, didáticas e disciplinares e, posteriormente, tratando mais de questões morais, cívicas e higiênicas. No início da reunião o diretor transmitia avisos e/ou fazia uma breve preleção. Depois um professor preleccionava por 10, 15 minutos no máximo. O tema era livre. Cada dia um professor apresentava um assunto sobre uma dessas temáticas para reflexão dos participantes.¹⁷⁸

A manutenção do costume e a criação talvez de uma tradição por parte dos diretores da ESAV pode ser notada nesses eventos. Enfim, essas Reuniões foram o espaço privilegiado de

¹⁷⁶ Relatório Anual do diretor da ESAV a Secretaria de Agricultura do Estado. 1929. Viçosa MG: UFV. ACH. Caixa 63.

¹⁷⁷ Ibid.

¹⁷⁸ AZEVEDO, Denílson Santos de. Op. cit. p. 156

criação do um “*habitus*”¹⁷⁹ esaviano, mais que mero hábito que prescinde de pensamento e que marca as repetições impensadas. A inculcação de valores se dava de maneira direta, utilizando a repetição insistente com o intuito de fixar tais modelos de pensamento aos alunos, ao mesmo tempo que habilitá-los para a criação de um outro país, moderno e inovador, mesmo que agrarista e politicamente conservador.

O Sr. Presidente apelou para que os Srs. Professores procurem sempre afastar o espírito das cogitações políticas partidárias, colocando-se sempre para a conservação do espírito de tolerância.¹⁸⁰

O discurso do saber utilitário também esteve presente nas Reuniões. A necessidade de servir à sociedade deveria ser divulgada nas preleções e o ideal de colaboração com a agricultura e com a pátria se mostravam diretamente importantes para os responsáveis pela Instituição. Ainda no texto do diretor Griffing, podemos perceber que entre os objetivos do evento, alguns eram elencados:

1. Lavantar o animo dos alumnos, combatendo o egoísmo pessoal e guiando a atitude dos estudantes no sentido de torná-los uteis a comunidade e ao Estado.
2. Dilatar-lhes o horizonte intelectual com narrativas, viagens, experiências realizadas fora do Estado e, bem assim, com a narração de acontecimentos desenrolados nas várias partes do mundo.¹⁸¹

De acordo com os registros encontrados, tudo indica que os temas eram relativamente livres, mas geralmente versavam sobre o universo dos interesses educacionais da ESAV. Os professores escalados para as palestras falavam aos alunos sobre assuntos de interesse variado, sempre atentando para a transmissão do que se chamava “saber útil”. No quadro a seguir estão listados os registros de temas encontrados sobre as preleções feitas em Reuniões Gerais realizadas durante o período estudado. Esses temas foram encontrados nos relatórios anuais que os professores da ESAV enviavam à direção como uma espécie de prestação de contas dos trabalhos realizados durante o ano.

¹⁷⁹ O conceito de *habitus* vem de Bordieu, que significa o instituído e as capacidades e habilidades instituintes, ou seja, aquilo que não só reproduz heranças mas o que permite novas criações. BOURDIEU, Pierre. **A Economia das trocas simbólicas**. São Paulo, Perspectiva, 1992.

¹⁸⁰ REUNIÃO DA CONGREGAÇÃO DA ESAV.

¹⁸¹ Texto do diretor J.B Griffing endereçado aos professores com orientações sobre as Reuniões Gerais. 20 de março de 1937. Viçosa-MG: UFV. ACH. Caixa 110.

Quadro 5 - Lista de preleções feitas por docentes em Reuniões Gerais entre os anos de 1930 e 1947, encontradas na documentação.

Ano	Tema da Preleção	Professor	Área de Atuação
1930	<ul style="list-style-type: none"> - Hereditariedade do homem. - O que é o trabalho do aluno e o seu lado técnico. - O Comunismo e sua aplicação na Rússia. 	Boris Titoff	Engenharia Rural
1931	<ul style="list-style-type: none"> - Alguma coisa sobre previdência. - A campanha da boa vontade (comentários relativos a cartazes de otimismo). 	Mario das Neves Machado	Matemática
	<ul style="list-style-type: none"> - Industrialização agrícola ou não? - As relações entre a Química e a Agricultura. - Reconhece-te a ti mesmo. - Os quatro temperamentos clássicos. - As qualidades do verdadeiro "Leader". 	Guilherme Emmerich	Química
	<ul style="list-style-type: none"> - Sobre a necessidade de saber apreciar seus próprios conhecimentos. - Sobre o flagelo da "colla". - Sobre o novo processo de produção de ferro. - Sobre as causas e efeitos do atraso nas aulas. 	Professor Auxiliar	Engenharia Rural, Química, Solos e Adubos
	<ul style="list-style-type: none"> - Catorze preleções sobre temas vários de educação moral e social, civismo e assumptos técnicos e econômicos. 	Ernesto Santiago	Economia Rural e Legislação.
	<ul style="list-style-type: none"> - A reforma da agricultura brasileira. - A felicidade do homem. - Cooperativismo. - O que faz o sucesso da atividade da vida do agrônomo. - Por que a profilaxia da ideia. 	Paulo A. de Miranda Henrique	Agronomia
1934	<ul style="list-style-type: none"> - Breves comentários sobre a obra de Marianno Procopio em Minas Geraes. - Comentários relativos a Exposição Agropecuária e Industrial do Triângulo Mineiro. - As férias e o aproveitamento delas pelos Srs. Alunos, sendo úteis a si mesmos, as suas propriedades, aos vizinhos, enfim, a pátria. - O moço, sua capacidade de realização e seu aproveitamento na vida escolar, descrença que tem do moço, principalmente na Europa. 	Albert Rhoad	Zootecnia
	<ul style="list-style-type: none"> - Introdução ao estudo da educação sexual. - Moléstias venéreas, suas consequências (Syphilis, blenorragia, os cancos) - Conselhos e medicamentos contra a 	Raymundo Lopes de Faria	Educação Física

	<ul style="list-style-type: none"> verminose. - O problema sexual. - O problema da Educação Physica, racional e científica. - Verminose, sua prophylaxia. - O valor do operário. Situação actual e suas consequências. 		
	<ul style="list-style-type: none"> - Relações entre indivíduos collectivos ou Os povos na guerra e na paz. - Doutrinas sociaes ou Liberdade, Igualdade e Fraternidade. - Conclusão da série: Crise Mundial. - Preliminares da questão de socialização do Trabalhador Rural. 	P. B. Diebold	Inglês e Alemão
1935	<ul style="list-style-type: none"> - Campanha em prol da saúde, boa educação e civilidade. 	J. Santana	Secretaria
	<ul style="list-style-type: none"> - Saúde. Condição essencial para se vencer na vida. - O Serviço de Saúde na ESAV. - Hygiene dos accidentes. - Verminose. Perigos – Prophylaxia. Varíola, Thypho, Cachumba. Prophylaxia. 	Raymundo Lopes de Faria	Educação Física
1936	<ul style="list-style-type: none"> - Sobre o valor da educação em face do determinismo a hereditariedade. - Sobre o bom senso. 	Hugo Cruz Mascarenhas	Veterinária
	<ul style="list-style-type: none"> - Fecundação artificial dos animais domésticos, mostrando a aplicação e o desenvolvimento que tem tido a Russia nestes últimos annos e chamando attenção dos presentes para tal facto achando que tal methodo é applicável no Brasil. - Marcação do gado no Brasil, sobretudo no Nordeste, mostrando sua inconveniência quando feita em partes distintas do corpo pelo estrago que causa ao coro e fiz sentir a necessidade de uniformizal-a. - O problema educacional no Brasil, baseado numa conferencia do Dr. Fernando Magalhães, feita no Rio de Janeiro, no Instituto Nacional de Música. - A educação base do desenvolvimento de um povo tomando por norma um discurso feito pelo Dr. Miguel Couto no Rio de Janeiro. 	Joaquim Sisino Rocha	Veterinária
1936	<ul style="list-style-type: none"> - O bom senso. - A crítica. - Considerações sobre o commercio exterior com moedas compensadas. - Apello aos alumnos para o respeito à propriedade alheia. 	P. B. Diebold	Inglês e Alemão
1937	<ul style="list-style-type: none"> - A indústria e o comércio de carne no Brasil 	Jorge Pinto de	Veterinária

	focalizando a ação que tem tido o Conselho Federal do Comércio Exterior neste particular. - Leitura do artigo: “Higiene: objetos e fins – sua importância econômica e social, do Dr. Victor de Sá Earp.	Lima	
	- A aula objectiva. - A vida de Marie Curie	Raimundo Lopes de Faria	Anatomia e Fisiologia
	- O Ruralismo e a ESAV. - Revolução na Espanha: causas. - Nacionalização das Minas.	Nestor Giovinne	Veterinária
	- Biografia do professor Dr. Vitor Brazil Filho. - Pequeno histórico da Medicina Veterinária.	Pedro Costa Filho	Veterinária
	- A Semana dos Fazendeiros. - Considerações sobre o Comunismo. - Sobre a necessidade de não haver política na Escola. - A obra do Dr. Muller no Brasil	Octávio Drummond	Fitopatologia
1938	- Sobre Ruy Barbosa. - Sobre a exposição de São Paulo. - Agradecendo a bandeira que os Senhores - Alunos ofereceram à Escola. - Saudando os Granderyenses por ocasião de sua visita.	Joaquim Braga	Zootecnia
1941	- Consideração acerca do tema: “Aproveitamento do tempo.”	Paulo de Tarso Alvim Carneiro	Zootecnia
1942	- Comentários sobre os itens do Regimento Interno da Escola. - A vontade prova-se na ação	Geraldo Côrrea	Horticultura
	- Tipos de julgadores	Mário das Neves Machado	Engenharia Rural
	- O problema da fixação do homem à terra. - Oração a Caxias	Edson Potsch Magalhães	Zootecnia
	- Comentários sobre carta de Eça de Queiroz. - A XIV Semana dos Fazendeiros, esta patriótica e utilíssima realização da nossa ESAV.	Léon Monteiro Wilwerth	Veterinária
	- Inseminação artificial. - Educação e Saneamento.	Aníbal José Alves Torres	Veterinária
	- Injustiças sociais	Antonio Gonçalves de Oliveira	Economia Rural
	- Conceitos sobre o valor da amizade. Impressões sobre a histórica cidade - Ouro Preto. - A necessidade de Educação Física na ESAV. - A necessidade do professor de Educação Física na ESAV.	Erly Brandão Raymundo Lopes da Faria	Contabilidade Agrícola Educação Física

1943	- O espírito de agressões dos povos partidários do Eixo. - A utilidade do ferro-velho para o esforço de guerra.	Alfred Beck Andersen	Agronomia
	- A influência dos esportes na formação o caráter.	Sílio Carlos Pereira Lima	Educação Física
1945	- Alimentação na Educação Física. - Observações sobre a excursão a Ouro Preto.	Raymundo Lopes de Faria	Educação Física
	- O controle do desportista em treinamento.	Sílio Carlos Pereira Lima	Educação Física
1947	- Precurssores da Educação Física	Mário Deleu	Educação Física

Ao analisarmos essa lista de preleções nos foi possível notar que na apresentação dessas palestras havia uma grande variedade de títulos. A partir da análise dos títulos pode-se classificar os temas em quatro categorias denominadas: 1-Temas Gerais, 2-Temas Técnicos, 3-Temas Morais e Cívicos e 4-Temas de Higiene. No quadro dois apresenta-se a frequência dessas temáticas.

Quadro 6 – Sistematização da frequência de abordagens das Reuniões Gerais.

Abordagens	Frequência	Percentual
1 - Temas gerais	29	33.3%
2 - Temas técnicos	28	32.2%
3 - Temas morais e cívicos	17	19.5%
4 - Temas sobre higiene	13	15.0%
Total de Preleções	87	100%

Os professores das várias áreas do conhecimento atuantes na ESAV pensadas aqui como ciências exatas e engenharias, produção vegetal, produção animal, economia e sociedade eram encarregadas de fazer as preleções de acordo com as sugestões impostas pela direção. Tudo indica que não havia temas definidos para cada professor em razão de sua área de formação.

Todos falavam de todos os tipos de temas. É claro que cada professor desenvolvia mais temas dos quais dominava e os que fossem de seus ramos de estudo eram mais férteis na produção de preleções. Porém, nada impedia um professor de produção vegetal falar sobre algum tema geral, ou mesmo moral e cívico, como vemos, por exemplo, o professor Nestor Giovanne, do Departamento de Veterinária, palestrar sobre as Causas da Revolução na Espanha.

Quadro 7 – Distribuição de temas das preleções por professores

Professor/área	Geral	Técnico	Moral e Cívico	Higiene	Total
Boris Titoff Engenharia Rural	2	1	0	0	3
Mário das Neves Machado Matemática	2	0	0	0	2
Guilherme Emmerich Química	1	2	2	0	5
Professor Auxiliar (sem nome) Engenharia Rural, Química Solos e Adubos	0	1	3	0	4
Paulo A. de Miranda Henrique Agronomia	1	3	1	0	4
Albert Rhoad Zootecnia	1	1	2	0	4
Raymundo Lopes de Faria Educação Física	2	4	0	11	17
P. B. Diebold Inglês Alemão	4	2	1	0	7
J. Santana Secretaria	0	0	1	0	1
Hugo Cruz Mascarenhas Veterinária	2	0	0	0	2
Joaquim Sisino Rocha Veterinária	2	2	0	0	4
Jorge Pinto de Lima Veterinária	0	1	0	1	2
Nestor Giovinne Veterinária	1	2	0	0	3
Pedro Costa Filho Veterinária	1	1	0	0	2
Octávio Drummond	2	1	3	0	6
Joaquim Braga Zootecnia	1	2	1	0	4
Paulo de Tarso Alvim Carneiro	1	0	0	0	1
Edson Potsch Magalhães Zootecnia	1	2	0	0	3
Antonio Gonçalves de Oliveira Economia Rural	0	0	1	0	1
Erly Brandão Contabilidade Agrícola	1	0	1	0	2
Léon Monteiro Wiwerth Veterinária	1	1	0	0	2
Aníbal José Alves Torres Veterinária	1	0	0	1	2
Alfred Beck Andersen Agronomia	2	0	0	0	2
Sílio Carlos Pereira Lima Educação Física	0	1	1	0	2
Mário Deleu Educação Física	0	1	0	0	1

A impressão que se tem é que esses temas tornavam-se relevantes na formação social do esaviano por permitir abranger conteúdos que extrapolavam a sala de aula e que, além disso, permita a direção controlar o teor dos debates dos contextos extra- Escola, numa época em que deveria ser limitado o acesso a jornais. Essas preleções faziam com que os alunos ficassem mais bem informados em relação aos acontecimentos do país e do mundo, a questões relativas à saúde, a posturas morais e aprimoramento de saberes técnicos e de conhecimentos em geral, o que os colocava num patamar social mais elevado de informação do que o restante da sociedade. Ao mesmo tempo, nessas preleções, posturas eram corrigidas e as regras eram colocadas “à mesa” fazendo das Reuniões Gerais um importante espaço para a direção central da ESAV agir na construção do que eles mesmos chamavam de espírito esaviano.

Contudo, as Reuniões Gerais foram perdendo a importância na pauta de ações da

ESAV para formação dos alunos. A partir de determinado ponto, a quantidade e a qualidade das reuniões diminuíram, segundo os relatos encontrados nas fontes pesquisadas. O quadro a seguir traz uma síntese do quantitativo de ocorrência das Reuniões Gerais e as presenças do pessoal, dados que evidenciam a redução das reuniões e do público ao longo do tempo.

Quadro 8 – Número de Reuniões Gerais por ano.

Ano	Reuniões/ano	Presenças/ano
1928	Sem dados	Sem dados
1929	210	Sem dados
1930	215	Sem dados
1931	210	Sem dados
1932	188	32.986
1933	209	38.186
1934	209	52.661
1935	Sem dados	Sem dados
1936	Sem dados	Sem dados
1937	96	21.984
1938	67	16.441
1939	66	15.840
1940	70	16.676
1941	64	16.442
1942	66	16.996
1943	64	11.598
1944	59	10.571
1945	65	11.701
1946	59	12.481
1947	60	Sem dados
1948	56	Sem dados

Fonte: Relatórios da Secretaria aos diretores da ESAV.

Ao observarmos o quadro acima percebemos a queda na quantidade de reuniões por ano, e a queda na quantidade de frequências ano após ano. Se no início elas ocorriam diariamente, como mostram os números, sempre acima das 200 reuniões, no final do período estudado elas aconteciam, apenas em torno de 60 vezes ao ano. Os próprios funcionários também identificavam essa queda de interesse do evento que acontecia, o que vai muito além da simples diminuição da sua ocorrência como manifesta um documento de 1942, citado a seguir:

Houve durante o ano 66 reuniões gerais, sendo 33 em cada semestre. As reuniões gerais não tem infelizmente, despertado o interesse digno das finalidades com que foram criadas. Nota-se em todas elas a ausência de grande número de professores, chegando, não poucas vezes, a ficar a tribuna quase vazia, fato este que tem repercutido mal entre os alunos.¹⁸²

A queda do número, aliada à diminuição da presença e do interesse, inclusive dos docentes, sugere que essa ferramenta, tão utilizada e propagandeada pela direção nos anos iniciais da ESAV, perdeu força e foi relegada a um status de evento de pouca importância, tanto por alunos quanto pelo pessoal da Escola Superior de Viçosa.

Ao contrário do sistema de internato, que ganhou força ao longo dos anos, as Reuniões

¹⁸² Relatório Anual do Secretário José Santana ao diretor da ESAV. 1942. UFV, ACH. Caixa 111.

Gerais sofreram com a falta de prelecionistas dedicados através dos anos de existência da ESAV. Talvez por desgaste da repetição, talvez porque os estudantes nunca tomaram assento na tribuna, as Reuniões Gerais foram desaparecendo das estratégias pedagógicas do projeto de modernização do esaviano e tornou-se quase um peso na programação diária do Estabelecimento.

Considerações Finais

A dinâmica pedagógica da Instituição deixou evidente as estratégias para a construção de uma identidade esaviana no processo de formação de seus alunos. Aclarar esse processo nos permitiu perceber a importância da metodologia e dos valores cultuados na ESAV.

A história é feita de continuidades e rupturas. Assim, os registros encontrados permitiram construir uma memória institucional da ESAV e perceber como a identidade criada naquele tempo deixa marcas operacionais no ensino que até hoje acontece na UFV. No entanto, ao lembrar e rememorar percebe-se mudanças. A continuidade do compromisso da Instituição com os grandes processos de produção na agricultura não é mais uma exclusividade. Mesmo que hoje já se observa uma tendência a colocar a Universidade também a serviço de outros grupos sociais, que não as elites, a herança que ficou é a clareza de que, a Universidade tem um papel importante nos processos de transformação do espaço agrário brasileiro.

Algumas coisas foram esquecidas, por exemplo, o compromisso do projeto político-pedagógico da Instituição com a formação integral do ser humano, em seus aspectos éticos e morais. Contudo, a centralidade e a coerção para o controle das condutas também apresenta-se como aspecto ressignificado.

A pretensão de formar um profissional com um perfil voltado para o trabalho tinha como objetivo a formação e um agente de mudança nos processos econômicos e produtivos na agricultura. Entretanto, nota-se que essa pretensão era também de caráter político, a partir da intenção de formar líderes para uma condução moral e ética da sociedade, mineira e brasileira, mesmo que fossem líderes para as elites políticas do país.

Para tanto, os diretores e professores lançavam mão de metodologias e de ferramentas que pudessem lhes render o resultado esperado. Padrões pedagógicos e de inculcação de valores permeavam as rotinas dos alunos durante a maior parte dos dias no Estabelecimento.

De um lado, a valorização das aulas práticas, baseadas na metodologia do aprender fazendo, importada das instituições de ensino agrícola dos Estados Unidos, utilizada como forma de ensinar aos alunos as atividades que, depois de formados, iriam supervisionar as suas condutas em suas vidas profissionais. A rigidez na execução das atividades, constantemente cobrada pela direção e professores tinha o intuito de criar no esaviano valores como a prontidão, a responsabilidade, competência técnica e respeito a hierarquia e as regras estabelecidas também seriam características que a direção central da ESAV intencionava

construir em seus alunos. Essas características eram princípios que marcavam as condutas, desde a direção central até os seus funcionários e alunos.

Para formar o técnico aos moldes dos objetivos da direção central da ESAV, essas ferramentas foram amplamente utilizadas e propagandeadas. Nas fontes, por nós investigadas, é constante a presença de dados sobre a necessidade de se adotar cada vez mais rigidez com os alunos durante as aulas. A atenção com as aulas práticas era outra constante recomendação, em tom de cobrança, por parte da direção. Valorizar a metodologia do aprender fazendo, e com isso dar maior atenção aos trabalhos práticos aparece como ação importante e constante em todo o período estudado.

Além disso, valores como patriotismo, respeito à normas e obediência também seriam forjados através da ação Institucional. O controle dos alunos se dava mesmo quando fora das salas de aula ou dos campos experimentais. As regras impostas nos alojamentos ou em outras partes do Perímetro da Escola, eram todas definidas e estabelecidas em estatutos, regimentos e regulamentos, o que evidenciava a presença da vontade da direção em várias esferas da vida do esaviano.

Não se pretendia somente formar um técnico diferenciado com características como o pragmatismo, o saber científico advindo da prática e a competência para ser, nas palavras de um diretor, “um verdadeiro Leader”, mas também um ator social dotado de características construídas, segundo os membros da direção e do corpo docente, para o bem de Minas Gerais e do Brasil.

O regime de internato, juntamente com o chamado “externato fiscalizado”, foram formas importantes de atuação no controle das posturas dos alunos. As regras impostas, a vigilância por parte de funcionários e até mesmo de colegas, agiam no sentido de manter a ordem e ensinar ao esaviano o valor de se saber cumprir regras, obedecer a normas, enfim, seguir as leis impostas.

Ao mesmo tempo, as orientações eram passadas e os códigos de condutas eram ensinados nas Reuniões Gerais. Os encontros semanais eram muito mais que apenas formas de divulgação de saberes extraclasse. Eram verdadeiros locais para a construção do caráter almejado pela direção para o esaviano.

Por fim, cabe destacar que não foi possível nesta pesquisa dar voz ao alunos esavianos. Em primeiro lugar, pela limitação de acesso temporário aos arquivos do Registro Escolar. Em segundo lugar, acredita-se que, para uma pesquisa com essa referencia empírica, seria necessário utilizar as publicações autônomas dos estudantes, como por exemplo, o jornal “O BONDE”, o qual passou a ser publicado somente a partir de 1945. Em razão das limitações de

tempo na conclusão deste trabalho, sugere-se que esta fonte seja pesquisada em investigações futuras.

Fontes pesquisadas

ATAS DE REUNIÃO da Congregação da ESAV entre os anos de 1927 a 1948.

RELATÓRIOS anuais dos diretores da ESAV endereçados ao Secretário de Agricultura do Estado de Minas Gerais.

RELATÓRIOS anuais dos professores ao diretor da ESAV.

Correspondências enviadas e recebidas nos formatos de ofício e cartas pela ESAV.

Regimentos e Estatutos da ESAV.

Acervo fotográfico da ESAV disponível no link www.locus.ufv.br

Referências Bibliográficas

ABREU, Regina e CHAGAS, Mário (orgs.). **Memória e Patrimônio: ensaios contemporâneos**. Edição 1, Rio de Janeiro: Editora Lamparina, 2003. 320p.

AZEVEDO, Denílson Santos. **Melhoramento do Homem, do Animal e da Semente. O Projeto Político Pedagógico da Escola Superior de Agricultura e Veterinária do Estado de Minas Gerais (1920-1948): Organização e funcionamento**. São Paulo: USP. 2005 222p.

BERGER, Peter L. LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento**. Trad. Floriano de Souza Fernandes. Petrópolis: Editora Vozes, 1985. p. 77.

BORGES, José M. SABIONI, Gustavo. **Legislação de importância histórica: Escola Superior de Agricultura e Veterinária – ESAV – 1926-1948, Universidade Rural do Estado de Minas Gerais – UREMG – 1948-1969, Universidade Federal de Viçosa – UFV – 1969-**. Viçosa MG: Editora UFV, 2010. 407p.

BORGES, José Marcondes. **A Universidade Federal de Viçosa no Século XX**. Viçosa-MG: Imprensa Universitária, 1991. 651p...

BOURDIEU, Pierre, MICELI, Sergio. **A Economia das trocas simbólicas**. 6ª edição. São Paulo: Perspectiva, 1992. 361p.

BURKE, Peter. **O que é História Cultural?** Trad. Sérgio Goes de Paula. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005. 191p.

CAPDEVILLE, Guy. **O ensino superior agrícola no Brasil**. Viçosa MG: Editora UFV. 1991. 184p.

CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**. Trad. Klauss Brandini Gerhardt. 2ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000. 530p.

CERTEAU, Michel. *A invenção do cotidiano: Arte de fazer*. 3ª edição. Petrópolis RJ: Editora Vozes, 1996. 351p.

COELHO, France M. Gontijo. **A produção científico-tecnológica para a agropecuária: da ESAV à UREMG, conteúdos e significados**. Viçosa: UFV. 1992. 243p.

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador**. Tradução Ruy Jungman; Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar. 1994. 277p.

FARIA, Maria Auxiliadora. **Escola Mineira de Agronomia e Veterinária**. São Paulo: USP. 1989.

GOFFMAN, Erving. **Manicômios, prisões e conventos**. 7ª edição. São Paulo: Perspectiva. 2003. 320p.

HALL, Stuart. **A identidade Cultural na Pós-Modernidade**. Tradução: Thomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro. 10ª edição. Rio de Janeiro: DP&A, 2004. 102p.

HOBBSAWM, Eric & RANGER, Terence. **A Invenção das tradições**. Tradução de Celina Cardim Cavalcante. 3ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997. 316p.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. 26ª edição. São Paulo: Cia. das Letras, 1996.

HUYSEN, Andreas. **Seduzidos pela memória: arquitetura, monumento e mídia**. Trad. Sérgio Alcides. 2ª edição Rio de Janeiro: Aeroplano. 2000. 116p.

LE GOFF, Jaques. **História e Memória**. 5ª edição. Campinas: Unicamp, Editora da Unicamp. 2003. 541p.

LOVE, Joseph. *Autonomia e interdependência: São Paulo e federação brasileira (1889-1937)*. IN: FAUSTO, Boris. **História Geral de Civilização Brasileira. Tomo III – O Brasil Republicano**. 8ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006. p. 406p.

LOWENTHAL, David. Como Conhecemos o Passado. **Projeto História**, São Paulo, no. 17, nov. 1998.

MALAVOLTA, Eurípedes. As ciências agrícolas no Brasil. IN: **História das Ciências no Brasil**. São Paulo: EDUSP, 1981. p. 108.

MORESI, Eduardo. **Metodologia da Pesquisa**. Brasília: UCB, 2003. 108p.

POLLAK, Michael, Memória, esquecimento e silêncio. **Projeto História**. Rio de Janeiro: vol. 2, nº 3, 1989. p. 3-15.

POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. In: **Revista Estudos Históricos**. Rio de Janeiro: vol. 5, nº 10, 1992, p. 200 – 212.

QUEDA, Oriovaldo. **A Extensão Rural no Brasil: da anunciação ao milagre da modernização agrícola**. Piracicaba, ESALQ, 1987. 201 p. (Tese de Livre Docência)

QUEIROZ, Rose Mary F.D. **A evolução do ensino superior agrícola no Brasil e sua contribuição para o desenvolvimento: o caso de Viçosa – MG**. Brasília: UnB, 1980.

SANTOS, Boaventura de Souza. Identidade, Modernidade e Cultura de Fronteira. In: **Tempo Social. Revista de Sociologia da USP**. São Paulo: USP, vol. 5 (1-2): 1994, p. 31 – 52.

SILVA Uíara Maria da. **Extensão Universitária: A interação do conhecimento na Semana do Fazendeiro – UFV**. Viçosa: UFV, 1995. 199p.

SOARES, Marilda Aparecida. Memória, Patrimônio e Diversidade: Perspectivas para a Construção da Identidade Individual e Coletiva. IN: **Percursos Históricos**. Ano II, vol. Jan., série 02/02. 2013.

WIRTH, John. Minas e a nação. Um estudo de poder e dependência regional. (1889-1937). IN: FAUSTO, Boris. **História Geral de Civilização Brasileira. Tomo III – O Brasil Republicano**. 8ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006. 406p.

Parte II

Memória Fotográfica das Práticas Pedagógicas de uma Escola Agrícola da Primeira Metade do Século XX: ESAV, Viçosa-MG.

04.01.03.01-07 - Vista Parcial das Pilastras – Década de 1930*



Ernani Barbosa Paes - matrícula es51277

**Imagem da capa - Vista parcial das pilastras. Década de 1930. Em meados da década de 1930, o Professor João Moogen de Oliveira criou a expressão “Ensinar, Saber, Agir e Vencer”, traduzida para o latim em Ediscere, Schire, Agere e Vincere, cujas inscrições constam das Quatro Pilastras da UFV.*

Memória Fotográfica das Práticas Pedagógicas de uma Escola Agrícola da Primeira Metade do Século XX: ESAV, Viçosa-MG.

Catálogo fotográfico produzido como parte das exigências do Programa de Pós Graduação em Patrimônio Cultural, Paisagens e Cidadania, do Departamento de História da Universidade Federal de Viçosa, para obtenção do título de *Magister Scientae*

As fotos são, talvez, os mais misteriosos de todos os objetos que compõem e adensam o ambiente que identificamos como moderno. As fotos são, de fato, experiência capturada, e a câmera é o braço ideal da consciência, em sua disposição aquisitiva.

Susan Sontag.

Apresentação

O trabalho a seguir é fruto de uma seleção fotográfica baseada nas discussões presentes na dissertação de mestrado intitulada “A identidade do esaviano: práticas educativas e controles institucionais em uma escola agrícola mineira (1926-1948).” A partir dela foi feita a seguinte compilação com o intuito de ampliar as discussões e ilustrar como as reflexões apresentadas na pesquisa podem ser pensadas tendo como fonte de informação o acervo fotográfico da Escola Superior de Agricultura e Veterinária do Estado de Minas Gerais - ESAV.

Todas as imagens a seguir estão em poder do Arquivo Central e Histórico da Universidade Federal de Viçosa – ACH/UFV – e estão disponíveis para acesso no site do Repositório Institucional da UFV, no endereço eletrônico www.locus.ufv.br. A divulgação delas nesse trabalho foi possível mediante autorização do setor, sob a responsabilidade do arquivista Luiz Eduardo dos Santos. A seleção feita a partir dessa ferramenta de divulgação da memória institucional se deu com o objetivo de apontar as principais ferramentas de controle pedagógico e de conduta social, utilizadas pela ESAV para a construção do perfil nomeado pelos membros do Estabelecimento como “esaviano”.

O processo de escolha e análise das imagens se deu ao longo de todo o processo de construção da pesquisa por meio de visitas ao Arquivo Central e Histórico e consultas ao acervo em meio digital. A seleção se deu a partir do critério de descrição usado pelo próprio ACH, o qual atribui um título e um breve resumo a cada imagem. Os títulos atribuídos pelo ACH e presentes no www.locus.ufv.br, foram mantidos. Já os resumos sugeridos sofreram reavaliações devido ao processo de análise a que foram expostos.

Cada grupo de imagem representa um aspecto específico da análise das práticas educativas utilizadas pela Direção Central da ESAV na construção do que se convencionou chamar no Estabelecimento de esaviano. As fotografias nos mostram diversas situações cotidianas das rotinas pedagógicas e de lugares estratégicos para o controle das posturas dos alunos, contemplando diversos fatores que, segundo essa Direção, forjariam o profissional agrícola e o cidadão ideais para Minas Gerais e para o Brasil.

A massa documental desse arquivo é formada de mais de 1000 fotos, sendo que, já catalogadas e disponíveis no site existem 832 imagens referentes ao Acervo Fotográfico do Arquivo Central e Histórico da UFV e 240 imagens referentes à Coleção de Fotografias Peter Henry Rolfs.

Sumário

Trabalhando com fontes fotográficas.
Trabalhando com o acervo fotográfico da ESAV.
A Congregação da ESAV

11108a Imagem 1: Reunião da Congregação da ESAV - 1928.

Aulas Teóricas

04.01.06.01-08 Imagem 2: Aula teórica de português com o Professor Manoel da Costa Lanna – Década de 1920.

04.01.06.01-04 Imagem 3: Prof. Lourenço Menicucci em aula teórica sobre Química do Solo – Década de 1930.

04.01.06.01-06 Imagem 4: Aula teórica na ESAV – Década de 1930.

04.01.07.02-81 Imagem 5: Aula teórica na Semana do Fazendeiro – Década de 1930.

11118a Imagem 6: Aula noturna para operários analfabetos - 1928.

04.01.06.01-07 Imagem 7: Prova teórica na ESAV – Década de 1940.

Aulas Práticas

04.01.06.03-10 Imagem 8: Aula de pulverização agrícola em plantações da ESAV – Década de 1930.

04.01.06.02-46 Imagem 9: Aula prática de pulverização agrícola – s/d.

04.01.06.02-51 Imagem 10: Aula prática – abertura de cova em campo experimental para estudos. – s/d.

04.01.06.02-35 Imagem 11: Alunos em aula prática de enxertia de mudas de citrus – 1929.

04.01.06.02-31 Imagem 12: Aula prática de mudas de citrus – Década de 1920.

04.01.06.02-30 Imagem 13: Aula prática de acondicionamento de mudas de citrus – 1929.

04.01.06.02-01 Imagem 14: Aula prática no laboratório de bacteriologia e parasitologia – 1939.

04.01.06.02-12 Imagem 15: Aula prática de parasitologia – Década de 1930.

04.01.06.02-04 Imagem 16: Aula prática de Veterinária – Década de 1930.

04.01.06.02-03 Imagem 17: Aula prática de veterinária – 19/03/1937.

04.01.06.02-02 Imagem 18: Aula prática de veterinária na ESAV – s/d.

04.01.06.02-40 Imagem 19: Aula prática com bovinos em campo – s/d.

04.01.06.02-47 Imagem 20: Aula prática de preparo do solo – Década de 1930.

04.01.06.02-2 Imagem 21: Aula prática de máquinas agrícolas – Década de 1930.

04.01.06.02-19 Imagem 22: Aula prática de desenho – Década de 1930.

04.01.06.02-13 Imagem 23: Aula prática de desenho – Década de 1930.

O Sistema de Internato

11103a Imagem 24: Alunos em frente ao Alojamento-Dormitório - 1928.

04.01.02.03-06 Imagem 25: Vista Parcial do Alojamento-Dormitório ESAV - 1928.

04.01.09.01-54 Imagem 26: Exibição ciclística em frente ao Prédio do Alojamento – s/d.

04.01.02.03-25 Imagem 27: Vista Parcial do Alojamento-Dormitório. ESAV - 1928.

- 04.01.02.03-24 Imagem 28: Vista Parcial do Alojamento-Dormitório ESAV - 1928.
As Reuniões Gerais
- 04.01.09.01-59 Imagem 29: Possível Reunião Geral no Salão Nobre - s/d
- 04.01.07.01-25 Imagem 30: Conferência do Dr. P.H Rolfs na Semana do
Fazendeiro – 1931.
- 04.01.09.01-09 Imagem 31: Reunião no Salão Nobre da ESAV - Década de 1930.

Considerações Finais

Referências bibliográficas

Fontes pesquisadas

Trabalhando com fontes fotográficas.

*A humanidade permanece, de forma impenitente, na caverna de Platão, ainda se regozijando, segundo seu costume ancestral, com meras imagens da verdade.*¹⁸³

Com a frase acima retirada do livro “Sobre Fotografia”, da autora Susan Sontag, iniciamos nossa discussão sobre a importância de se utilizar de imagens fotográficas como fonte de informação. Essa forma de informação ainda é tratada por muitos como uma representação da verdade.

Ulpiano Bezerra de Menezes se debruçou na discussão sobre como os historiadores poderiam se utilizar das fontes visuais em suas análises. A partir de sua pesquisa, foi possível, entre outras interpretações, afirmar que:

...o objetivo prioritário que os autores propõem (como, aliás, no tradicional comentário de texto à francesa) é iluminar as imagens com informação histórica externa a elas, e não produzir conhecimento histórico *novo* a partir dessas mesmas fontes visuais.¹⁸⁴

Por se tratar da representação imagética de um acontecimento, a fotografia adquiriu um status de detentora de uma veracidade que outras formas de informação não têm. Imagens são utilizadas como provas em processos judiciais e fotografias são interpretadas constantemente em veículos de comunicação diversos. No entanto, a autora já nos alerta em sua obra para o fato de que, como tantas outras fontes, a fotografia não trata de uma verdade incontestável, mas sim das intenções de quem a produz:

Porém, apesar da presunção de veracidade que confere autoridade, interesse e sedução a todas as fotos, a obra que os fotógrafos produzem não constitui uma exceção genérica ao comércio usualmente nebuloso entre arte e verdade. Mesmo quando os fotógrafos estão muito mais preocupados em espelhar a realidade, ainda são assediados por imperativos de gosto e de consciência.¹⁸⁵

Imagens são escolhas feitas por quem fotografa. Algo foi selecionado enquanto todo o resto foi descartado. Uma mensagem está sendo transmitida toda vez que alguém acessa essa fonte. E como toda escolha, ela pode ser interpretada por que a vê, depois de pronta e

¹⁸³ SONTAG, Susan. **Sobre fotografia** (ensaios). São Paulo: Cia. das Letras, 1977.

¹⁸⁴ MENEZES, Ulpiano T. Bezerra. Fontes visuais, cultura visual, história visual. Balanço provisório, propostas cautelares. São Paulo: USP. 2003. p. 20.

¹⁸⁵ SONTAG, Susan. Op. cit.

impressa em papel ou reproduzida em outros meios. As fotografias precisam ser lidas. Não como um texto, mas como uma pintura, uma escultura ou qualquer monumento. Nas palavras de Jacques Le Goff:

O documento não é qualquer coisa que fica por conta do passado, é um produto da sociedade que o fabricou segundo as relações de forças que aí detinham o poder. Só a análise do documento enquanto monumento permite à memória coletiva recuperá-lo e ao historiador usá-lo cientificamente, isto é, com pleno conhecimento de causa.¹⁸⁶

A partir dessa abordagem mais ampla, as fotografias podem ser fontes úteis para interpretação histórica. Se ela é um produto de sua sociedade, ela está carregada de impressões sobre seu tempo e sobre aqueles que a produziram. Os temas retratados falam sobre si e também sobre os interessados em perpetuar tal quadro. Avaliar criticamente a fonte fotográfica, abordando além de somente a imagem que se mostra é aspecto fundamental para pensarmos o meios onde essa imagem foi produzida. LeGoff nos permite pensar nessa possibilidade quando afirma que:

Não nos devemos contentar com esta constatação da revolução documental e com uma reflexão crítica sobre a história quantitativa de que esta revolução é o aspecto mais espetacular. Recolhido pela memória coletiva e transformado em documento pela história tradicional (“na história, tudo começa com o gesto de pôr à parte, de reunir, de transformar em “documentos” certos objetos distribuídos de outro modo”, como escreve Certeau), ou transformando em dado nos novos sistemas de montagem da história serial, o documento deve ser submetido a uma crítica mais radical.¹⁸⁷

Imagens fotográficas não são somente recordações de eventos. São relatos de uma memória enquadrada dotados de especificidades as quais, quando não evidenciadas podem levar o pesquisador a incorrer em interpretações contaminadas de um sentido menor do que o que na verdade o tem. Susan Sontag também nos mostra a importância de entendermos algumas nuances específicas das imagens captadas por fotografias quando afirma que:

¹⁸⁶ LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Trad. Irene Ferreira, Bernardo Leitão e Suzana Ferreira Borges. 3a. ed. Campinas (SP): Editora da UNICAMP, 1994.

¹⁸⁷ Ibid.

Ao nos ensinar um novo código visual, as fotos modificam e ampliam nossas ideias sobre o que vale a pena olhar e sobre o que temos o direito de observar. Constituem uma gramática e, mais importante ainda, uma ética do ver. Por fim, o resultado mais extraordinário da atividade fotográfica é nos dar a sensação de que podemos reter o mundo inteiro em nossa cabeça — como uma antologia de imagens.¹⁸⁸

¹⁸⁸ SONTAG, Susan. Op. cit.

Trabalhando com o acervo fotográfico da ESAV.

*São afixadas em álbuns, emolduradas e expostas em mesas, pregadas em paredes, projetadas como diapositivos. Jornais e revistas as publicam; a polícia as dispõe em ordem alfabética; os museus as expõem; os editores as compilam.*¹⁸⁹

As se pesquisar o acervo fotográfico referente à ESAV, como em qualquer pesquisa histórica, alguns entraves foram percebidos. No entanto, a metodologia a ser utilizada deve ser capaz de auxiliar o pesquisador no intuito de ultrapassar esses obstáculos a fim de interpretar a fonte e tentar extrair dela suas análises acerca do tema pesquisado. Tentar ultrapassar esses problemas é um exercício necessário devido às características desse tipo de fonte de informação. A obra de Sontag nos fornece direções para a análise desse tipo de memória quando afirma que “fotos fornecem um testemunho. Algo de que ouvimos falar, mas de que duvidamos parece comprovado quando nos mostram uma foto. Numa das versões da sua utilidade, o registro da câmera incrimina.”¹⁹⁰

O acesso ao acervo é relativamente fácil. As imagens estão em fase final de digitalização e publicação no site do Repositório. O acesso aos arquivos físicos também é possível com prévia confirmação com o Arquivo. As fotografias estão, em sua maioria, bem conservadas e bastante nítidas. É claro que algumas estão deterioradas por conta do tempo e de como foram conservadas através dos anos.

O primeiro passo desse trabalho foi uma série de visitas iniciais de caráter exploratório para conhecer as fontes e assim pensar numa organização do trabalho. As demais fontes utilizadas na produção do texto da dissertação também se encontram no mesmo arquivo, o que nos auxiliou no estudo das fotografias.

O trabalho feito pelo ACH em contato com outros servidores da UFV também foi um auxílio. Devido ao fato de a grande maioria das imagens não terem uma data definida, a atribuição de tempo feita a elas se deu segundo várias análises por parte de alguns servidores mais antigos da Universidade, os quais já conheciam a massa documental e também já estavam envolvidos com a memória da Instituição.

A partir dessas informações atribuídas às fotografias, por parte desse trabalho feito anteriormente é que foi feita a nossa seleção. Seguindo as questões e os pontos de discussão da nossa pesquisa fomos analisando as imagens divididas entre aulas práticas e teóricas,

¹⁸⁹ Ibid.

¹⁹⁰ Ibid.

imagens referentes ao alojamento/dormitório e imagens que pudessem ser relacionadas com as Reuniões Gerais. A respeito desse evento outro problema se apresentou. Há somente uma imagem que faz referencia às Reuniões Gerais ainda com a palavra “possível” em destaque. O que nos levou a pensar em outras reuniões ocorridas no mesmo local e com uma estrutura parecida para tentarmos fazer uma pequena ilustração e conseqüente análise do evento. O mesmo aconteceu com a Congregação da ESAV, a qual só tem uma imagem vinda do arquivo do professor PH Rolfs e nenhuma outra imagem nem sequer relacionada.

O resultado do trabalho feito e da tentativa de solução desses problemas é a compilação feita a seguir e as análises referentes às imagens presentes nesse catálogo. As reflexões existentes na dissertação também aparecem como forma de pensarmos esse acervo imagético e assim discutirmos as possibilidades de análise dos processos formadores do esaviano a partir de sua memória fotográfica.

A Congregação da ESAV

Começamos as análises fotográficas pela única imagem presente no Arquivo Central e Histórico da UFV referente à Congregação. Nela podemos observar a reunião do órgão em uma sala do prédio principal. O fato de não haver outros registros fotográficos indicia um possível sigilo por parte da direção central com relação às decisões do grupo.

Mas o que foi a Congregação da ESAV? A Congregação da ESAV era um órgão deliberativo responsável por decidir as estratégias pedagógicas e de controle da ESAV. Era composta pelo diretor, na função de presidente e dos professores da Instituição. Entre as suas atividades estavam, a decisão em casos de indisciplina, a elaboração dos cronogramas, horários de aula, elaboração e votação de estatutos e regimentos da Escola, entre outros. As medidas tomadas para a construção do esaviano passavam normalmente por esse órgão do Estabelecimento.

11108a - Imagem 1: Reunião da Congregação da ESAV - 1928.



Resumo: Reunião da Congregação da ESAV - Rolfs

Ao centro da imagem 1 vemos o professor Peter Henry Rolfs na posição de presidente da reunião. À esquerda, sua filha Clarissa Rolfs, que era sua secretária particular e secretariou as primeiras reuniões até ser substituída pelo secretário da ESAV, Donato Eugenio da Silva. Ao seu lado está o professor Diogo Alves de Melo, possivelmente o professor Hermann Rehaag e no fim da fila o professor Antônio Gonçalves de Oliveira. Do lado direito identificamos o secretário da ESAV, Donato Eugênio da Silva, o vice-diretor, Dr. João Carlos Bello Lisboa em segundo lugar e em penúltimo lugar possivelmente o professor Humberto Bruno.

No final da fileira, possivelmente o Sargento Pedro P. Paiva, responsável pela instrução militar no Estabelecimento. O fato de haver esse tipo de instrução na Escola dava um ar de importância maior ao projeto. Além dos conhecimentos já propagandeados pela Instituição, a prática do serviço militar possivelmente era vista como dotada de valores importantes para a sociedade da época. Tanto que no relatório anual de 1930 o então diretor, Bello Lisbôa lamenta a falta da instrução militar naquele ano:

Não tivemos em 1930, infelizmente, o serviço de Instrução Militar. Apesar dos esforços empregados por esta Directoria, não foi possível evitar o afastamento do Instructor Militar, e recolhimento do material de Guerra do nosso Tiro. Nem os Estabelecimentos de instrução escaparam do vendaval da política, e muitos milhares de jovens brasileiros não puderam se instruir militarmente, porque o Ministério da Guerra, suspendeu, sem maiores satisfações, o serviço que mantinha em cooperação, com os Estabelecimentos de instrução.¹⁹¹

¹⁹¹ Relatório Anual apresentado pelo Diretor da ESAV ao Secretário de Agricultura de Minas Gerais referente ao ano de 1930. Viçosa-MG: UFV, ACH.

Aulas Teóricas

As aulas teóricas na ESAV serviam, segundo discurso da própria direção da Instituição, como complemento ao aprendizado prático. Como o projeto pedagógico da Escola Superior de Viçosa era baseado na valorização do saber prático, as aulas teóricas acabavam em segundo plano. Até mesmo por conta da falta de preparo dos alunos para acompanhar satisfatoriamente tais atividades. Elas aconteciam de acordo com os padrões convencionais. O curso elementar praticamente não tinha aulas teóricas devido à falta de preparo dos alunos.

Em seguida expõe seu modo de encarar as aulas practicas, de accordo com os princípios da “escola activa”: aprender a fazer fazendo. Constituem ellas um objetivo de alto ancance, não se desprezando as aulas theoricas: umas são complemento das outras.¹⁹²

Era uma atividade que sempre vinha acompanhada de valores pragmáticos. A direção central da Escola Superior de Viçosa intencionava aliar a teoria com a prática para obter um técnico que conhecesse o processo de produção agrícola por já tê-lo feito com as próprias mãos. Com isso, segundo a própria direção, ele seria capaz de ser um “leader” mais competente e ensinar seus subordinados de maneira mais eficaz.

O Exmo Dr. Bello Lisbôa falou em seguida sobre os cursos facultativos livres, mostrando a conveniência de ser o “inglês” considerado como de utilidade à Escola, porquanto os melhores livros sobre Agricultura são publicados na referida língua.¹⁹³

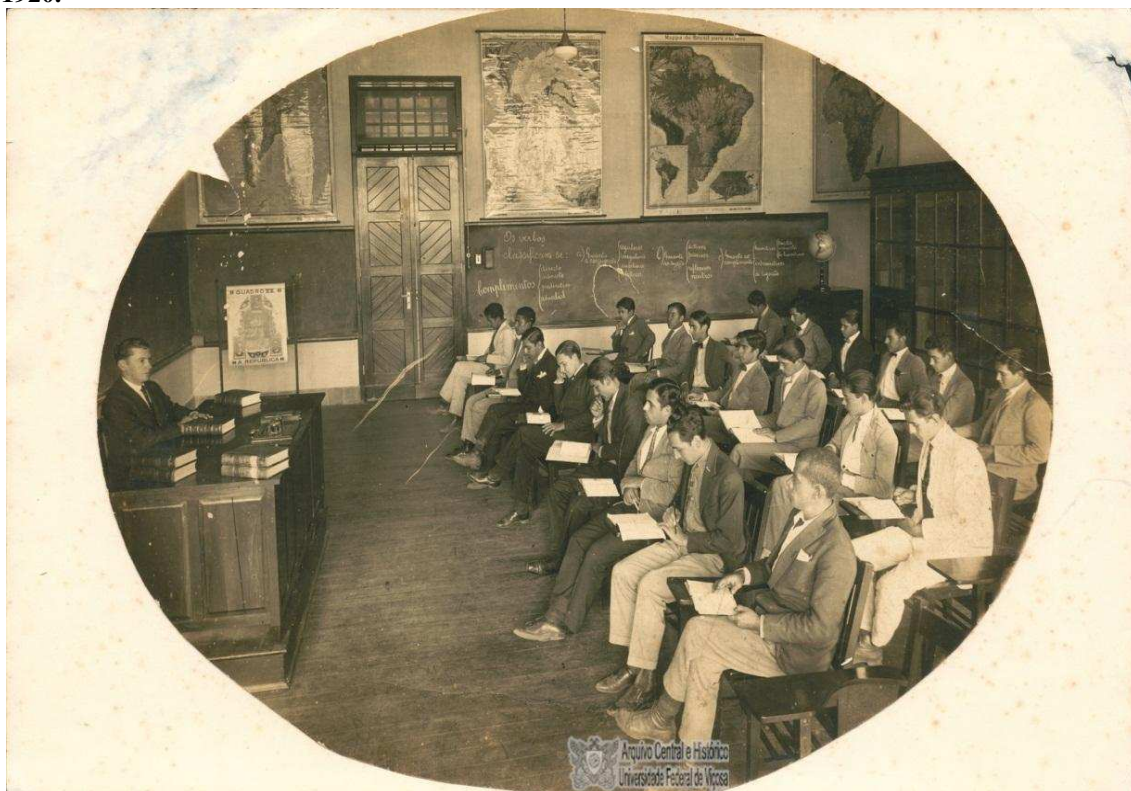
As imagens registradas das aulas nos parecem ter o intuito de divulgar a ordem na sala de aula e a valorização do trabalho de formação empregado pelo Estabelecimento. Nas fotografias selecionadas nesse trabalho é possível termos a sensação de seriedade no processo educacional. A organização é tratada em destaque nas imagens e a dedicação dos alunos ao que se estaria sendo estudado parece passara a imagem de valorização por parte do corpo discente.

A seguir, imagens referentes a aulas teóricas na ESAV.

¹⁹² REUNIÃO DA CONGREGAÇÃO DA ESAV, 1929, Viçosa-MG. Ata. Escola Superior de Agricultura e Veterinária de Minas Gerais, 2 de março de 1929. Viçosa-MG: UFV, ACH. Fl. 6.

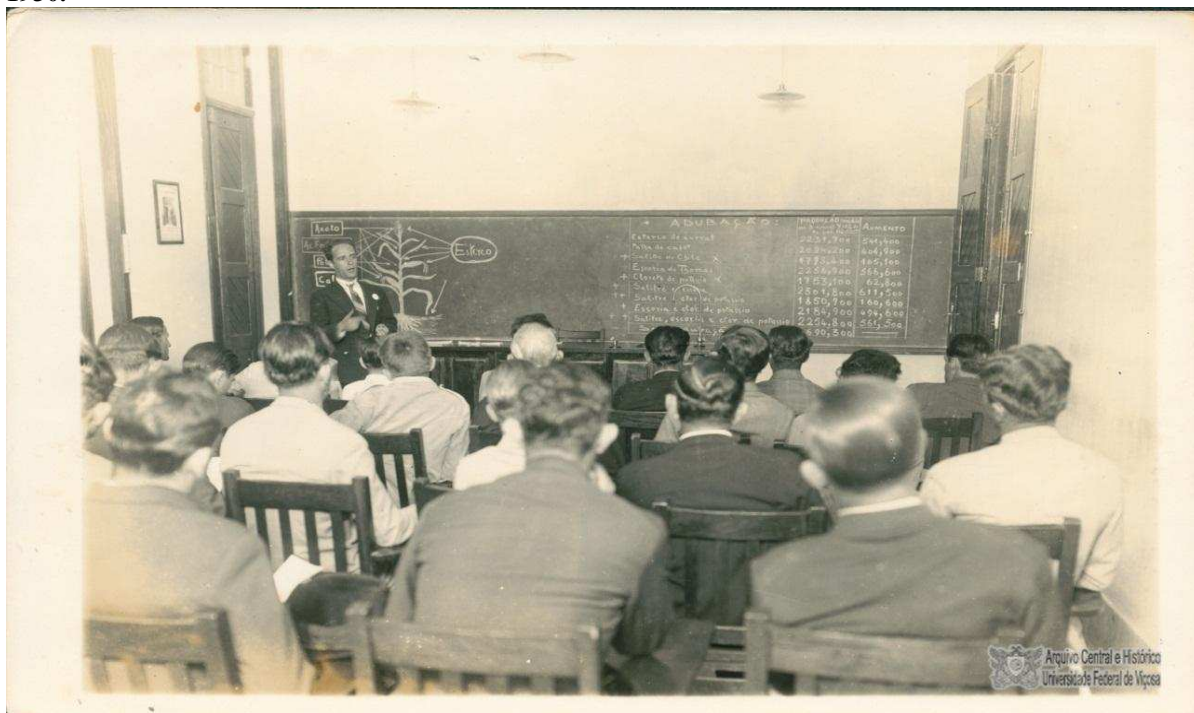
¹⁹³ REUNIÃO DA CONGREGAÇÃO DA ESAV, 1929, Viçosa-MG. Ata. Escola Superior de Agricultura e Veterinária de Minas Gerais, 16 de fevereiro de 1929. Viçosa-MG: UFV, ACH. Fl. 5.

04.01.06.01-08 - Imagem 2: Aula teórica de português com o Professor Manoel da Costa Lanna – Década de 1920.



Resumo: Aula teórica de português com o Professor Manoel da Costa Lanna, em sala do Edifício Principal; ESAV

04.01.06.01-04 - Imagem 3: Prof. Lourenço Menicucci em aula teórica sobre Química do Solo – Década de 1930.



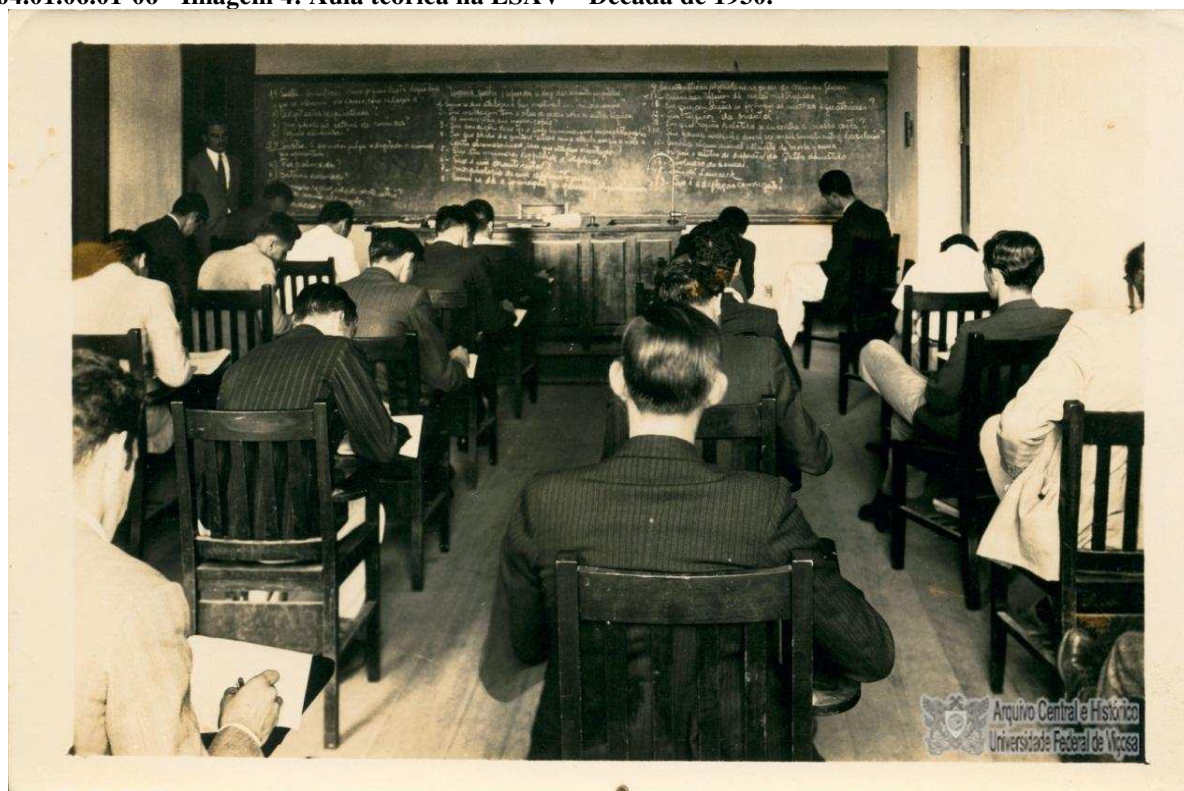
Resumo: Prof. Lourenço Menicucci em aula teórica sobre Química do Solo em sala do Prédio Principal.

As imagens 2 e 3 retratam aulas teóricas, sendo uma de língua portuguesa ministrada pelo professor Manoel da Costa Lanna e outra de química do solo ministrada pelo professor Lourenço Menicucci.

É possível notar na imagem 2 que a ordem na sala de aula foi privilegiada no registro. Possivelmente a sala foi preparada para essa foto, principalmente pela organização dos livros sobre a mesa do professor e a postura dos alunos, todos compenetrados e de livros abertos.

Já na imagem 3, a visão panorâmica vista do fundo da sala dá a impressão de querer valorizar a participação do professor. Ao mostrá-lo em atividade, em uma aula em curso, parece que o objetivo seria registrar o momento em que o professor comunica aos alunos os saberes divulgados pela Escola Superior de Viçosa.

04.01.06.01-06 - Imagem 4: Aula teórica na ESAV – Década de 1930.

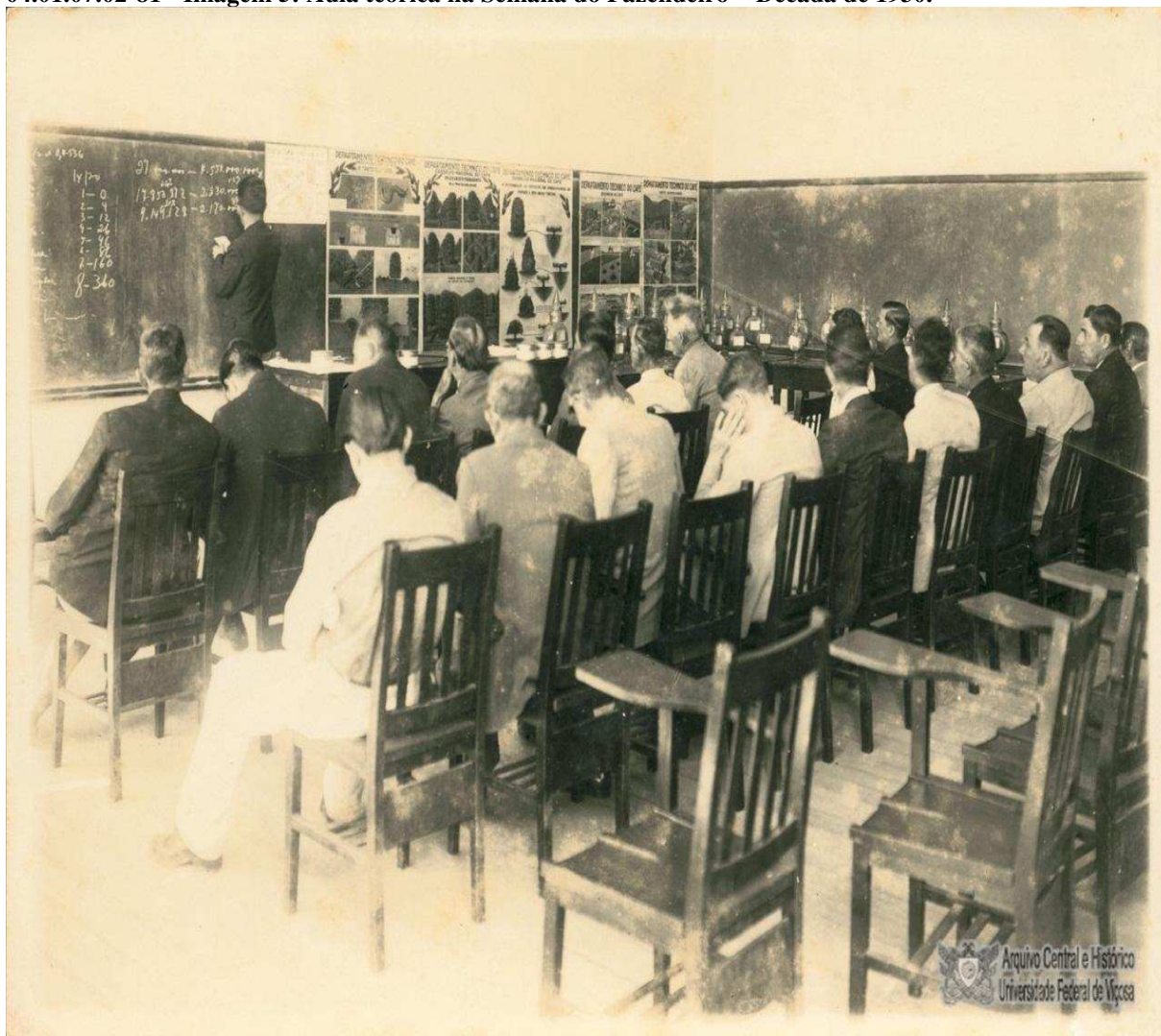


Resumo: Aula teórica em sala do edifício principal. ESAV.

Na imagem 4, além das características já mencionadas, acreditamos que tentou-se valorizar o conteúdo ao dar destaque ao quadro. As vestimentas, a aparente pouca idade dos alunos e o fato de serem em quase sua totalidade brancos nos sugere ser uma turma do curso superior de Agronomia. A dedicação dos alunos aos estudos volta a ser mostrada quando percebemos todos debruçados sobre seus cadernos copiando o que foi passado pelo professor. Essa metodologia foi utilizada devido ao fato de:

Devido a grande falta de livros científicos, no Brasil, para o uso dos alunos, resolveu-se que os professores fizessem esboços das lições diárias para serem (copiados/fornecidos) aos alunos. Estes esboços devem ser mostrados aos professores pelos alunos nas aulas do dia seguinte.¹⁹⁴

04.01.07.02-81 - Imagem 5: Aula teórica na Semana do Fazendeiro – Década de 1930.



Resumo: Aula teórica na Semana do Fazendeiro.

A imagem 5, registrada de forma panorâmica, de uma aula teórica ministrada na Semana do Fazendeiro pode ter um duplo interesse. Em primeiro lugar o registro da atividade para prestação de contas por parte da direção central aos fazendeiros, possíveis entusiastas do trabalho da Escola e ao governo, por meio dos relatórios enviados. Em segundo lugar a divulgação dessa metodologia junto à sociedade agrícola, interessada nos resultados obtidos pelos estudos na ESAV.

¹⁹⁴REUNIÃO DA CONGREGAÇÃO DA ESAV, 1927, Viçosa-MG. Ata. Escola Superior de Agricultura e Veterinária de Minas Gerais, 26 de julho de 1927. Viçosa-MG: UFV, ACH .Fl. 5.

Os fazendeiros da região também passavam por instrução em eventos como a Semana do Fazendeiro. Nesses momentos ele recebiam os resultados dos experimentos testados na Escola para serem implementados em suas propriedades. Essa era mais uma forma de a ESAV participar diretamente na modificação dos processos de produção agrícola de Minas Gerais.

11118a - Imagem 6: Aula noturna para operários analfabetos - 1928.



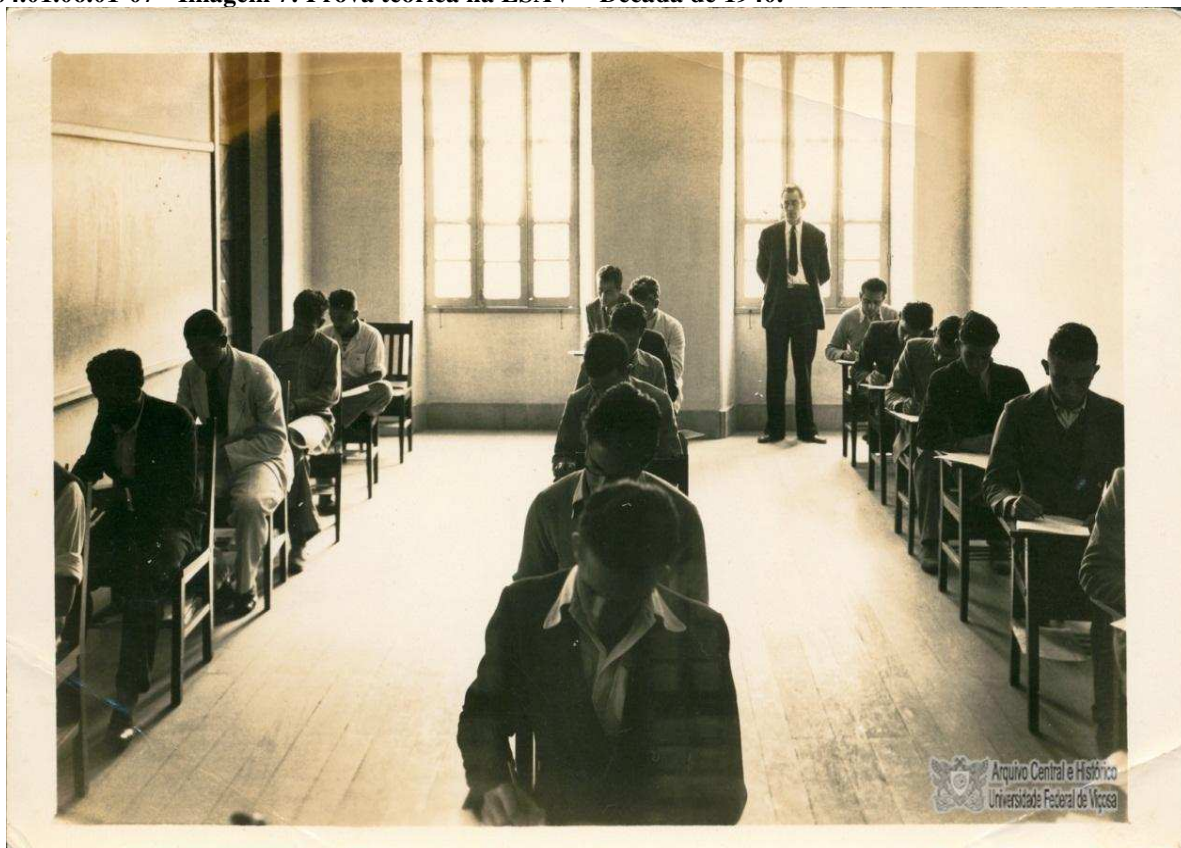
Resumo: Com essas aulas houve redução do analfabetismo, de 90% para 6% em 6 anos. Os operários mostravam-se ansiosos para aprender. Rolfs e Bello Lisbôa ao fundo da sala, à direita.

A imagem 6 retrata a escola dos operários da ESAV participando de aulas noturnas. Foi uma iniciativa que visava diminuir o analfabetismo entre os operários e seus familiares. A definição feita da foto tem um caráter nitidamente de propaganda. Ao afirmar que “os operários mostravam-se ansiosos para aprender” podemos perceber que registrar essas aulas seria uma forma de divulgar mais essa “novidade” trazida pela Instituição. Não é por acaso que o diretor e seu vice aparecem na imagem.

Notamos que há uma grande quantidade de alunos negros, fato que não observamos em outras imagens das turmas convencionais e a vestimenta é bem diferente das registradas em imagens anteriores. Muitos aparecem descalços e mesmo os professores aparentam um ar de humildade maior que os de outras turmas. Outro fato que nos reforça a ideia de intenção de

divulgação é o fato de todos os alunos estarem de livros abertos. Se era uma turma de analfabetos, a dificuldade de ler é claramente negligenciada na imagem. A presença do diretor P.H. Rolfs e do vice Bello Lisbôa na imagem também nos leva a crer na hipótese mencionada.

04.01.06.01-07 - Imagem 7: Prova teórica na ESAV – Década de 1940.



Resumo: Prova teórica em Sala de Aula do Edifício Principal da ESAV.

Se o objetivo era demonstrar ordem e rigidez, registrar a aplicação de provas teóricas seria uma ferramenta interessante.

O professor ao fundo da imagem 7, observando atento aos alunos os quais estão efetuando uma prova pode indicar a importância de se avaliar o aprendizado na Escola. Registrar nesse caso significa provar que existe um processo de avaliação levado muito a sério no Estabelecimento.

A posteridade aqui adquire outros sentidos além do simples registro para arquivo. Ter a imagem de uma aplicação de prova permitiria confirmar que os alunos eram avaliados de maneira a garantir uma formação sólida.

Aulas Práticas

As aulas práticas eram o “carro chefe” da metodologia da ESAV, baseada na ideia do “aprender fazendo.” Era nesse espaço que o técnico esaviano seria construído de fato, aprendendo na prática o trabalho que iria orientar no futuro. Pensadas como principal ferramenta pedagógica da Escola, essas aulas eram constantemente tratadas pela direção central do Estabelecimento com muita importância. O planejamento e a dedicação aos trabalhos nessas atividades foram em vários momentos, cobrados dos professores pela direção. As orientações e cuidados com essas aulas eram motivo de muitas discussões nas reuniões da Congregação, como podemos ver a seguir:

Pedi muita atenção aos Srs. Professores para as aulas e trabalhos praticos. As aulas praticas devem ser previamente preparadas. O Sr. Professor Bruno declarou que tem observado os alumnos não gostam ou antes têm a tendência de não repetirem trabalhos já realizados.¹⁹⁵

Como veremos nas imagens a seguir, elas não aconteciam somente nos campos experimentais, mas também em laboratórios e até mesmo em salas de aula. Ali era forjado o técnico esaviano. Se o aluno aprendesse na prática, seu conhecimento seria, segundo a direção da ESAV, mais aprofundado e ele teria condições de atuar melhor na direção dos trabalhos para o desenvolvimento da agricultura.

O emprego desse método de ensino fundamentado no aprender fazendo, além de ser poupador de mão-de-obra, em termos de contratação institucional de diaristas ou jornaleiros, também permitiu aos discentes o manuseio de máquinas e equipamentos agrícolas e o acompanhamento, mais direto e efetivo, do andamento das pesquisas, dos experimentos e seus resultados, como por exemplo, as pesquisas para destruição de pragas, como a saúva, as técnicas para aperfeiçoamento das culturas existentes e a introdução de novas espécies de plantas e animais.¹⁹⁶

A impressão que se tem é a de que o importante não é formar trabalhadores com títulos, mas sim uma mão-de-obra qualificada capaz de elevar a produção agrícola do estado.

¹⁹⁵ REUNIÃO DA CONGREGAÇÃO DA ESAV, 1932, Viçosa-MG. Ata. Escola Superior de Agricultura e Veterinária de Minas Gerais, 7 de abril de 1932. Livro 2. Fls. 3-4

¹⁹⁶ AZEVEDO, Denílson Santos. *Melhoramento do Homem, do Animal e da Semente. O Projeto Político Pedagógico da Escola Superior de Agricultura e Veterinária do Estado de Minas Gerais (1920-1948): Organização e funcionamento*. São Paulo: USP. 2005. p. 126

As imagens a seguir nos dão uma ideia de como essas atividades se desenvolviam na Escola Superior de Viçosa. A grande quantidade de fotografias dessas atividades também nos indiciam a importância dela para o projeto da Instituição. A seguir, imagens de diversas aulas práticas realizadas na ESAV.

04.01.06.03-10 – Imagem 8: Aula de pulverização agrícola em plantações da ESAV – Década de 1930.



Resumo: Demonstração de pulverização agrícola em plantações da ESAV, pulverização no pomar.

04.01.06.02-46 – Imagem 9: Aula prática de pulverização agrícola – s/d.



Resumo: Registro de possível demonstração de pulverização agrícola em aula prática na ESAV.

As imagens 8 e 9 são de supostas aulas de pulverização, as quais foram motivos de algumas discussões durante a pesquisa. Tudo porque alguns estudos indiciam que as primeiras máquinas agrícolas foram adquiridas somente na década de 1950, já com a Instituição pertencente à UREMG. No entanto, segundo informações do ACH, essas imagens foram doadas do arquivo pessoal do diretor João Carlos Bello Lisbôa, feitas durante sua atuação na Escola Superior de Viçosa.

Acreditamos que esse maquinário possa ser de propriedade de fazendeiros da região, envolvidos com o projeto da Escola e interessados em seus resultados para suas propriedades. Essas imagens representam a modernização dos processos produtivos, tão divulgada pela Instituição e tão almejada pelos fazendeiros.

04.01.06.02-51 - Imagem 10: Aula prática – abertura de cova em campo experimental para estudos. – s/d.



Resumo: Aula prática; professor e alunos em aula de campo possivelmente sobre combate à formiga saúva.

Na imagem 10 vemos uma atividade de abertura de cova, talvez para estudo de combate à formiga saúva. Ali podemos indiciar a presença da metodologia empregada nas aulas práticas: o aprender fazendo. Segundo o que era colocado em vários momentos da documentação pesquisada, a direção central investia a maior parte de seus esforços na valorização desse tipo de ensino onde, o aluno participava diretamente das atividades das aulas executando as atividades agrícolas.

Aqui vemos os alunos em atividade. Enquanto um remove resíduos da cova, outros analisam esses resíduos. Alguns ainda observam o processo. É importante vermos que as vestimentas não aparentam ser a de lavradores, o que significava para a direção central, mostrar que o profissional agrícola também teria o mesmo status dos demais profissionais com instrução.

04.01.06.02-35 – Imagem 11: Alunos em aula prática de enxertia de mudas de citrus – 1929.



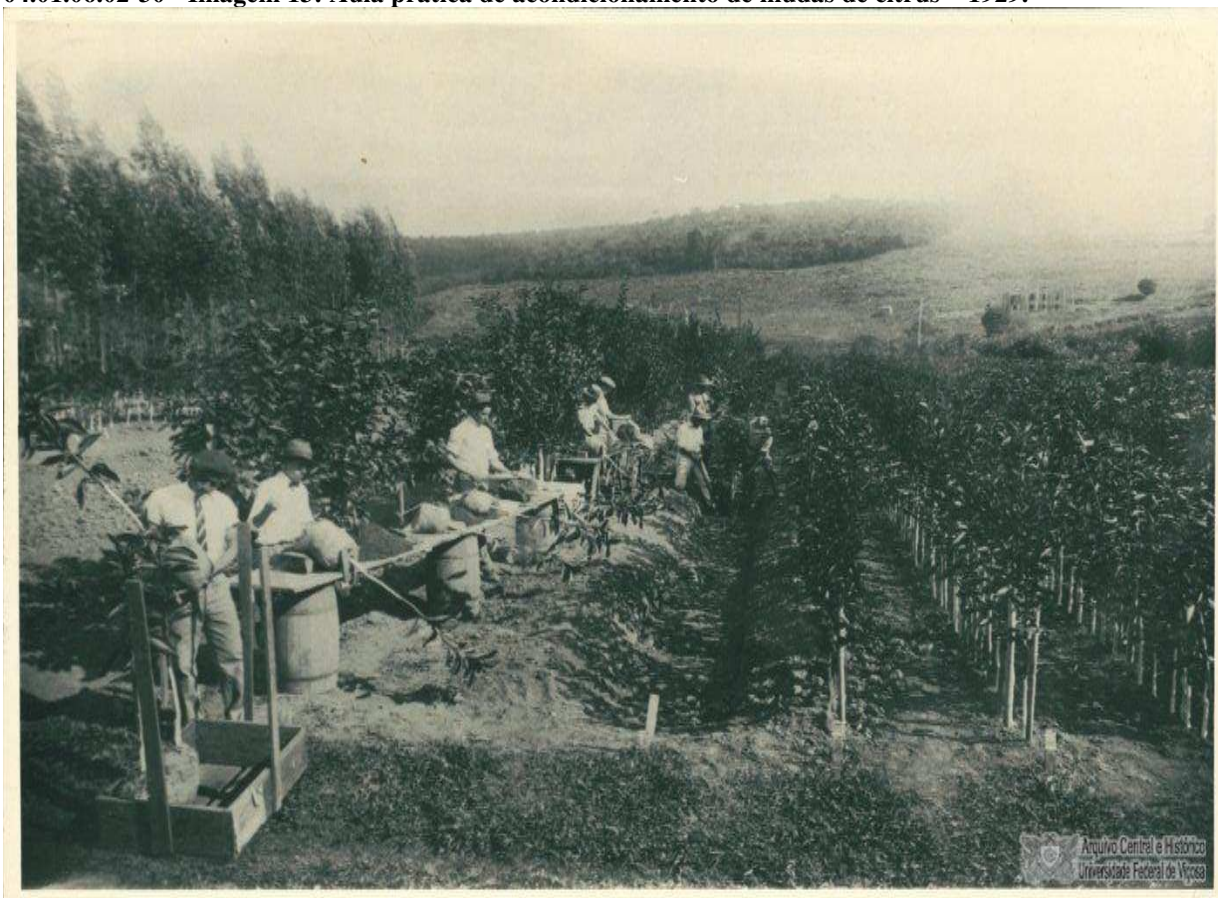
Resumo: Alunos em aula prática de enxertia de mudas de citrus, no setor de Pomicultura da ESAV.

04.01.06.02-31 - Imagem 12: Aula prática de mudas de citrus – Década de 1920.



Aula prática com mudas de citrus, alunos sentados ao lado das mudas.

04.01.06.02-30 - Imagem 13: Aula prática de acondicionamento de mudas de citrus – 1929.



Alunos em campo de produção. Aula prática com mudas de citrus. Alunos acondicionando as mudas para exportação.

As imagens 11, 12 e 13 nos chamam atenção pelo fato de, em teoria, representarem alunos em situação de aula prática com a produção e acondicionamento de mudas de citrus. No entanto alguns pontos merecem ser salientados.

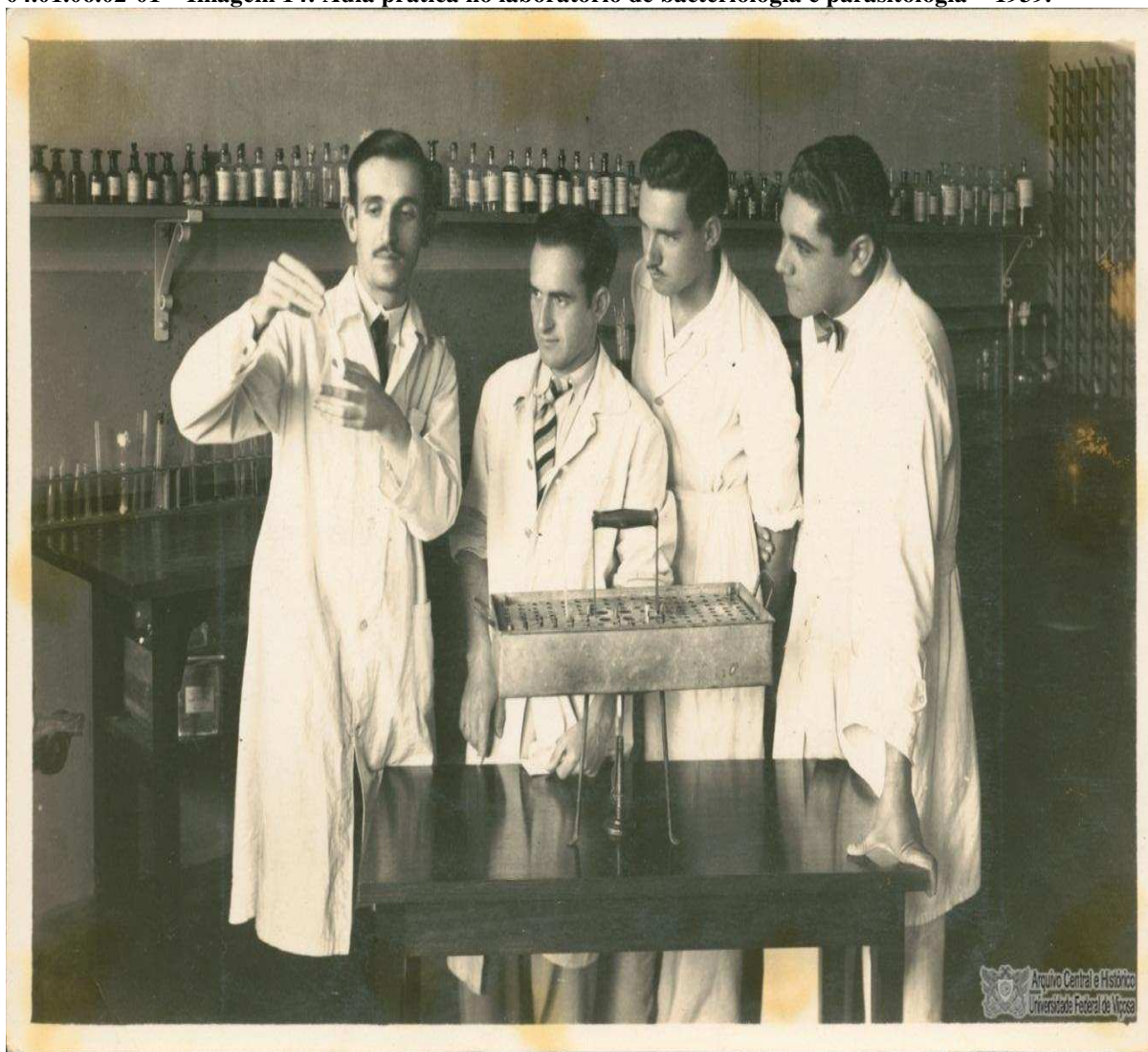
Em primeiro lugar, as imagens 11 e 12 parecem representar, se eram realmente alunos em aula prática, possivelmente seriam membros do curso elementar, os quais tinham a quase totalidade das aulas práticas nos campos experimentais. Pela natureza da formação ministrada a eles é possível que uma situação de aula dessas, com um contato tão direto com a terra e com as mudas possam ser desse nível de alunos. As vestimentas mais humildes e a presença de alunos negros também nos indiciam essa condição.

Já na imagem 13, podemos indiciar a presença de alunos de níveis mais elevados. Um aluno de gravata, todos analisando materiais sobre uma bancada e a própria legenda da foto, afirmando que alunos preparando mudas para exportação, sugerem que sejam alunos mais graduados em atividade tida como superior. Talvez essa fosse uma função do perfil do técnico esaviano almejado pela Direção Central.

Ao pensarmos que no discurso da Direção da ESAV, um ponto comum era o de que o esaviano seria formado para ser um “Leader”, imaginá-lo em atividades como as retratadas nas primeiras imagens seria no mínimo, antagônico. Por outro lado, a seleção de mudas para exportação é, do ponto de vista econômico, uma atividade que o esaviano necessita saber, já que está sendo preparado para dirigir atividades agrícolas.

Por isso, a nossa hipótese é a de que algumas dessas atividades não condiziam com o status que a Direção gostaria para seus agrônomos. Da mesma forma que essas mesmas atividades caberiam melhor no currículo de alunos que seriam formados para funções como a de capatazes rurais.

04.01.06.02-01 – Imagem 14: Aula prática no laboratório de bacteriologia e parasitologia – 1939.



Resumo: Alunos e professores em aula prática no laboratório de bacteriologia e parasitologia; edifício principal; ESAV

04.01.06.02-12 - Imagem 15: Aula prática de parasitologia – Década de 1930.



Resumo: Alunos com microscópio em aula prática de parasitologia com o professor Nello de Moura Rangel no Edifício Principal.

As imagens 14 e 15 representam bem a inovação pregada pela Direção Central da ESAV para a modernização da produção agrícola em Minas Gerais. A utilização da ciência como forma de obter melhores resultados era o que seduzia as elites mineiras envolvidas com o projeto de formação da Escola Superior de Viçosa.

Esse era o status que os diretores e o corpo docente intencionavam para o técnico esaviano: o de um estudioso, de um pesquisador que utilizaria do saber científico a serviço da agricultura mineira e brasileira.

Os educadores modernos reconhecem que as ciencias applicadas figuram entre os elementos mais importantes na instrucção de hoje. Na geração passada, negavam muitos educadores que as scienceias applicadas possuíssem valor educacional.¹⁹⁷

¹⁹⁷ ROLFS, P.H. **O ensino agrícola mineiro e brasileiro.** Tese apresentada à II Conferência Nacional de Educação realizada, de 4 a 11 de novembro de 1928. Belo Horizonte: p. 16-17.

04.01.06.02-04 - Imagem 16: Aula prática de Veterinária – Década de 1930.



Resumo: Alunos e professores em aulas práticas de veterinária

04.01.06.02-03 - Imagem 17: Aula prática de veterinária – 19/03/1937.



Resumo: Alunos e professor em frente à um barracão com bezerro; aula prática; ESAV.

As atividades com animais na ESAV também foram bastante registradas em imagens. Tanto as aulas de veterinária, quanto as de zootecnia utilizavam de animais para passar conceitos técnicos nas aulas práticas.

Na imagem 16, o que mais nos chamou atenção foi o fato de ter uma vaca dentro de uma sala de aula. Uma atividade que talvez fosse pensada em outro espaço, quando num local, talvez inusitado para a época, nos causa curiosidade. Todos em volta vestidos de branco é outro ponto a se atentar. Isso dava o ar científico da atividade.

Na imagem 17, a intenção parece ser mesmo apenas um registro para a posteridade de um evento prático. Como não estão em prática, mas sim posicionados para a fotografia, podemos acreditar que é um registro para a posteridade. O animal ao centro provavelmente foi a cobaia do estudo. Ainda sim, nos parece inusitado o fato de um registro como esse.

04.01.06.02-02 - Imagem 18: Aula prática de veterinária na ESAV – s/d.



Resumo: Grupo de alunos em aula sobre anatomia de um cavalo; aula prática; ESAV.

04.01.06.02-40 - Imagem 19: Aula prática com bovinos em campo – s/d.



Resumo: Alunos em aula prática com bovinos no Departamento de Zootecnia.

A imagem 18 retrata uma aula de veterinária onde os alunos estudam utilizando um cavalo. Percebemos nela que muitos dos presentes executam alguma função na atividade. Os demais assistem aos procedimentos. Esse deveria ser o objetivo do “aprender fazendo” tão divulgado pelos membros da direção e corpo docente: o aluno aprender praticando para conhecer o que vai instruir na vida profissional.

Já a imagem 19 mostra uma aula prática do Departamento de Zootecnia. Mais uma vez as vestimentas dão o tom de ciência na atividade. Aparentemente está sendo registrada alguma técnica de manejo de bovinos. Não é possível definir o motivo do registro, mas talvez seja para se poder acessá-lo em uma aula futura. Claro que a divulgação em forma de publicações para os fazendeiros também é uma hipótese possível.

04.01.06.02-47 - Imagem 20: Aula prática de preparo do solo – Década de 1930.



Resumo: Aula prática com arado para preparo do solo.

04.01.06.02-20 - Imagem 21: Aula prática de máquinas agrícolas – Década de 1930.

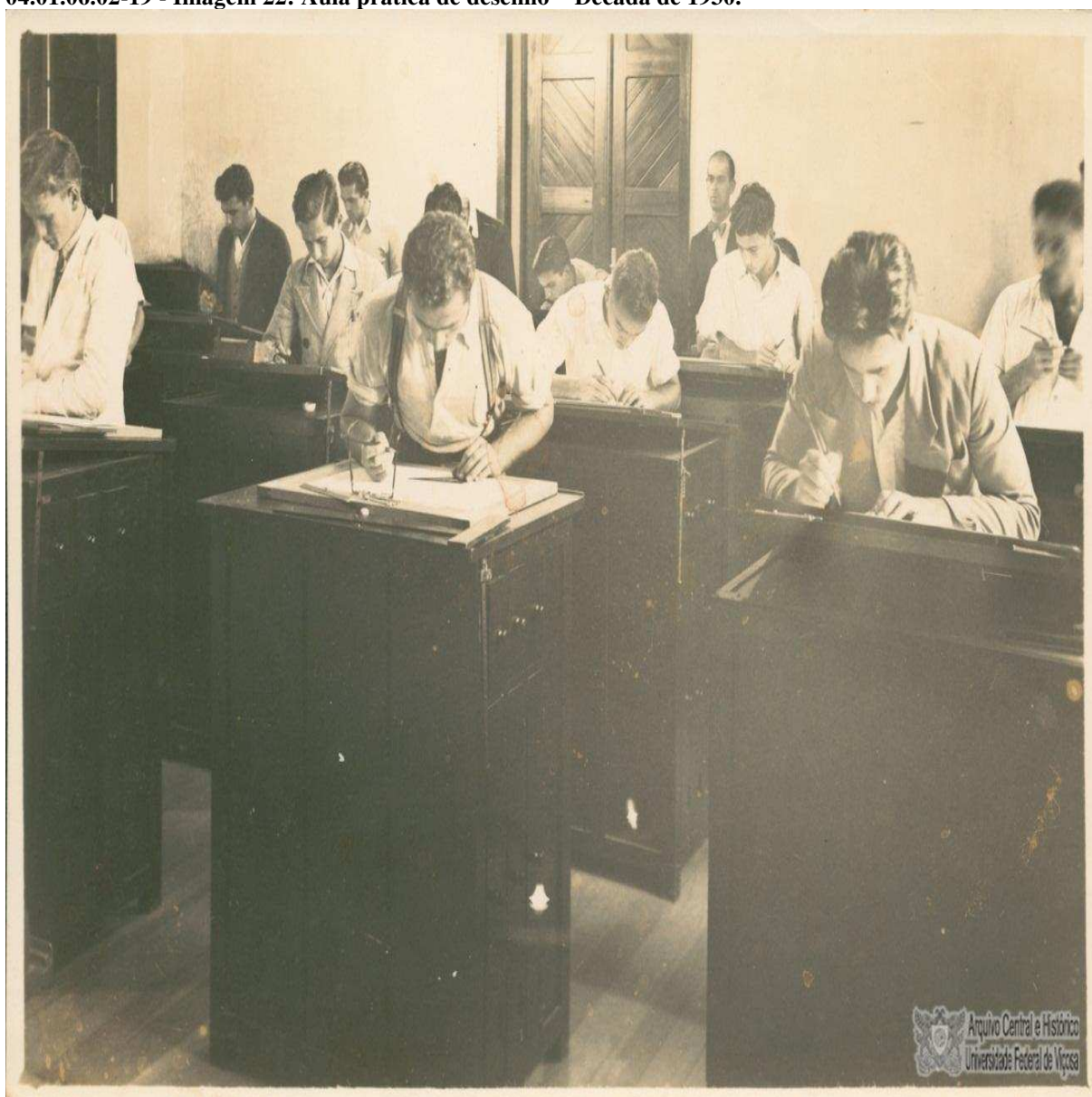


Resumo: Alunos em aula prática de máquinas agrícolas do Departamento de Engenharia Rural

As imagens 20 e 21 representam aulas de campo as quais também contemplavam a utilização de maquinário para a otimização dos processos produtivos. Mais uma vez é possível sentir a intenção de propagandar o novo por parte da Instituição ao registrar esse tipo de evento. A ideia poderia ser a de mostrar o interesse dos alunos em aprender seguindo esses moldes pedagógicos e utilizando de novas técnicas de produção.

No entanto, se observarmos bem podemos visualizar que há entre os presentes um ar de curiosidade, de aprendizado. Pode ser também que o registro imagético de uma atividade de campo se dê como forma de se guardar um modo de trabalho, além de prestar contas à direção central nos relatórios anuais.

04.01.06.02-19 - Imagem 22: Aula prática de desenho – Década de 1930.



Resumo: Alunos em aula prática de desenho em sala do edifício principal.

04.01.06.02-13 - Imagem 23: Aula prática de desenho – Década de 1930.



Resumo: Alunos em aula prática de desenho em sala do edifício principal.

As aulas práticas se davam em ambientes diversos. Já mostramos imagens de aulas em laboratórios, em campos experimentais e em ambientes fechados com animais. As imagens 22 e 23 retratam aulas de desenho, realizadas em padrões de aula teórica, utilizando-se de salas de aula. A diferença nítida nas imagens é o mobiliário utilizado. Mesas para desenho formam o que possivelmente seria uma sala específica para essa atividade.

Nos chamou atenção o perfil dos alunos. Aparentemente mais jovens, provavelmente eram alunos dos cursos superiores, os quais aceitavam alunos a partir de 16 anos. Uma característica que sempre chama atenção nas fotografias de atividades em salas de aula é sempre retratar a concentração dos alunos na atividade. A impressão que sempre é passada é a de que os alunos se empenhavam ao máximo. Talvez mais uma característica pretendida ao esaviano: concentração e dedicação ao saber agrícola e ao trabalho.

O Sistema de Internato

O sistema de internato da ESAV foi um ponto de grande impacto para a formação do perfil esaviano na Instituição. Era um formato que, até então, preocupava por ter outros exemplos mal sucedidos no país.

O serviço de sua secção manteve-se com a mesma regularidade dos anos anteriores e representa, com certeza, o melhor exemplo de internato leigo de Escolas Superiores, na América do Sul. Foram internos no 1º semestre 176 alunos e, pensionistas, -10 professores; no segundo semestre, 150 alunos e 10 professores pensionistas.¹⁹⁸

Segundo a direção, no entanto, o modelo utilizado na ESAV se diferenciava dos demais devido à rígida disciplina imposta aos alunos. As punições às transgressões ocorridas nesse ambiente ocupam muitas discussões da Congregação registradas nas Atas. Longe de seu lar, o aluno ficava sob forte vigilância dos servidores responsáveis pelo setor, e até mesmo dos próprios colegas. Ali o esaviano aprenderia a respeitar as regras e a conviver, além de aprender a solucionar seus problemas sozinho, o que lhe daria independência.

O internato continua tendo grande preferência pelos alunos. Só ficam externos geralmente os alunos com residência em Viçosa. A taxa de Internato rendeu em 1930 – 128:018\$300 e a despesa total se elevou a 77:992\$961, notando-se um saldo de 50:025\$339.¹⁹⁹

Os alojamentos da ESAV eram locais onde o aluno era fortemente pressionado a se portar de acordo com os padrões impostos pela direção do Estabelecimento. No entanto a imagem de um ambiente agradável era veiculada, possivelmente como uma tentativa de se consolidar o sistema e divulgar uma imagem de sucesso do internato, porém o uso como ferramenta de construção do esaviano foi marcante como podemos ver na declaração do ex-aluno e professor Antônio Secundino de São José:

¹⁹⁸ RELATÓRIO ANUAL DA ESAV. Apresentado ao Secretário de Agricultura do Estado de Minas Gerais. 1932. Viçosa – MG: UFV, ACH. p. 85-86.

¹⁹⁹ RELATÓRIO ANUAL DA ESAV. Apresentado ao Secretário de Agricultura do Estado de Minas Gerais. 1930. Viçosa – MG: UFV, ACH. p. 14.

...aquele tempo, a entrada nos dormitórios, a noite, era as 7:30. Aos Domingos, as 9:00 horas. Aos Sábados, “depois do cinema”. Ora, o estudante está sempre pronto a sofismar sobre as leis que os regem, e desde que oportunidade se apresente, a interpretá-las da maneira mais conveniente aos seus próprios interesses. Eis por que achávamos que meia noite, uma, duas ou três horas da madrugada era ainda “depois do cinema”.²⁰⁰

11103a - Imagem 24: Alunos em frente ao Alojamento-Dormitório – 1928.



Resumo: Estudantes, em frente do Dormitório. Um grupo de três ou quatro estudantes ocupa uma “suíte”, com uma sala de estudo e um quarto de dormir. 1928.

04.01.02.03-06 - Imagem 25: Vista Parcial do Alojamento-Dormitório ESAV – 1928.



Resumo: Vista parcial do alojamento da ESAV com possíveis alunos reunidos ao redor do prédio.

²⁰⁰ Texto do professor Antônio Secundino de São José, extraído do livro de formatura da turma de Formandos da ESAV de 1939. Viçosa-MG: UFV. ACH.

A imagem 24 é uma vista parcial do prédio do alojamento da ESAV. A presença de supostos alunos em situação de descontração, nas calçadas, nas janelas dos quartos ou em suas bicicletas transmitem uma mensagem de calma, tranquilidade e felicidade. Os presentes parecem relaxados, o que pode significar que viver ali seria confortável para elas.

No entanto, nas pesquisas documentais é possível perceber que o regime disciplinar era rígido por parte da direção da Escola Superior de Viçosa e que as transgressões às regras eram comuns por parte dos alunos.

A propaganda de um sistema de internato de sucesso, uma novidade em escolas agrícolas no país, era corroborada por imagens como essa. A imagem de um prédio novo, amplo e aparentemente confortável seria um atrativo a novos alunos.

04.01.09.01-54 - Imagem 26: Exibição ciclística em frente ao Prédio do Alojamento – s/d.



Resumo: Exibição com bicicletas por estudantes da ESAV em frente ao Prédio do Alojamento

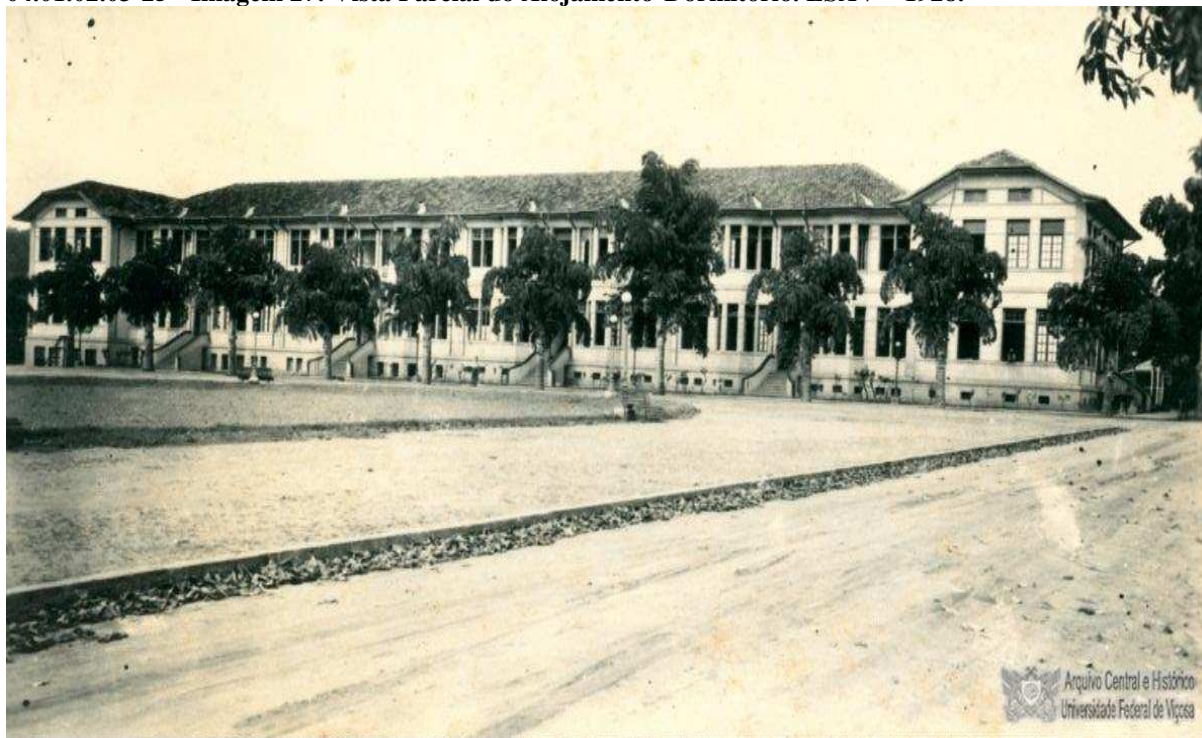
A imagem 26 é mais uma que enfatiza a vida social nos alojamentos da ESAV de maneira a retratar a vida ali como algo de forma agradável. Uma reunião de alunos com bicicletas em um evento de lazer transmite uma imagem útil, tanto do ponto de vista da divulgação do sistema de alojamentos, quanto pela necessidade de se prestar contas junto ao governo do estado.

Esse registro possivelmente foi feito para divulgação do evento junto às comunidades, da Escola e mesmo da cidade e cidades vizinhas. A intenção de se retratar um evento social dando foco ao local onde ele ocorre serviria bem ao propósito de propagandear a convivência nos alojamentos.

A disciplina imposta aos alunos internos, por motivos óbvios, não era retratada. As normas de conduta e a constante vigilância existiam, segundo a documentação institucional, e em muitos casos eram descumpridas pelos alunos, como é possível ver no trecho a seguir de um discurso do professor Antônio Secundino de São José:

Mais de um no chuveiro era ainda considerado ofensa à moral. Certa ocasião estávamos cinco num chuveiro ao mesmo tempo. Cinco rapazes num quarto de banho não são, em absoluto, a imagem do silêncio e da calma. Nisso, um sexto bate à porta. -“Não há mais lugar”, dizemos nós. Novas batidas, mais fortes, mais enérgicas. “Abre a porta e vamos dar um susto nesse...” disse um de nós, enchendo as conchas das mãos de água fria e se escondendo atrás da porta. Abriu-se a porta e... era o Sr. Diretor!... Ainda bailam nos meus ouvidos as palavras dum dos maiores “sabões” que jamais ouvi em toda minha vida.²⁰¹

04.01.02.03-25 - Imagem 27: Vista Parcial do Alojamento-Dormitório. ESAV – 1928.



Vista Parcial do Alojamento-Dormitório. ESAV

²⁰¹ Ibid.

04.01.02.03-24 - Imagem 28: Vista Parcial do Alojamento-Dormitório ESAV – 1928.



Vista Parcial do Alojamento-Dormitório. ESAV.

As imagens 27 e 28 registram o porte e a imponência do prédio dos alojamentos também fez parte dos registros fotográficos sobre a ESAV. Uma construção de grandes dimensões, direcionada para ser moradia de alunos em uma escola agrícola aparenta ser de interesse da direção central da ESAV. Tanto que, além dessas imagens, ainda existe no acervo, fotografias da construção do prédio.

As Reuniões Gerais

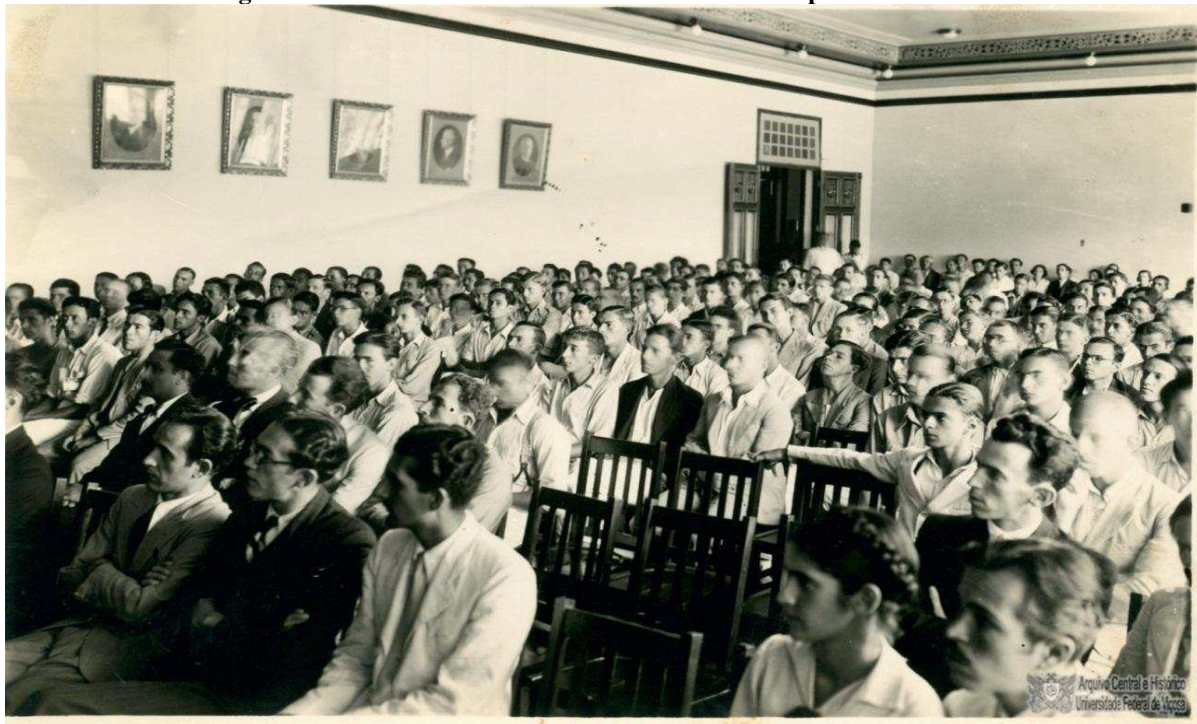
As Reuniões Gerais eram eventos do calendário permanente da ESAV. Aconteciam inicialmente todos os dias. A partir de meados da década de 1930 começou a perder força e passou a acontecer menos vezes por dia.

Nesse espaço a diretoria e o corpo docente agiam no sentido de moldar as condutas do homem esaviano. Preleções sobre assuntos variados, sempre de caráter utilitário, eram ministradas com o intuito de inculcar em todo o pessoal da Instituição os ideais e conhecimentos que sua direção central achava serem primordiais para sua conduta, tanto técnica, quanto social.

Muitas imagens de reuniões presentes no arquivo, e por consequência nessa seleção, podem não ser das Reuniões Gerais. Algumas aparentam ser do Mês Feminino, ou são preleções da Semana do Fazendeiro, ambos eventos extensionistas ocorridos na ESAV. No entanto, as imagens nos mostram a configuração muito próxima do que ocorria nas Reuniões como a fala do prelecionista a frente, os professores sentados na primeira fileira e os expectadores nas demais cadeiras, atentos ao discurso.

Assim, a ESAV divulgava sua ideologia de modernidade e modernização, de patriotismo e de civilidade, seja aos seus alunos, seja aos visitantes de seus eventos.

04.01.09.01-59 - Imagem 29: Possível Reunião Geral no Salão Nobre – possivelmente na década de 1940.



Resumo: Evento no Salão Nobre da ESAV. Senhores assentados atentos a possível preleção.

A imagem 29 permite que vejamos com clareza a configuração das Reuniões Gerais ocorridas na ESAV. O corpo docente sentado à frente e os alunos logo atrás, todos atenciosos ao palestrante. O destaque da imagem não é o prelecionista, mas sim, o público.

Analisando a imagem a partir dos dados obtidos em pesquisa documental podemos indicar que essa reunião específica ocorreu nos primeiros anos da Escola. Segundo as fontes, nos anos na segunda metade da década de 1930 e na década de 1940 esse evento teve um decréscimo no número de participantes e é comum vermos relatos de que as reuniões ocorriam no Salão Nobre do Prédio Principal vazio.

Nessas reuniões eram transmitidos aos alunos e funcionários os valores e as normas de conduta a serem seguidas dentro e fora do Perímetro da Escola. Também eram tratados assuntos de interesse geral, assuntos técnicos diversos, assuntos de valores morais e cívicos além de conceitos de saúde e higiene.

04.01.07.01-25 - Imagem 30: Conferência do Dr. P.H Rolfs na Semana do Fazendeiro – 1931.



Resumo: Conferência do Dr. P.H Rolfs na Semana do Fazendeiro. Na imagem grupo de fazendeiros sentados ouvindo discurso de P.H Rolfs no Salão Nobre da ESAV.

Os fazendeiros também receberam certa influência dos ideais de construção do esaviano. Pelo menos essa era uma ideia presente em parte do discurso da direção da ESAV. A imagem 31 nos ajuda a entender esse fenômeno, ou nos mostrar o idealizador do projeto da Escola Superior de Viçosa, P.H. Rolfs, palestrando para os agricultores.

Além dos alunos, a Instituição intencionava transmitir conhecimentos científicos e técnicos agrícolas aos fazendeiros mineiros, alguns inclusive participantes da administração da Escola formando um órgão chamado de “Junta Administrativa”, responsável por, entre outras coisas, prover investimentos ao Estabelecimento. Logo, orientá-los em eventos como a Semana do Fazendeiro, em palestras como a fotografada, seria uma ferramenta utilizada para essa transmissão. A documentação também nos permite pensar nessa hipótese como nos trechos a seguir:

Em nossas observações levou-nos a convicção de que o serviço de instrução a fazendeiros deverá ser sempre intensificado, afirmamos mesmo, que si esta Escola pesquisasse, e dedicasse todas as suas energias ao referido trabalho somente, já ficavam mais que justificados a sua existência e despêndio.²⁰²

Em outro trecho o diretor Bello Lisbôa fala sobre as visitas aos fazendeiros:

Temos observado que as visitas as fazendas resulta bôa relação entre os agricultores e a Escola; muitos vêm retribuir a visita e consultam por carta, sobre as maiores dificuldades que lhes aparecem, especialmente a doenças de animais.²⁰³

²⁰² RELATÓRIO ANUAL o diretor da ESAV ao Secretário de Agricultura do Estado de Minas Gerais referente ao ano de 1930. Viçosa-MG: UFV, ACH. p. 26

²⁰³ Ibid. p. 23-24.

04.01.09.01-09 - Imagem 31: Reunião no Salão Nobre da ESAV – Década de 1930.



Resumo: Reunião no Salão Nobre da ESAV. Aparentemente no Mês Feminino.

A imagem 31 provavelmente não é de uma Reunião Geral. Isso por que, ao fundo podemos ver que o público é composto de uma maioria de mulheres. Essa informação nos faz pensar que se tratava de uma preleção ocorrida em um evento denominado “Mês Feminino”, que ocorreu em sua primeira edição no ano de 1935²⁰⁴. A segunda edição do evento, ocorrida em 1936 contém alguns registros fotográficos.

Acreditamos, no entanto que a configuração dessa palestra deveria ser muito semelhante às Reuniões ocorridas habitualmente na ESAV. Vemos à frente docentes como os professores Joaquim Fernandes Braga, Geraldo Correa e Diogo Alves de Melo, sentados e logo após os expectadores. O foco da imagem no público dá a impressão de se valorizar o grande comparecimento e a atenção de quem assiste à preleção.

²⁰⁴ BORGES, José M. e SABIONI, Giustavo. A Universidade Federal de Viçosa no século XX. 2ª edição. Viçosa-MG: Editora UFV. 206. p. 37.

Considerações Finais

Analisar informações a partir de um acervo fotográfico pode nos levar a algumas reflexões que valem a pena serem colocadas. Em primeiro lugar, fotografias são fontes construídas intencionalmente para registrar para o futuro. Logo, essa intencionalidade precisa ser considerada. Em segundo lugar, as imagens aqui utilizadas registraram apenas situações positivas, ou seja, nada que pudesse constranger os membros da direção da Instituição ou os alunos. Isso é claro e nos permite pensar que o objetivo desses registros era arquivar o desenvolvimento de um projeto indicando seu sucesso.

A partir daí, o acervo fotográfico referente à ESAV nos permite discutir vários aspectos do cotidiano da Escola. O volume de mais de 1000 fotografias e o estado de conservação delas auxiliam aos pesquisadores na análise acerca das rotinas da Instituição. O fato de essas imagens já estarem digitalizadas e organizadas por temas facilitam muito o trabalho de busca e seleção.

Com relação ao tema dessa pesquisa, as imagens selecionadas retratam momentos onde as práticas pedagógicas e as ferramentas de controle das posturas aparecem. No entanto, como podemos imaginar em se tratando de fotografias, o objetivo é sempre mostrar um ângulo que interessa a alguém, no caso à direção central do Estabelecimento.

O registro das aulas é diverso, no entanto percebemos que as aulas práticas tem um volume muito maior de imagens que as aulas teóricas. A forma como essas aulas práticas foram registradas também se difere das teóricas. Nas aulas práticas, o ambiente variava muito entre salas, laboratórios campos experimentais. A diversidade de focos também aparece. Os procedimentos, os atores e os alunos são retratados em diversas situações. Já as aulas teóricas seguem um padrão mais definido, abordando sempre a ordem e a postura em sala, além do trabalho do professor e do conteúdo.

O sistema de internato também foi alvo dos registros fotográficos. Além de fotografar o edifício, o cotidiano e a vida social em torno dele também ocorreu em algumas imagens. As fotos da construção do prédio existem e as dele pronto também, como mostramos aqui. Mas a vida dos alunos no prédio não foi deixada de lado ao se registrar momentos sociais naquele local.

As ferramentas de formação social também foram retratadas. As Reuniões Gerais podem ter tido poucos registros e apenas um resistiu até nós. Porém outros eventos seguiam a mesma formatação e um objetivo muito próximo, que era formar um pensamento em um

público-alvo. Logo, o que fizemos foi tentar entender esses eventos a partir das imagens fotográficas de outros similares.

Por fim, o que nos ficou como ideia é que os registros imagéticos eram importantes para a direção da Instituição por três motivos. Em primeiro lugar, para divulgação do crescimento e desenvolvimento da Instituição. As imagens retratam momentos positivos a respeito do cotidiano da Escola, o que serviria de ferramenta de propaganda, tanto na divulgação do trabalho aos agricultores quanto na prestação de contas ao governo do estado.

Em segundo lugar, Esses registros poderiam servir como forma de se arquivar alguns procedimentos. Fotografar aulas práticas poderia ter a função de poder, no futuro, repetir um experimento, uma aula ou uma metodologia.

Em terceiro lugar, podemos pensar no sentido, talvez o principal, da fotografia: registrar para a posteridade. Muitas imagens são retiradas de acervos de diretores como PH Rolfs e João Carlos Bello Lisbôa. Assim, o registro de imagens seria uma forma de preservar esses momentos para o futuro da Instituição.

Referências bibliográficas

AZEVEDO, Denílson Santos. **Melhoramento do Homem, do Animal e da Semente. O Projeto Político Pedagógico da Escola Superior de Agricultura e Veterinária do Estado de Minas Gerais (1920-1948): Organização e funcionamento.** São Paulo: USP. 2005. 222p.

BORGES, José M. e SABIONI, Gustavo. **A Universidade Federal de Viçosa no século XX.** 2ª edição. Viçosa-MG: Editora UFV. 206. 671p.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória.** Trad. Irene Ferreira, Bernardo Leitão e Suzana Ferreira Borges. 3a. ed. Campinas (SP): Editora da UNICAMP, 1994. 541p.

MENEZES, Ulpiano T. Bezerra. **Fontes visuais, cultura visual, história visual. Balanço provisório, propostas cautelares.** São Paulo: USP. 2003. p. 20.

ROLFS, P.H. **O ensino agrícola mineiro e brasileiro.** Tese apresentada à II Conferência Nacional de Educação. Belo Horizonte MG: de 4 a 11 de novembro de 1928.

SONTAG, Susan. **Sobre fotografia (ensaios).** São Paulo: Cia. das Letras, 1977. 110p.

Fontes Pesquisadas

Texto do professor Antônio Secundino de São José, extraído do livro de formatura da turma de Formandos da ESAV de 1939. Viçosa-MG: UFV. ACH.

Relatório Anual apresentado pelo Diretor da ESAV ao Secretário de Agricultura de Minas Gerais referente ao ano de 1930. Viçosa-MG: UFV, ACH.

REUNIÃO DA CONGREGAÇÃO DA ESAV, 1927, Viçosa-MG. Ata. Escola Superior de Agricultura e Veterinária de Minas Gerais, 26 de julho de 1927. Viçosa-MG: UFV, ACH. Fl. 5.

REUNIÃO DA CONGREGAÇÃO DA ESAV, 1929, Viçosa-MG. Ata. Escola Superior de Agricultura e Veterinária de Minas Gerais, 16 de fevereiro de 1929. Viçosa-MG: UFV, ACH. Fl. 5.

REUNIÃO DA CONGREGAÇÃO DA ESAV, 1929, Viçosa-MG. Ata. Escola Superior de Agricultura e Veterinária de Minas Gerais, 2 de março de 1929. Viçosa-MG: UFV, ACH. Fl. 6.

REUNIÃO DA CONGREGAÇÃO DA ESAV, 1932, Viçosa-MG. Ata. Escola Superior de Agricultura e Veterinária de Minas Gerais, 7 de abril de 1932. Livro 2. Fls. 3-4

RELATÓRIO ANUAL DA ESAV. Apresentado ao Secretário de Agricultura do Estado de Minas Gerais. 1932. Viçosa – MG: UFV, ACH. p. 85-86.

RELATÓRIO ANUAL DA ESAV. Apresentado ao Secretário de Agricultura do Estado de Minas Gerais. 1930. Viçosa – MG: UFV, ACH. p. 14.

RELATÓRIO ANUAL o diretor da ESAV ao Secretário de Agricultura do Estado de Minas Gerais referente ao ano de 1930. Viçosa-MG: UFV, ACH. p. 26.